



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM**

NILSA TAUMATURGO DE SÁ DE SOUZA

**O ATO TRADUTÓRIO E INTERPRETATIVO A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E EXOTÓPICA
Dialogando com profissionais Tradutores/Intérpretes e Guia-
Intérpretes de Língua de Sinais**

**CUIABÁ-MT
2019**

NILSA TAUMATURGO DE SÁ DE SOUZA

**O ATO TRADUTÓRIO E INTERPRETATIVO A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E EXOTÓPICA**
Dialogando com profissionais Tradutores/Intérpretes e Guia-
Intérpretes de Língua de Sinais

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos de Linguagem, sob a orientação da Prof.^a Dra. Simone de Jesus Padilha.
Área de Concentração: Estudos Linguísticos.

CUIABÁ- MT
2019

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S111a Sá de Souza, Nilsa Taumaturgo de.
O ATO TRADUTÓRIO E INTERPRETATIVO A PARTIR
DE UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA E EXOTÓPICA :
Dialogando com profissionais Tradutores/Intérpretes e Guia-
Intérpretes de Língua de Sinais / Nilsa Taumaturgo de Sá de
Souza. – 2019
123 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Simone de Jesus Padilha.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Mato
Grosso, Instituto de Linguagens, Programa de Pós-
Graduação em Estudos de Linguagens, Cuiabá, 2019.
Inclui bibliografia.

1. Tradução/Interpretação. 2. Tradutor/Intérprete.. 3.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a)
autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGEM
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367, - Boa Esperança - CEP: 76050900 - CUIABÁ/MT.
Tel.: (65) 3615.8418 - Email: escretariappgelufmt@gmail.com

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "O Ato Tradutório e Interpretativo a Partir de Uma Perspectiva Dialógica e Exotópica: Dialogando com Profissionais Tradutores/Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais".

AUTORA: Nilsa Taumaturgo de Sá e Souza
Dissertação defendida e aprovada em 15 de março de 2019.

Presidente da Banca / Orientadora: Doutora Simone de Jesus Padilha
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Interna: Doutora Ana Carolina Nunes da Cunha Vilela-Ardenghi
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Externo: Doutor Luciano Novaes Vidon
Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

Examinador Suplente: Doutor Vinicius Carvalho Pereira
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

CUIABÁ, 15 de março de 2019.

Dedico este trabalho ao meu marido Luíz Souza, por sua compreensão e apoio nesta caminhada e por ser meu porto seguro na hora da ventania; Aos meus filhos Gustavo e Yasmin Vitória, por serem a luz que irradia a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão ao meu Deus, por ter aberto portas na minha vida e me dado entendimento para adentrá-las; por ter me guiado e estado ao meu lado em todos os momentos dessa caminhada. Mesmo quando a minha fé oscilou, Ele a fez sustar. Gratidão, meu Deus!

Gratidão profunda ao meu marido Luiz Souza, que mesmo nos momentos de meu maior estresse, esteve ao meu lado, e, inúmeras vezes, deixou de realizar o que desejava para fazer o que eu precisava. Você é o meu escudo na hora da luta e meu refúgio na hora do temor, meu amado e meu amor.

Gratidão aos meus preciosos filhos, Gustavo e Yasmin Vitória, que em todo esse processo demonstraram que estavam torcendo e preocupados comigo. Que suportaram minhas ausências, mesmo estando por perto. Vocês são minha inspiração e minha razão de viver.

Gratidão a minha mãe Deusa Taumaturgo, que me ensinou a acreditar no meu potencial, a lutar pelos meus objetivos e que conhecimento é um precioso e eterno tesouro; Que me inspira a acreditar que o melhor sempre está por vir, mesmo que hoje eu seja o melhor possível.

Gratidão a todos meus irmãos e irmãs, que mesmo de longe acreditam nos meus sonhos e no meu potencial.

Gratidão imensurável a minha orientadora professora Dra. Simone de Jesus Padilha, por me acolher, me orientar, me transmitir paz e acreditar no meu potencial; Obrigada pela troca de saberes e por ser mais que uma orientadora, por se preocupar comigo e me dar liberdade para alçar voos em busca do meu sonho de pesquisadora. Obrigada!

Gratidão aos colegas do grupo REBAK, pela troca de saberes, pelas palavras de apoio, pelas boas risadas e por todos os momentos de interação. Por serem companheiros que sorriem quando sorrimos e choram quando choramos. Vocês são incríveis e fazem parte dessa caminhada e dessa vitória.

Gratidão aos meus entrevistados, pela recepção calorosa e pela disponibilidade em participarem desta pesquisa. Vocês foram as linhas do

pentagrama no qual compus a melodia na qual soará suas vozes repletas de ecos e ressonâncias: suas e de outros que permeiam nosso trabalho.

Gratidão aos meus colegas TILS da UFMT, alguns mais de perto, outros mesmo que de longe contribuíram para a efetivação desse sonho.

Gratidão aos membros da banca, professor Dr. Luciano Novaes Vidon e professora Dra. Ana Carolina Vilela-Ardenghi, pelo zelo, pela generosidade com que olharam meu trabalho deixando nele suas marcas e valorosa contribuição. Por aceitarem partilhar esse momento comigo, minha eterna gratidão!

Minha profunda gratidão a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a efetivação desse sonho.

RESUMO

A presente dissertação teve como o objetivo central buscar a compreensão do processo dialógico e exotópico que envolve um ato tradutório e interpretativo, bem como enxergar tradução e interpretação por um prisma além de técnico (léxico, regras e vocabulários), mas a partir da relação *eu/outro* e de produção de sentidos. Nela, analisamos essa prática a partir de uma perspectiva dialógica, buscando compreender o processo exotópico na atuação dos profissionais tradutores/intérpretes e guia-intérpretes de línguas de sinais, tendo em mente que esses se deslocam até o lugar do outro, buscando formas de apreender o discurso a ser interpretado. Fundamentando-nos na teoria de Mikhail Bakhtin, buscamos, por meio de entrevistas com profissionais selecionados, adentrar o mundo da tradução/interpretação em língua de sinais, trazendo um breve contexto histórico referente à profissão e à Língua de Sinais. Os sujeitos participantes foram cinco profissionais da área de LS, dos quais dois atuam no Estado de Mato Grosso, dois em São Paulo e um no Rio Grande do Sul. Para a seleção dos entrevistados, consideramos o tempo de experiência, a área e a modalidade de atuação e, além disso, o fato de dois dos profissionais escolhidos estarem envolvidos na interpretação durante jogos da Copa do Mundo de 2014. A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, com oito perguntas gerais (feitas a todos os entrevistados) e perguntas específicas que foram feitas levando em consideração o tipo de profissional e o nosso foco de pesquisa. Procuramos abordar as diferentes modalidades de interpretação em língua de sinais, considerando que cada modalidade visa integrar a pessoa ao meio social no qual ela está inserida a partir das suas especificidades, partindo do pressuposto que, para o sujeito se integrar e interagir no meio, há a necessidade de se relacionar com os participantes da arena dialógica. Debruçamo-nos sobre o trabalho desses profissionais e o analisamos minuciosamente, atrelando-o aos conceitos bakhtinianos. Damos enfoque na questão da fidelidade, assunto um tanto questionado nos estudos da tradução, pois que fidelidade e literalidade são termos distintos, e na questão da produção de sentidos entre os participantes do processo. Os resultados de nossa pesquisa desvendaram que a neutralidade não se correlaciona com fidelidade e que, em uma interação, não existe sujeito passivo, portanto o tradutor/intérprete e o Guia-intérprete são interlocutores ativos ao executarem o seu trabalho, sendo participantes ativos, coautores do enunciado interpretado.

Palavras Chaves: Tradução/Interpretação. Tradutor/Intérprete. Guia-Intérprete. Língua de Sinais. Estudos Bakhtinianos.

ABSTRACT

The present dissertation had as central objective to seek the understanding of the dialogical and exotopic process that involves a translatory and interpretative act; as well as to see translation and interpretation from a prism beyond technical (lexicon, rules and vocabularies), but from the relationship between me and the other and the production of meanings. In it, we analyze this practice from a dialogical perspective, seeking to understand the exotopic process in the work of professional translators/interpreters and guide-interpreters of sign languages, keeping in mind that they move to the place of the other, seeking ways to learn the discourse to be interpreted. We based on the theory of Mikhail Bakhtin; we seek, through interviews with selected professionals, to enter the world of translation/interpretation in sign language, bringing a brief historical context concerning the profession and the Sign Language. The subjects were five professionals from the SL area, two of whom work in the state of Mato Grosso, two in São Paulo and one in Rio Grande do Sul. In order to select them, we considered the experience time, the area and the modality of performance and, in addition, two were involved in the interpretation of the game of the World Cup of 2014. The data collection was done through semi-structured interviews with eight general questions (made to all interviewees) and specific questions that were asked taking into account the type of professional and our research focus. We tried to approach the different modalities of interpretation in sign language, considering that each modality aims at integrating the person into the social environment in which it is inserted from its specificities, starting from the presupposition that, for the subject to integrate and interact in the environment, there is the need to relate to participants in the dialogic arena. We focus on the work of these professionals and analyzed it thoroughly, linking it to the bakhtinian concepts, focusing on the question of fidelity, a subject questioned in the translation studies, since fidelity and literality are different terms, and in the question of production between the participants in the process. The results of our research revealed that neutrality does not correlate with fidelity and that, in an interaction, there is no passive subject, so the translator/interpreter and the guide-interpreter are active interlocutors in carrying out their work, being active participants, co-authors of the interpreted statement.

Key Words: Translation/Interpretation. Translator interpreter. Guide-interpreter. Sign language. Bakhtinian studies.

LISTA DE SIGLAS

CBO – Classificação brasileira de ocupações

CCE – Código de ética e conduta

FEBRAPILS – Federação Brasileira das Associações dos Profissionais tradutores e Intérpretes e guia-intérpretes de Língua de Sinais

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

GI – Guia-intérprete

IF – Intérprete-feed

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LA – Língua alvo

LF – Língua fonte

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LO – Língua oral

LP – Língua Portuguesa

LS – Língua de sinais

PROLIBRAS – Exame Nacional de certificação de Proficiência em tradução/interpretação de Libras/Língua Portuguesa

TILO – Tradutor intérprete de línguas orais

TILS – Tradutor intérprete de língua de sinais

UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Pedra de roseta	22
Figura 02 – Tradutores no julgamento de Nuremberg	23
Figura 03 – Congresso de Linguística de Língua de Sinais	25
Figura 04 – Livros traduzidos na modalidade intralingual.....	28
Figura 05 – Interpretação em Libras Tátil e comunicação háptica nas costas	42
Figura 06 – Alfabeto tátil	42
Figura 07 – Escrita alfabética tátil	43
Figura 08 – Tadoma	44
Figura 09 – Código Braille	45
Figura 10 – Braille digital	45
Figura 11 – Alfabeto podal	45
Figura 12 – III Encontro Nacional dos Intérpretes de LS	50
Figura 13 – Interpretação com TILS, IF e GI	53
Figura 14 – Esquema de Interpretação em LS	75
Figura 15 – Apresentação dos entrevistados	77
Figura 16 – Momento da entrevista no memorial	83
Figura 17 – Quadro de gráficos representando as respostas dos entrevistados	85
Figura 18 – Esquema de interpretação para surdocego	104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAP. 1 – TRADUÇÃO, A ARTE DE TRANSPOR BARREIRAS E ARTICULAR INTERAÇÕES	19
1.1 Breve contexto histórico sobre a tradução	19
1.2 Traduzir/Interpretar	25
1.3 Ser fiel ao discurso, ser fiel ao sentido	31
CAP. 2 – A LÍNGUA DE SINAIS (LS), SUA RELEVÂNCIA E EFETIVAÇÃO	34
2.1 Especificidades e modalidades da LS	38
2.1.1 Libras Tátil	40
2.1.2 Comunicação Háptica nas costas	41
2.1.3 Alfabeto tátil	41
2.1.4 Escrita Alfabética Tátil	42
2.1.5 Tadoma	43
2.1.6 Sistema de Código Braille	43
2.1.7 Sistema Braille Digital	44
2.1.8 Comunicação com o alfabeto Podal	45
2.2 O Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais – TILS	46
2.3 O Guia-Intérprete (GI) de LS	50
2.4 O intérprete-feed na LS	51
2.5 Algumas especificidades do Tradutor/Intérprete de LS-TILS e do Tradutor/Intérprete de LO-TILO	53
CAP. 3 – O TRABALHO DO PROFISSIONAL TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS/LÍNGUA PORTUGUESA SOB AS LENTES DA TEORIA BAKHTINIANA	55
3.1 Dialogismo	56
3.2 A interação verbal e sua amplitude na tradução/interpretação	58
3.3 Enunciado	61
3.4 Tema e significação	63

3.5	Alteridade e exotopia	65
3.6	Sentido e valoração no ato tradutório e interpretativo em LS	67
3.7	O discurso reportado do TILS	71
CAP. 4 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS		77
CAP. 5 – ANALISANDO OS DADOS		85
5.1	Relevância da atuação do TILS na conjuntura atual	87
5.1.1	A “arena de lutas” que permeia o trabalho do TILS	91
5.2	Fidelidade, a (im)possibilidade de ser fiel no ato tradutório e interpretativo ..	94
5.3	Mais que uma profissão, uma “ponte” de diálogo e interação	103
5.3.1	Vozes: além da interação verbal	104
5.4	Exercício constante da alteridade e exotopia na atuação do TILS e do GI .	107
5.4.1	Alteridade além da profissão de TILS/GI	109
5.5	Refletir/refratar na interpretação simultânea	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS		113
REFERÊNCIAS		119

INTRODUÇÃO

O mundo do meu sonho centrado em mim situa-se à minha frente, como o horizonte da minha visão real e eu entro nesse mundo como personagem central que nele atua, vence corações, conquista fama inusitada [...].
Mikhail Bakhtin

No ano de 2014, o Brasil foi palco de um dos eventos esportivos mais importantes mundialmente, a *Copa do Mundo de futebol*. Era um momento eufórico, de esperança de mais um título para o Brasil. Mas também era um momento de decepções para o povo brasileiro. As obras arquitetônicas inacabadas e os rumores de corrupção decepcionavam a todos. No entanto, o futebol é uma paixão brasileira e como nosso país carrega o peso do epíteto “País do futebol”, essa paixão é cultura. Logo, a ansiedade e a alegria por ver a seleção brasileira disputar uma Copa do Mundo em casa eram incomensuráveis.

Levando em consideração as especificidades do ser humano e a paixão do povo brasileiro pelo futebol, sem dúvida, os cegos, surdocegos e surdos também sentem a ansiedade e alegria por assistir a um jogo, principalmente em se tratando da seleção brasileira. Mas, como uma pessoa surdocega assistiria aos jogos? Seria possível?

Em 2015, quando fazia uma pós-graduação *lato sensu* em Libras com ênfase em surdocegueira, em uma aula sobre Libras Tátil tive a oportunidade de assistir a um vídeo da interpretação de um jogo da Copa do Mundo de 2014. Era o jogo entre Brasil e Croácia, interpretado para um surdocego nas modalidades Libras Tátil e Comunicação Háptica. Era fantástico assistir àquilo!

Após a aula, assisti por várias vezes ao mesmo vídeo. A partir de então, decidi que, futuramente, pesquisaria sobre aquelas modalidades de interpretação. A relação (interação) em trio, a forma com que o surdocego reagia durante o jogo, o fato dos Guia Intérpretes (doravante GI) terem se disposto a confeccionar o campo tátil... tudo me deixou instigada. Não era simplesmente uma interpretação. Eu consegui ver outras possibilidades de comunicação e interação, conseguia ver os GIs se colocando no lugar do surdocego. Via ali a *alteridade* e *exotopia*, mesmo sem saber ainda da existência dessas palavras e seus conceitos.

No mesmo ano, ingressei como servidora Técnica Administrativa em educação na Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, no cargo de

Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (doravante TILS). Tudo era novo: a esfera social, a forma de atuação, as exigências do ofício, enfim, era um novo horizonte despontando pra mim.

Iniciei minhas atividades no curso de licenciatura em Letras Libras, que também era novo na Universidade Federal de Mato Grosso. A primeira turma ainda estava no início, eu me sentia como alguém que tem uma grande tarefa a cumprir e que não sabe muito bem por onde começar. Pensava: “acho que prestei o concurso errado”. Mas não, no fundo eu sabia que era aquilo mesmo que eu realmente queria. Tive que arrumar estratégias para me adequar à situação para a qual me propus e usei os obstáculos como degraus para poder seguir em frente.

Um dia, fui informada de que interpretaria um grupo de estudos chamado REBAK SENTIDOS. O que era isso? Do que se tratava? Outros profissionais me descreveram de forma sucinta o grupo de estudos e fomos interpretar. Que surpresa! Era um grupo que estudava a teoria e os conceitos de Mikhail Bakhtin.

A insegurança pra interpretar conceitos tão complexos era imensa, mas a empatia pela teoria me causava curiosidade e desejo de estudá-la. De imediato, associei alguns conceitos ao trabalho do TILS e do GI, como, por exemplo, o processo de interação que envolve uma interpretação.

Lembrei-me do vídeo que assistira na aula da especialização. Era um universo de pensamentos e ideias surgindo e as possibilidades de um projeto de pesquisa para um mestrado que começava a se consolidar.

Outras circunstâncias foram acontecendo e não tivemos mais dúvida sobre o que pesquisar. Então, nos debruçamos sobre o trabalho tendo a teoria de Bakhtin com norte.

O profissional TILS, de modo geral, sobreleva inúmeros questionamentos e julgamentos referentes a sua atuação, questionamentos como os que estão grafados aqui, por exemplo, são enunciados que esse profissional vê e ouve no dia a dia ao executar o trabalho:

“Que sinal é esse?”

“Qual é o sinal de tal palavra?”

“Como sinalizo tal palavra?”

“O intérprete não usou o sinal da palavra que o palestrante falou!”

“Mas ele fez tal sinal!”

“Eu não usaria esse sinal!”

“Na minha cidade se usa outro sinal.”

“Nossa! Ele fez isso, mas assim ficaria melhor!”

“Ele não deu voz para o sinal que o palestrante sinalizou.”

“O intérprete não foi fiel ao discurso.”

“O intérprete fez diferente”.

A partir de tais questionamentos que, de modo geral, existem em todos os espaços de interpretação em línguas de sinais, o objetivo principal dessa pesquisa é buscar a compreensão do processo dialógico e exotópico que envolve um ato tradutório e interpretativo, bem como enxergar tradução e interpretação por um prisma além de técnico (léxico, regras e vocabulários); isto é, a partir da relação *eu/outro* e de produção de sentidos.

Levando em consideração que a língua é social, é interação e é viva, como se prender a um sinal ou a uma palavra no momento da tradução/interpretação? Para Bakhtin (1992):

O locutor serve-se da língua para suas necessidades enunciativas concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se, para ele de utilizar as formas normativas (admitimos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável. Este é o ponto de vista do locutor. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 92 e 93).

Portanto, partimos do pressuposto de que tradução/interpretação é um universo vasto de interação e produção de sentidos, e que formas, palavras e sinais tornam-se insuficientes para a efetivação desse ato/evento que, a partir da perspectiva dialógica, é o *sentido*.

Será que Os Gls, ao interpretarem o jogo da Copa do Mundo de 2014, ficaram se prendendo a sinais e a palavras? Ou eles pensaram nas adequações

necessárias para a efetivação da interpretação? Eles só passaram o movimento da bola e o resultado do jogo ou buscaram detalhes para que a interpretação fosse a mais próxima possível? No decorrer desta pesquisa, pretendemos estender essas questões, da forma que explicaremos na seção de metodologia.

Atualmente, alguns pesquisadores da área de *Língua de Sinais* (doravante LS) baseiam-se na teoria bakhtiniana. É possível encontrar teses, dissertações, artigos e livros com temas de grande relevância. Citaremos alguns pesquisadores que, embora não todos estejam citados como referências, nos auxiliaram conceitualmente no decorrer desta pesquisa.

Neiva de Aquino Albres é doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. Pesquisa no campo da análise de implementação de educação inclusiva e educação bilíngue para surdos, processos de tradução e interpretação de Libras e Português e de ensino de Libras. Líder do Grupo de Pesquisa Didática e ensino de tradutores e intérpretes de línguas de sinais – DETILS registrado no CNPq, coordenando a linha Currículo, tradução e formação de intérpretes. Membro do Grupo de Pesquisa em Interpretação e Tradução de Línguas de Sinais – InterTrads registrado no CNPq, coordenando a linha de pesquisa Tradução e interpretação em contextos Educacionais.

Angela Russo, mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é intérprete de Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pesquisa a área de Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: tradução e interpretação em Libras, educação, intérprete, interpretação em Libras e Libras.

Cristina Broglia Feitosa de Lacerda é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Experiência na área da Fonoaudiologia, com ênfase em Surdez, e atuação na área educacional com estudos desenvolvidos na perspectiva histórico-cultural e nos pressupostos da *abordagem enunciativo-discursiva*. Vencedora do 1º Lugar da 56ª Prêmio JABUTI área de Educação com o livro "Tenho um aluno surdo e agora?", da editora da UFSCar.

Ana Claudia Balieiro Lodi, doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Desenvolve pesquisas na área de educação de surdos e estudos linguísticos sobre a Libras, em uma *perspectiva discursiva e enunciativa da linguagem*.

Anderson Simão Duarte, doutor em Educação. Autor dos conceitos "VISUAL" e "Metáforas Criativas". Líder do Grupo de Pesquisa CAPES/CNPQ: *Rebak Sentidos – Relendo Mikhail Bakhtin e Línguas de Sinais no Círculo de Bakhtin*.

Já esta pesquisa será norteada pela perspectiva dialógica, adentrando o universo da tradução/interpretação em LS.

A dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro apresenta, de forma sucinta, o contexto histórico da tradução e, conseqüentemente, será explanada a distinção entre traduzir e interpretar, bem como o ser fiel ao discurso, ser fiel ao sentido. O segundo capítulo trará um esboço referente à LS e às modalidades de comunicação ligadas às possibilidades de comunicação das pessoas surdas, surdocegas e surdos com braços amputados ou comprometidos. Considerando que esta pesquisa trata do trabalho do TILS e dos GIs, faz-se necessário abordar o processo histórico desse profissional, formação e especificidades. E não se poderia deixar de falar sobre o código de ética que rege o exercício da profissão.

No terceiro capítulo apresentamos a fundamentação teórica que subsidia esta pesquisa, discorro sobre os conceitos de dialogismo, interação, enunciado, tema e significação, alteridade e exotopia, a partir do viés dos estudos bakhtinianos, atrelando-os ao trabalho do TILS e do GI. No quarto capítulo, expomos os procedimentos metodológicos.

O quinto capítulo traz a análise dos dados coletados durante a pesquisa, e por fim, as considerações que trarão uma reflexão referente ao trabalho do tradutor/intérprete e do guia-intérprete de língua de sinais.

No transcorrer da pesquisa, não nos limitaremos às perguntas/respostas, mas adentraremos de forma reflexiva, *alterando-nos e excedendo nossa visão* em relação aos *outros* que farão parte desse processo.

1 TRADUÇÃO/INTERPRETAÇÃO, A ARTE DE TRANSPOR BARREIRAS E ARTICULAR INTERAÇÕES

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.
I Coríntios 13:1

Quando surgiu a tradução? Como ela surgiu? De onde surgiu? Por que surgiu? Para quem? Afinal, o que é tradução? Se é que existem respostas para as referidas interrogações, elas ainda estão em oculto. Pesquisadores ainda são instigados a buscar respostas, porém são poucos os registros que norteiam tal busca.

O que se sabe é que ela existe desde os primórdios da humanidade considerando que “[...] ela está presente no próprio seio de toda língua, por meio da reformulação” (OUSTINOFF, 2015, p. 8). Portanto, traduzimos a cada palavra proferida, quando a reformulamos por meio da busca pela compreensão.

1.1 Breve contexto histórico sobre a tradução/interpretação

Falar sobre o surgimento das línguas para compreender quando surgiu a Tradução/Interpretação não é uma tarefa fácil. Como este não é o objetivo central desta pesquisa, não adentrarei profundamente nessa temática, porém faz-se necessário abordá-la mesmo que sucintamente.

O importante filósofo que também foi teórico político, escritor e compositor autodidata, Jean-Jacques Rousseau, em *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*, publicado postumamente em 1782, traz uma concepção de que são as necessidades emocionais que aproximam e socializam o homem, e estas deram origem à vida social e à linguagem.

Desde que um homem foi reconhecido por outro como um ser sensível, pensante e semelhante a ele próprio, o desejo ou a necessidade de comunicar-lhes seus sentimentos e pensamentos fizeram-no buscar meios para isso. Tais meios só podem provir dos sentidos, pois estes constituem os únicos instrumentos pelos quais um homem pode agir sobre outro. (ROUSSEAU, 1782, p. 259).

Assim, compreende-se que, segundo o pensamento de Rousseau, a linguagem, e conseqüentemente a língua, não surgiu racionalmente, mas emocionalmente. Surge do desejo de expor suas paixões. Para ele, “limitam-se a dois os meios gerais por via dos quais podemos agir sobre os sentidos de outrem: o movimento e a voz” (ROUSSEAU, 1972, p. 260). Ou seja, por meio da língua de sinais – que, segundo o filósofo, surgiu espontaneamente e se limita à visão: “se fala melhor aos olhos do que aos ouvidos” (ROUSSEAU, 1972, p. 261) – e da língua oral, cujo alcance é tão amplo quanto um raio visual e que traduz por meio dos sons o que meus gestos querem dizer.

Rousseau nos remete a uma compreensão de que a linguagem humana, seja expressa por meio sinalizado ou oralizado, é forma do homem expor seus sentimentos, suas emoções, anseios e ideias, e que uma modalidade complementa a outra. Seja sinalizando ou oralizando, a necessidade de se expressar é que fez o homem chegar a utilizá-las e ambas têm sua importância e valor. Ele não diminui uma nem outra, mas as exalta, colocando-as em um pedestal crucial na vida humana.

Outras hipóteses sobre o surgimento das línguas permeiam as pesquisas sobre a linguagem, como por exemplo, a Torre de Babel, considerado por alguns estudiosos da linguagem como um “mito bíblico”, como, por exemplo, para Ostinoff (2015): “A torre de Babel constitui a figura emblemática da difusão das línguas” (OSTINOFF, 2015, p. 11), ela é relatada em textos bíblicos como o acontecimento que promoveu a variedade das línguas. “E era toda a terra duma mesma língua, e duma mesma fala. [...] Por isso chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a língua de toda a terra, e dali os espalhou o Senhor sobre a face de toda a terra” (GÊNESIS, 11: 01 e 09).

Partindo da referida citação, compreende-se que tudo começou por causa da intenção dos homens em construir uma torre que alcançasse o céu. Deus não se agradou com o intento deles e os castigou confundindo as línguas e as espalhando em toda a terra. As pessoas começaram então a se desentenderem e havia muita confusão. Começaram a formar grupos dos que falavam a mesma língua a fim de se compreenderem. O que leva a uma compreensão de que pessoas de grupos diferentes começaram a aprender as línguas dos outros e a comunicação entre os

povos prosseguiu, considerando que quem aprendia uma língua diferente fazia a interpretação para os demais. O objetivo de tal prática era a comunicação.

Observa-se a necessidade que o ser humano tem de se comunicar, de compreender o outro e de ser compreendido. Theodor (1986) complementa que a tradução “é atividade fundamental desde a Torre de Babel, isto é, desde o momento em que as mais diversas línguas passaram a ser faladas em nosso planeta” (THEODOR, 1986, p. 11).

Seja a partir dos primeiros humanos, desde a Torre de Babel ou de outras possibilidades e deduções, o que se sabe é que as línguas se expandiram. Para Ostinoff (2015), “estima-se que atualmente se falem mais de 6.000 línguas” (OSTINOFF, 2015, p. 11). Considerando tal proporção, o que mais importa, dialogicamente falando, é a capacidade de interação que o ser humano dispõe e que não se limita, a saber, de onde surgiu ou como surgiu, como fiz Bakhtin (1992):

O que constitui o material semiótico do psiquismo? Todo gesto ou processo do organismo: a respiração, a circulação do sangue, os movimentos do corpo, a articulação, o discurso interior, a mímica, a reação aos estímulos exteriores (por exemplo, a luz), resumindo, *tudo que ocorre no organismo pode tornar-se material para a expressão da atividade psíquica, posto que tudo pode adquirir um valor semiótico, tudo pode tornar-se expressivo* (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 52 grifos do autor)

Ou seja, falar de língua e de linguagem não se limita a regras e métodos, pois fazem parte da evolução humana e são imprescindíveis para sua socialização e interação com o *outro*, e que, para se efetivarem, é necessário que se compreendam, fato pelo qual se justifica a necessidade inegável da tradução/interpretação. Segundo Pagura (2003), “a mais antiga referência a um intérprete parece ser um hieróglifo egípcio do terceiro milênio antes de Cristo. Também há registros de intérpretes na antiga Grécia e no Império Romano” (PAGURA, 2003, p. 213).

Ostinoff (2015) complementa:

[...] Se a pedra de Roseta¹ não tivesse a tradução de textos hieroglíficos e em demótico (uma versão simplificada dos hieroglíficos)

¹ Pedra da Roseta, fragmento de um bloco que pesa quase uma tonelada, mede 118 centímetros, tem 77 centímetros de largura e 30 de espessura. Foi fundamental para a compreensão da história do Egito antigo. (Revista Galileu, 23 jul. 18).

para uma língua conhecida, o grego, Champollion não teria chegado a decifrá-los, e a língua dos faraós teria permanecido, sem dúvida, tão impenetrável quanto a dos etruscos. Uma língua que não se consegue traduzir é uma língua morta, antes de a tradução vir a ressuscitá-la (OUSTINOFF, 2015, p.13).



Figura 1 – Pedra da roseta

Observa-se a atuação de intérpretes desde antes de Cristo. Quando os irmãos de José foram ao Egito para comprar mantimentos por causa da fome em Canaã, a bíblia relata a presença de intérprete. “[...] E eles não sabiam que José os entendia, porque havia intérprete entre eles” (GÊNESIS 42:23).

A prática de tradução/interpretação acontecia em mosteiros, concílios, e sinagogas, pois cristãos de toda parte mundo frequentavam aqueles espaços. As relações mercantis, internacionais e diplomáticas e de ações militares também eram favorecidas.

Assim, os indícios de tradução/interpretação antigos nos levam a refletir que essa prática é uma necessidade de conservação da língua, além de ser uma forma de comunicação e interação entre falantes de línguas distintas, fato que vem sendo praticado e difundido ao longo da civilização e faz parte da cultura humana. Todavia, sua maior visibilidade e efetivação como profissão são recentes.

Pagura (2010) apresenta o período em que essa prática começa a ter mais visibilidade:

Embora a interpretação, ou a tradução [...] **seja uma das mais antigas atividades humanas**, ela só passa a ser considerada profissão na primeira metade do século XX, com a criação da Liga das Nações, e ganha impulso e reconhecimento após a II guerra mundial, com a criação de organizações como a ONU, o OTAN e a

CECA, embrião da atual União europeia. (PAGURA, 2010, p. 11, *grifo nosso*).

O autor acentua que é a partir do julgamento de Nuremberg² que a tradução se torna um fato visível e começa a se expandir pelo mundo de forma mais aparente, visto que:

Há diversos relatos do uso da interpretação simultânea antes dos julgamentos de Nuremberg, principalmente pela OIT. No entanto, o julgamento dos criminosos de Guerras Nazistas, realizado na cidade de Nuremberg, na Alemanha, iria dar à interpretação simultânea a visibilidade que ela não havia conseguido anteriormente, tamanho o destaque dado pela mídia da época ao julgamento e, conseqüentemente, ao fato de ele se realizar em quatro idiomas: inglês, francês, russo e alemão, com um novo sistema de interpretação, desconhecido da grande maioria das pessoas. (PAGURA, 2010, p. 45).



Figura 2 – Tradução no julgamento de Nuremberg

A partir de então, os intérpretes começam a ser solicitados mais frequentemente para fazer a mediação linguística entre diplomatas de países diferentes, e atualmente, em qualquer conferência internacional, é imprescindível a atuação de um ou mais intérpretes.

Na atual conjuntura, fica evidente que é por meio da tradução/interpretação que os acordos entre países de línguas diferentes acontecem, que sabemos notícias

² O Julgamento de Nuremberg foi a formação inédita de um tribunal militar internacional para julgar o alto escalão nazista por crimes de guerra e contra a humanidade durante a 2^o Guerra Mundial. Os procedimentos duraram 315 dias (de novembro de 1945 a outubro de 1946) e aconteceram no Palácio da Justiça de Nuremberg, na Alemanha.

do mundo inteiro e que conseguimos nos comunicar com as mais variadas nações. “A primeira função da tradução é, então, de ordem prática: sem ela, a comunicação fica comprometida ou se torna impossível” (OUSTINOFF, 2015, p. 12).

No Brasil, “publicações sobre a história e sistematização da tradução e interpretação ainda são escassas” (LACERDA, 2009, p. 11). Todavia, sabe-se que, quando os portugueses chegaram ao Brasil, a dificuldade de comunicação foi um obstáculo, pois índios e portugueses falavam línguas diferentes. Nem mesmo o judeu Gaspar, o intérprete da frota, sabia a língua que os índios utilizavam. A comunicação se dava, então, por meio de gestos.

Colombo, ao perceber que seu intérprete não sabia a língua dos índios, decide então capturar alguns índios e ensinar-lhes o espanhol para que lhe pudessem ser úteis como intérpretes. Os índios também capturaram alguns espanhóis, os quais acabaram aprendendo a língua e os costumes dos nativos e, conseqüentemente, servindo-lhes de intérpretes.

Os jesuítas, com a intenção de catequisar os índios, começaram a estudar as línguas indígenas com a finalidade de traduzir os ensinamentos bíblicos.

Segundo Pagano e Vasconcelos:

Mapear a inserção das pesquisas em tradução no Brasil e em outros contextos nacionais demanda a interação com subáreas para além das Letras e Linguística, vasculhando outros espaços institucionais e outros campos disciplinares, como, por exemplo, a antropologia, a neurologia, a psicologia, a ciência da computação e estudos culturais. Esta incursão pelos espaços outros e pelas instâncias interdisciplinares pode ser apontada como o desdobramento natural para projetos futuros de mapeamentos que possam capturar, explorar e destacar o aspecto multidisciplinar dos Estudos da Tradução no Brasil. (PAGANO; VASCONCELOS, 2003, p. 18).

Todavia, sabe-se que o encontro de índios e portugueses possibilitou um novo contato entre culturas diferentes e abriu as portas para a interpretação no Brasil. Prática que veio se efetivando gradativamente e que hoje é uma profissão regulamentada.

Vale ressaltar que, assim como nas línguas orais (LO), a interpretação está inserida nas LS desde a antiguidade, embora não fossem reconhecidas como línguas, e sim como mímicas, gestos ou sinais, sejam eles escritos (desenhados) ou articulados por meio das expressões faciais e corporais. Fato que será mais esclarecido no capítulo seguinte.

1.2 Traduzir/Interpretar

Traduzir é interpretar, mas é também e, sobretudo, superar a interpretação, recriando o ritmo da obra na língua de chegada com uma poética que dê conta dos múltiplos sentidos e do modo de ser original.

Paulo Bezerra

O ato de Traduzir/Interpretar existe tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais e pode ser efetivado de uma língua oral para outra, de uma língua oral para uma língua de sinais, de uma língua de sinais para uma língua oral ou de uma língua de sinais para outra língua de sinais. Ou seja, qualquer que seja a modalidade das línguas envolvidas, há a possibilidade de tradução/interpretação.

As modalidades são distintas, porém, quando se trata de tradução/interpretação os critérios seguem uma prática similar.

A imagem abaixo mostra variedades de interpretação em LS e LO distintas, simultaneamente.



Figura 3 – UFSC, 2018

Os termos *traduzir* e *interpretar* ainda trazem alguns questionamentos quanto as suas especificidades, Lacerda (2009), pesquisadora na área de Língua de Sinais, retrata que:

Para alguns autores, os termos tradução e interpretação se complementam e, em certa medida, remetem a mesma tarefa: versar os conteúdos de uma língua para outra, buscando trazer neste processo os sentidos pretendidos, sem que eles se percam ou que sejam distorcidos no percurso. (LACERDA, 2009, p. 14 Grifo nosso).

Neste sentido, compreende-se que as duas atividades estão interligadas e têm a função de transmitir o sentido pretendido no discurso. A autora apresenta também que “há autores que defendem que tradução e interpretação são atividades distintas” (LACERDA, 2009, p.14).

O escritor italiano Umberto Eco, que também foi filósofo, professor, estudioso da semiótica, traduziu e foi traduzido, fez importantes reflexões a cerca da tradução. Em um dos seus livros intitulado *Quase a mesma coisa*, Eco diz que “interpretar não é traduzir” (ECO, 2014, p. 265). Portanto, com base em Eco, um profissional tradutor tem a função de converter um texto escrito em outro texto escrito. O intérprete, por sua vez, parte da comunicação em uma língua oral para outra língua oral, e, em se tratando de intérprete de línguas de sinais, pode partir de uma língua oral para uma língua sinalizada ou vice-versa.

Em uma tradução escrita, o profissional tem o privilégio de estudar, pensar, consultar dicionários ou buscar técnicas que lhe auxiliem. Na interpretação, essa prática é impossível, pois a execução é feita simultaneamente ou consecutivamente.

Lacerda apresenta uma definição que retrata as especificidades das referidas atividades.

Tradutores e intérpretes são em geral pessoas com características um tanto diferentes. O tradutor trabalha mais isoladamente, são horas de trabalho diante do computador, entre livros e outras fontes de pesquisa, e eventualmente troca ideias com outras pessoas para consultas. Já o intérprete, em geral, atua em equipe, são vários os profissionais que se revezam num mesmo evento, atuam nas relações face a face muitas vezes conversando com o conferencista ou com o público alvo, buscando ajustar sua atuação da melhor forma possível. Neste sentido, o resultado do trabalho do intérprete é sentido imediatamente pela reação da plateia, pelos debates e perguntas que em geral se seguem às conferências. (LACERDA, 2009, p. 18-19).

Desse modo, entende-se que, apesar de exercerem modalidades distintas, a autora continua sua definição “[...] o tradutor e o intérprete são profissionais ponte, ou seja, favorecem que uma mensagem cruze a ‘barreira linguística’ entre duas comunidades. Desse modo, tradução e interpretação têm muito em comum, pois são dois modos de alcançar esse mesmo objetivo” (LACERDA, 2009, p. 16-17).

O termo tradução/interpretação, na maioria das vezes, nos remete à compreensão equivocada de transposição linguística ou dizer a mesma coisa em outra língua. Para Eco “[...] uma tradução não depende somente do contexto linguístico, mas também de algo que está fora do texto e que chamaremos de informação enciclopédica” (ECO, 2014, p. 10). O autor fala em tentar compreender como “mesmo sabendo que nunca se diz a mesma coisa, se pode dizer *quase* a mesma coisa” (ECO, 2014, p.10).

Tradução/interpretação não é algo tão simples quanto parece ao ser olhada de forma superficial, simplificada. Elas exigem técnicas, habilidades e consciência do tradutor/intérprete de que ela precisa ser o mais próximo possível do original, próximo no sentido de que traduzir/interpretar é tornar claro algo que para o outro é uma obscuridade. No entanto, não é dizer a mesma coisa. Sobre este aspecto, trataremos da questão de fidelidade na tradução/interpretação mais adiante.

Jakobson (1959) escreve sobre três tipos de tradução que são utilizados e pesquisados até hoje em qualquer língua que esteja sendo traduzida. As LS também se adequam a esses tipos de tradução.

Interlinguística [tradução propriamente dita]: É aquela que se verifica quando se traduz um texto de uma língua para outra, ou seja, quando se tem “uma interpretação de signos verbais por meio de signos verbais de alguma outra língua”.

Intersemiótica [transmutação]: É aquela em que se tem “uma interpretação de signos verbais por meio de um sistema de signos não verbais” e, portanto, em que, por exemplo, “se traduz”, um romance em filme ou uma fábula em um balé.

Intralinguística, dita também reformulação (*rewording*) que seria “uma interpretação de signos verbais por meio de outros signos verbais da mesma língua”. (JAKOBSON, 1959, apud ECO, 2014, p. 265).

Na tradução interlinguística, que, segundo Jakobson, é a tradução propriamente dita, o tradutor levará em consideração a gramática da língua alvo, as

especificidades culturais e são utilizadas estratégias mentais com o objetivo de transpor significados de um código linguístico para outro. O tradutor levará em conta o significado, não há como buscar o sentido fazendo transcrição de palavra por palavra.

Na tradução intersemiótica, há comparações de fidelidade referentes a obras de um livro que foram traduzidas para um filme por exemplo. Porém, são circunstâncias semióticas diferenciadas. Há, portanto, a necessidade de uma reformulação, uma recriação, uma transculturação, uma releitura, uma intertextualidade e readaptação. Há, ainda, a necessidade de compreensão do público para o qual se direciona a obra.

Quando falamos de tradução intralinguística, estamos nos referindo a obras traduzidas na mesma língua. Por exemplo, o livro “Quem Mexeu No Meu Queijo?”, de Spencer Jonson, que foi traduzido para o português em três versões.



Figura 4 – Livros traduzidos na modalidade intralingual

Segalla (2010) traz uma nova proposta de modalidade de tradução. É a *tradução Intermodal*. Para o autor, esta é a quarta modalidade de tradução. Ele considera que a tradução intermodal permeia a tradução interlingual, intralingual e a tradução intersemiótica propostas por Jakobson, e considera que essa modalidade contribui para a compreensão e explicações das especificidades da tradução envolvendo uma LS.

Segalla e Quadros (2015) apresentam as especificidades da tradução intermodal da seguinte forma:

As questões implicadas na tradução intermodal envolvem os seguintes aspectos: a. O fato da Libras estar na versão “oral”, como

apontado por Quadros e Souza (2008), ou seja, na versão em sinais que resulta na filmagem do texto em Libras, que vai determinar uma sobreposição de elementos da tradução e da interpretação, ou seja, os tradutores dispõem de tempo para realizar a tarefa da tradução do Português para a Libras, característica da atividade da tradução; mas no momento em que efetivamente realizam a filmagem da tradução, há características inerentes à atividade de interpretação, pois a Libras está na versão oral. A filmagem da versão em Libras apresenta-se com o corpo presente do tradutor que se expressa na Libras visualmente. A edição do texto em Libras acontece sobre a versão oral, exigindo a realização de novas filmagens (novas tomadas), porque é mais difícil editar um vídeo com um texto sendo produzido oralmente a editar um texto digitado por escrito. Essas são algumas características que se sobrepõem. b. A questão da visibilidade do tradutor, uma vez que o tradutor produz o texto em Libras filmado, ou seja, o tradutor é visualizado e sua identidade é explícita (diferente de traduções envolvendo textos escritos, em que o tradutor pode tornar-se, muitas vezes, invisível). No caso de textos em que a língua alvo é a Libras, os tradutores são necessariamente visíveis, atribuindo a eles a autoria da tradução. c. A necessidade do tradutor em “atuar” na produção em sinais, uma vez que o tradutor expõe seu corpo diante da câmera e produz um texto em sinais que exigirá uma espécie de “performance” ou sinais. (QUADROS; SEGALLA, 2015, p. 361, 362).

Os autores apresentam aqui a língua de sinais como “oral”, considerando que o texto original na língua portuguesa será adaptado para um texto base em língua de sinais. Ou seja, será produzido na tradução filmada. A modalidade de tradução intermodal proposta por Segalla é específica da LS.

Observa-se uma singularidade na tradução envolvendo as LS, o tradutor neste caso se torna visível, envolve edição na língua portuguesa, vídeos em LS e há a disponibilidade de um tempo para a efetivação da tradução.

No que diz respeito à interpretação, ainda há quem pense no intérprete como alguém que ouve um enunciado e simultaneamente ou consecutivamente transmite-o em outra língua, seja ela oral auditiva ou viso espacial. O intérprete é reconhecido por estar presente fisicamente e por ser visto ou ouvido pelo público. Pereira (2008) nos esclarece:

[...] o **tradutor** ora é encarado como um mero reproduzidor de textos, uma espécie de adaptador de voltagem entre línguas, ora alça a posição de co-autor. Ser **intérprete** é ser, intrinsecamente, um profissional atormentado por ter que estar presente e fingir-se invisível, algo ainda mais impensável para um intérprete de uma língua que é percebida prioritariamente pelo canal visual, como uma língua de sinais; e por não poder ser o ‘eu’ nem o ‘tu’ plenamente, por estar sempre em uma posição instável e escorregadia de um simbiótico locutor-interlocutor. (PEREIRA, 2008, p. 137).

Assim como a tradução carrega modalidades distintas, a interpretação também traz suas especificidades. Na visão de Pagura (2003):

A prática da interpretação tem duas modalidades distintas, a modalidade consecutiva e a simultânea. A modalidade consecutiva é aquela que o intérprete escuta um trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete na língua alvo.

A interpretação simultânea é mais comumente observada atualmente nos grandes eventos. Segundo o autor, desse modo é possível a interpretação em várias línguas ao mesmo tempo, pois os intérpretes geralmente atuam em duplas e em cabines fechadas. (PAGURA, 2003, apud LACERDA, 2009, p. 15).

A interpretação consecutiva traz a vantagem de o intérprete ter um tempo maior para pensar e organizar o discurso, porém precisa ser combinado com os envolvidos no processo, pois requer mais tempo e adaptações.

Considerando que se precisa compreender o sentido do que será interpretado, uma interpretação simultânea também requer um *delay* (tempo de retardamento), para que o profissional faça suas escolhas lexicais, pragmáticas e de sentidos a serem interpretados. “Na interpretação simultânea ou consecutiva, não há regras inquebráveis. O objetivo é comunicar” (MAGALHÃES JR, 2007, p. 97).

A interpretação e a tradução estão entrelaçadas, não há como traduzir sem antes interpretar, mesmo nas definições de tradução apresentadas por Jakobson ele cita o termo interpretação. Sempre que autores se referem à tradução, observa-se o termo interpretação adjunto. Eco (2014) complementa: “o tradutor deve, antes de tudo, reformular a frase fonte com base em uma conjectura sobre o possível que ela descreve e só depois decidir traduzir” (ECO, 2014, p. 288). “Uma interpretação sempre precede a tradução” (Idem, p. 291). Logo, é impossível traduzir, sem antes interpretar.

Seja traduzindo ou interpretando, o profissional em questão deve ter domínio da língua fonte (LF) e da língua alvo (LA) e se atentar às especificidades culturais, emocionais e compreender a intenção do locutor. Em preocupação com o que esclarece Magalhães Jr: “traduzir e interpretar são verbos que se interpenetram. Uma coisa não existe sem a outra. A distinção terminológica cumpre apenas um fim didático e só é valorizada mesmo por intérpretes e tradutores” (MAGALHÃES JR, 2007, p. 26).

Levamos em conta o fato de que o mesmo autor considera que:

Traduzir é sempre um exercício imperfeito, em que tentamos transpor para outro universo semântico ideias e sentimentos que não são nossos. Porém, temos a responsabilidade de assumi-los e incorporá-los. Na tradução, fazemos mais do que buscar sinônimos. Somos forçados a interpretar, a intuir o sentido de passagens dúbias. Fazemos escolhas a todo momento. Elegemos. Tomamos decisões. E com isso, naturalmente nos arriscamos ao erro. (MAGALHÃES JR, 2007, p. 170).

Assim, tradutores/intérpretes vivem em meio a tempestades de sentimentos de alívio ou de sobrecarga, de sucesso ou de fracasso. Mas o que mais importa em meio a turbilhões de sentimentos é o resultado de um trabalho que possibilita relações pessoais, seja ela escrita, oral, sinalizada, silenciada ou mesmo gesticulada.

Contudo, o tradutor e/ou o intérprete devem ter ciência de que o resultado do seu trabalho precisa alcançar o sentido pretendido pelo autor/locutor. Ele buscará estratégias para romper o estereótipo de tradução/interpretação de frases e sentenças e fará as negociações adequadas para chegar ao sentido na língua de chegada que, segundo Theodor (1986), “[...] o tradutor precisa encontrar equivalências, ao mesmo tempo capaz de expressar o sentido original e de não ferir o estilo que empresta ao seu trabalho” (THEODOR, 1986, p. 123). Ou seja, apesar de cada profissional ter o seu estilo e peculiaridades, é imprescindível que pense na intenção do locutor/autor no momento de traduzir/interpretar.

Partindo da perspectiva bakhtiniana, o profissional não é um sujeito passivo nesse processo, visto que, para Bakhtin, “compreender a enunciação de outrem significa orientar-se a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 132). Assim, deve considerar o discurso alheio, que, embora perpassa por suas “escolhas”, essas devem ser adequadas à situação e ao público.

1.3 Ser fiel ao discurso, ser fiel ao sentido

Se falarmos aqui sobre ser fiel na tradução/interpretação partindo de uma concepção de literalidade, estaremos desprezando nossa concepção *dialogica* referente a um ato que, partindo da concepção bakhtiniana pode ser visto como *interação e produção de sentidos*. Para Bakhtin (1992), “uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 136). Partindo dessa premissa, traduzir/interpretar se relaciona a verter um enunciado de uma língua de partida, buscando um acordo de *sentidos* na língua de chegada.

Rosemary Arrojo, uma importante pesquisadora e escritora brasileira na área de fidelidade na tradução, diz que, “se pensarmos a tradução como um processo de recriação ou transformação, como poderemos falar em fidelidade? Como poderemos avaliar a qualidade de uma tradução?” (ARROJO, 1986, p. 42). Logo, a fidelidade, neste contexto, não se encaixa como sinônimos ou significados de palavras/sinais, há um processo de recriação, adaptação e decisão por parte do tradutor/intérprete.

Seja uma tradução/interpretação escrita, seja em língua oral ou língua de sinais, o profissional envolvido tem sua experiência de vida, seu conhecimento de mundo e seu “domínio” referente ao que será traduzido/interpretado. Segundo Rodrigues (2000), “o tradutor não lida com uma ‘fonte’, nem com uma origem fixa, mas constrói uma interpretação que também vai ser movimento e desdobrar-se em outras interpretações” (RODRIGUES, 2000, p. 203).

Torna-se relevante pensar em fidelidade no ato tradutório e interpretativo, como um caminho a ser percorrido visando chegar a um determinado destino. O objetivo é chegar ao destino certo. As estratégias selecionadas são o trajeto. Assim, cada tradutor/intérprete trará para a efetivação do seu trabalho suas escolhas marcadas por sua especificidade a fim de traduzir/interpretar o sentido.

O discurso que o TILS ou o GI ouve e processa para fazer a tradução/interpretação traz as marcas do seu locutor que, conseqüentemente, já traz outras marcas. E este profissional também deixará as suas ao interpretar. Dialogicamente falando, fidelidade neste contexto está no sentido, na *compreensão responsiva* do interlocutor e de todos os sujeitos participantes.

Parafraseando Arrojo (1986, p. 44), entende-se que nossa tradução/interpretação de qualquer texto/discurso será fiel não ao texto/discurso “original”, mas àquilo que consideramos *ser* o texto original, àquilo que o texto de

partida nos diz, o qual será sempre um resultado daquilo que somos, sentimos e pensamos. Assim, nossa tradução/interpretação será fiel à nossa própria concepção de tradução/interpretação.

Na análise dos dados, retornamos com a questão da fidelidade a partir da visão dos entrevistados.

2 LÍNGUA DE SINAIS (LS), SUA RELEVÂNCIA E EFETIVAÇÃO

Os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo.

Ludwig Wittgenstein

Os relatos sobre a origem das LS ainda são escassos. Poucos registros, entretanto, nos possibilitam a compreensão de que elas existem desde os primórdios da humanidade. Em alguns pontos da Bíblia Sagrada, é possível notar que elas já existiam, considerando que se há surdos, a língua de sinais é o aparato técnico para que haja a interação.

As LS existem desde que os surdos começaram a interagir uns com os outros, porém, não reconhecida como língua, mas como gestos, mímicas e muitas vezes até sendo considerada como algo imoral. A LS está inserida até mesmo no seio da língua oral, quando intensificamos nossas falas por meio das expressões faciais, corporais e quando gesticulamos.

Se fizermos uma reflexão referente à história dos surdos, será possível notar que nem sempre esses sujeitos tiveram a liberdade de se comunicarem e até mesmo de viverem em sociedade. Uma exceção foi o Egito. Lá, os surdos eram protegidos por acreditarem que tinham o poder de se comunicar com os deuses, mas, apesar de “protegidos”, não eram educados e não tinham convivência social ativa. Em Levítico, vemos: “não amaldiçoarás ao surdo, nem porás tropeço diante do cego; mas terás temor do teu Deus; Eu sou o Senhor” (LEVÍTICO, 19:14).

O novo testamento cita que Jesus Cristo curou os surdos.

E trouxeram-lhe um surdo, que falava dificilmente; e rogaram-lhe que pusesse a mão sobre ele.

E tirando-o a parte de entre a multidão, meteu-lhe os dedos nos ouvidos; e, cuspido, tocou-lhe na língua.

E, levantando os olhos ao céu, suspirou, e disse: Efatá; isto é, Abre-te.

E logo abriram os seus ouvidos, e a prisão da língua se desfez, e falava perfeitamente. (MARCOS, 07:32 a 36).

Alguns estudiosos das escrituras sagradas acreditam que Jesus, naquele momento, estava sinalizando para o surdo. Em todo decorrer da história da humanidade, encontraremos relatos que nos remetem à LS. Portanto, a LS não é nova, ela apenas foi reconhecida como língua recentemente.

Ainda há estereótipos de que a LS é mimica ou que ela é universal. Isso é uma crença. Gesser (2017) salienta:

Ora, sabemos que nas comunidades de línguas orais, cada país, por exemplo, tem sua(s) línguas(s). Embora se possa traçar um histórico das origens e apontar possíveis parentescos e semelhanças no nível estrutural das línguas humanas (sejam elas orais ou de sinais), alguns fatores favorecem a diversificação e a mudança da língua dentro de uma comunidade linguística, como, por exemplo, a extensão e a descontinuidade territorial, além dos contatos com outras línguas. (GESSER, 2017, p. 11).

No Brasil, assim como em outros países, os surdos eram considerados ineducáveis e não ocupavam lugar de destaque na sociedade. Já em 1855, com a chegada do professor francês Ernest Huet, que veio a convite de D. Pedro II, as mudanças começaram. Huet começou a ensinar a língua de sinais brasileira com influência da Língua Francesa de Sinais (LSF) e com ajuda de gestos que os surdos brasileiros utilizavam. A partir de então, a concepção em relação ao surdo começou a mudar e, de forma tímida, a serem consideradas pessoas capazes.

Em 1857, é fundado o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos que hoje é o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro. A LS começa a ganhar espaço. Porém, em 1880, acontece um Congresso em Milão no qual foi constituída a proibição do uso da mesma em todo o mundo. Acreditava-se que a leitura labial e a oralização eram as melhores formas de comunicação entre os surdos. Todavia, os surdos não pararam de interagir em LS, às escondidas. Todo esse processo dificultou e retardou a sua difusão e divulgação não só no Brasil, mas em todo o mundo.

As diretrizes a seguir mostram um pouco da trajetória de lutas e conquistas da comunidade surda, que, apesar de ter muitos motivos para “ocultar” a LS, fez o contrário, pois as referidas diretrizes foram consequência da persistência pela aceitação e difusão da prática.

Em 1994, em Salamanca, na Espanha, acontece a Conferência Mundial sobre Educação Especial, na qual foi elaborado um documento intitulado *Declaração de Salamanca*. Sancionado no Brasil, estabelecia a inclusão dos alunos deficientes no ensino regular. Mundialmente, o documento é considerado hoje um dos mais importantes fatos que visam à inclusão social e, junto à Convenção Sobre os Direitos da Criança (1988) e da Declaração Mundial Sobre Direito para Todos

(1990), faz parte do processo de efetivação da inclusão das pessoas com deficiência.

O texto inicia da seguinte forma:

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais (título).

Reconvocando as várias declarações das Nações Unidas que culminaram no documento das Nações Unidas "Regras Padrões sobre Equalização de Oportunidades para Pessoas com Deficiências", o qual demanda que os Estados assegurem que a educação de pessoas com deficiências seja parte integrante do sistema educacional (p. 01).

A partir do texto acima, a inserção de surdos nas escolas regulares foi se ampliando, considerando que as escolas passaram a ser “cobradas” pelo poder público e pelos familiares das pessoas com deficiência o atendimento digno e adequado considerando a especificidade de cada aluno.

Em relação à *ESTRUTURA DE AÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL*, o mesmo texto traz o seguinte:

O direito de cada criança a educação é proclamado na Declaração Universal de Direitos Humanos e foi fortemente reconfirmado pela Declaração Mundial sobre Educação para Todos. Qualquer pessoa portadora de deficiência tem o direito de expressar seus desejos com relação à sua educação, tanto quanto estes possam ser realizados. Pais possuem o direito inerente de serem consultados sobre a forma de educação mais apropriada às necessidades, circunstâncias e aspirações de suas crianças. (p. 03).

Educação Especial incorpora os mais do que comprovados princípios de uma forte pedagogia da qual todas as crianças possam se beneficiar. Ela assume que as diferenças humanas são normais e que, em consonância com a aprendizagem de ser adaptada às necessidades da criança, ao invés de se adaptar a criança às assunções pré-concebidas a respeito do ritmo e da natureza do processo de aprendizagem. Uma pedagogia centrada na criança é benéfica a todos os estudantes e, conseqüentemente, à sociedade como um todo (p. 04).

Diante disso, o Estado foi sendo impulsionado a abrir as portas das escolas para as pessoas com deficiência. Na verdade, o “abrir as portas” para essas pessoas não constitui garantia da efetivação da inclusão, pois quando se diz que a aprendizagem deve ser adaptada às necessidades da criança, entende-se que os currículos devem ser adaptados, os profissionais devem ser qualificados, a estrutura

física deve ser adequada e que uma série de mudanças deverá ocorrer no espaço e na comunidade escolar.

A Lei 10.098/00, que dispõe sobre a acessibilidade, tratará em alguns artigos sobre a eliminação nas barreiras de comunicação, a mesma determina a implementação da formação do profissional intérprete de língua de sinais.

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Art. 18. O Poder Público implementará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braille, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.

Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtítuloção, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previstos em regulamento.

Segundo a Lei Federal nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996, Art. 24 do decreto nº 3.298/99 e a Lei nº 7.853/89, a pessoa com deficiência tem direito à educação pública e gratuita preferencialmente na rede regular de ensino e, ainda, à educação adaptada às suas necessidades educacionais especiais (BRASIL, 1996).

Já a RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001 institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

§ 2º Deve ser assegurada, no processo educativo de alunos que apresentam dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais educandos, a acessibilidade aos conteúdos curriculares, mediante a utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a língua de sinais, sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa, facultando-lhes e às suas famílias a opção 4 pela abordagem pedagógica que julgarem adequada, ouvidos os profissionais especializados em cada caso.

Anos depois, a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 regulamentou a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais –Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Em 2005, o decreto 5626 que regulamenta as Leis 10.098/00 e a Lei 10.436/02 impulsionou a efetivação das diretrizes anteriores. Principalmente, na esfera educacional.

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

A profusão das legislações até agora citadas retratam o processo de efetivação da LS no Brasil, hoje reconhecida como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda.

2.1 Especificidades e Modalidades das LS

As pesquisas referentes à LS vêm crescendo consideravelmente, profissionais da área buscam cada vez mais pela sua difusão e pela efetivação das legislações. Contudo, estereótipos sobre a língua ainda permeiam principalmente a comunidade ouvinte que não tem conhecimento da mesma. Como, por exemplo, uma grande massa da sociedade que crê que a LS é uma versão sinalizada da língua oral (LO).

Todavia, a LS tem estrutura gramatical própria, e não é uma versão da língua oralizada. Segundo Gesser (2017), “a língua de sinais tem estrutura própria, e é autônoma, ou seja, independente de qualquer língua oral em sua concepção linguística. É uma língua na modalidade visual espacial” (GESSER 2017, p. 33).

Em qualquer lugar em que haja surdos interagindo, haverá LS. Contudo, não é uma língua universal, cada país tem sua LS, assim como as LO. “Podemos dizer que o que é *universal* é o impulso dos indivíduos para a comunicação e, no caso dos surdos, esse impulso é **sinalizado**” (GESSER, 2009, p. 12, *grifo nosso*).

As estratégias para que toda pessoa possa se comunicar e interagir no meio social vêm se aprimorando e novas modalidades de comunicação foram sendo criadas, a fim de não só inserir as pessoas com deficiência auditiva, mas com o

objetivo de que elas se sintam verdadeiramente incluídas e que a barreira de comunicação seja superada.

A seguir, serão abordadas algumas modalidades e possibilidades de comunicação por meio da LS para pessoas com surdocegueira, e surdos com braços amputados ou comprometidos. Visto que quando se fala em LS, é comum nos remetermos à LIBRAS, à ASL, LSF, ou à LS de qualquer outro país. Porém, há algumas peculiaridades.

O profissional que atua diretamente com as pessoas que têm surdocegueira é o GI. O GI é um profissional que demanda formação específica, pois precisa ter habilidades de compreensão da mensagem em uma língua fonte (LF), para atrelar os sentidos da informação e contextualizar para a língua alvo (LA). Precisa ter competência específica para descrever o que ocorre em torno como: espaço físico, características das pessoas, entonação de voz, expressões faciais e corporais e sempre estar atento à compreensão de seu interlocutor (surdocego).

De acordo com Quadros (2004) surdocego é:

[...] Aquele que tem uma perda substancial da visão e da audição, de tal modo que a combinação das suas deficiências cause extrema dificuldade na conquista de habilidades educacionais, vocacionais, de lazer e sociais. A palavra chave nesta definição é COMUNICAÇÃO. (...) A surdez-cegueira, na sua forma extrema, significa simplesmente que uma pessoa não pode ver, não pode ouvir, e deve depender total e completamente do tato para se comunicar com os outros (Dr. Richard Kinney, presidente da escola Hadley para cegos – USA). Num sentido não clínico, são aqueles que utilizam a língua de sinais e/ou tadoma sendo que suas experiências se manifestam através das experiências táteis. Pessoas que usam tadoma colocam mãos nos lábios dos falantes ou nas mãos e/ou corpo do sinalizador para “sentir” e significar a língua. (QUADROS, 2004, p. 10).

O surdocego assim como todas as pessoas que têm algum tipo de deficiência necessita de condições que promovam o seu desenvolvimento e que sejam levadas em consideração suas especificidades.

A modalidade tátil consiste na mudança do sistema de transmissão do ouvido e da visão para a pele e pela *cinestesia*³ – que é a capacidade de percepção

³ Cinestesia – Sentido da percepção de movimento, peso, resistência e posição do corpo, provocado por estímulos do próprio organismo.

do movimento, peso, resistência e posição do corpo. Na concepção de Schiffman (2005), a cinestesia:

[...] é responsável pela percepção das propriedades geométricas – formas, dimensões e proporções dos objetos manipulados [...] é capaz de apreender as propriedades geométricas dos objetos, como também de fornecer informações sobre seu peso e consistência. [...] o reconhecimento preciso de um objeto pode ser resultante apenas de um breve encontro tátil. [...] os *inputs* cinestésicos e cutâneo se combinam para atuar como um único sistema perceptual funcional (SCHIFFMAN, 2005, p. 313 Apud CADER-NASCIMENTO, 2016, p. 4).

Dentre os sistemas hápticos, Cader-Nascimento e Faulstich (2016) descrevem: “Libras Tátil, Alfabeto Tátil, Código Braille, Código Braille Digital, Tadoma” (CADER-NASCIMENTO; FAULSTICH, 2016, p. 112). Essas modalidades de comunicação são mencionadas no atual código de ética do profissional TILS e GI, como veremos mais adiante.

2.1.1 Libras Tátil

A Libras Tátil é uma modalidade de comunicação utilizada por pessoas com surdocegueira. Farias (2015) nos mostra uma definição nítida dessa modalidade.

Libras Tátil – Refere-se à Língua Brasileira de Sinais – Libras, utilizada pela comunidade surda adaptada às condições específicas da pessoa com surdocegueira. Para realização da comunicação por meio da Libras Tátil, mantém-se a mão da pessoa com surdocegueira em cima das mãos do interlocutor, assim ele poderá perceber a configuração da mão, o ponto articulação, o movimento e a orientação da mão no espaço e no tempo. Entretanto, para que essa comunicação seja fluida é importante que a Libras seja dominada tanto pelo emissor como pelo receptor da mensagem (FARIAS, 2015, p. 31).

Para a realização da comunicação por meio da Libras Tátil, a mão da pessoa com surdocegueira deve ser mantida em cima da mão do intérprete para que ele perceba a configuração de mão, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e o espaço e tempo. Para tal ação, é necessário que os dois sejam fluentes na língua.

A sensibilidade de uma pessoa surdocega é imensurável. Ao tatear, por exemplo, o rosto do guia intérprete, em poucos segundos se tem a informação sobre sentimento, fluência na língua, sexo, idade e estado de humor. Portanto, é

importante que o guia intérprete evite perfumes com fragrâncias fortes. As unhas devem estar limpas e aparadas. Não é recomendado usar objetos pontiagudos nos cabelos, bolsos. Relógios, anéis e pulseiras também devem ser evitados, cuidando assim da segurança de ambos.

2.1.2 Comunicação háptica nas costas

As pessoas surdocegas que utilizam comunicação háptica nas costas a utilizam a fim de articular interação com o ambiente físico e humano.

A comunicação háptica nas costas fará com que o guia intérprete descreva o ambiente para o surdocego, pois uma interpretação não se resume em palavras/sinais, mas envolve vários parâmetros que devem ser observados para que se tenha êxito ao transmitir informações. A comunicação háptica nas costas é um complemento na Libras Tátil.

A imagem abaixo mostra uma interpretação em Libras tátil e comunicação háptica. No centro, está o surdocego, a GI fazendo a comunicação háptica (nas costas), e o GI fazendo a Libras Tátil (nas mãos).



Figura 5 – Interpretação em Libras Tátil e comunicação háptica nas costas

2.1.3 Alfabeto Tátil

O alfabeto tátil consiste na digitação direta na mão da pessoa com surdocegueira. Farias (2015) define:

Alfabeto Tátil – Alfabeto digital utilizado pela comunidade de pessoas com surdez para dar nomes a coisas, lugares e pessoas, adaptado para a condição específica da pessoa com surdocegueira. Esse é digitado na mão da pessoa com surdocegueira, que pela articulação ou posição dos dedos percebe a configuração tomada pela mão do emissor e decodifica a letra. (FARIAS, 2015, p. 33).

O alfabeto tátil é utilizado principalmente para escrever nomes de pessoas, endereços, número de documentos, telefones ou informações que necessitam ser passadas precisamente da forma com que são escritos na língua oral.



Figura 6 – Alfabeto tátil

2.1.4 Escrita Alfabética Tátil

A escrita alfabética tátil é feita, na maioria das vezes, na palma da mão da pessoa com surdocegueira, porém existem também pessoas que usam essa modalidade e a realizam em outros pontos do corpo como braços, testa, ou costas. Segundo Farias (2015), essa modalidade consiste em:

Escrita Alfabética Tátil – Essa comunicação consiste no registro das letras do alfabeto que compõem a língua oral escrita na palma da mão da pessoa com surdocegueira ou em uma base plana. São duas as formas desse tipo de comunicação: dedo do emissor como lápis e dedo da pessoa com surdocegueira como lápis. (FARIAS, 2015, p. 33).



Figura 7 – Escrita alfabética tátil

2.1.5 Tadoma

O objetivo dessa modalidade é promover a capacidade de diálogo por meio do posicionamento da mão do surdocego na região do rosto do locutor. Essa técnica viabiliza o desenvolvimento da percepção do som por pessoas cegas e percepção da vibração em surdocegos.

Tadoma – Esse sistema de comunicação conhecido também como “método de vibração” ocorre mediante a percepção tátil das vibrações produzidas durante o ato de falar. A pessoa com surdocegueira toca com a mão levemente no rosto do interlocutor de forma que a possibilite sentir a vibração das pregas vocais e o movimento labial deste. (FARIAS, 2015, p. 34).



Figura 8 – Tadoma

2.1.6 Sistema de Código Braille

O código braille foi criado em 1825, na França, por Louis Braille. É um código, portanto não é língua.

O código braille tem como base a cela braille, que é formada pela combinação de seis pontos dispostos em duas colunas paralelas. Nesta estrutura,

são geradas 63 combinações que viabilizam a leitura e a escrita por parte dos cegos e surdocegos.

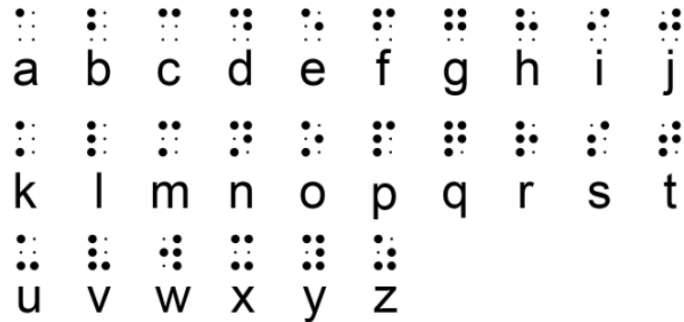


Figura 9 - Código Braille

2.1.7 Sistema Braille Digital

Essa modalidade de comunicação do surdocego consiste na utilização do dedo indicador e médio estendidos e paralelos, cada falange dos dedos representa os pontos da cela braille.

Sistema Braille Digital – sistema de comunicação que utiliza o próprio corpo da pessoa com surdocegueira, especificamente, pontos dos dedos indicador e médio da mão ou dedos indicador, médio e anelar. Os pontos utilizados possuem a mesma estrutura e signo gerador do Sistema Braille. (FARIAS, 2015 p. 36).

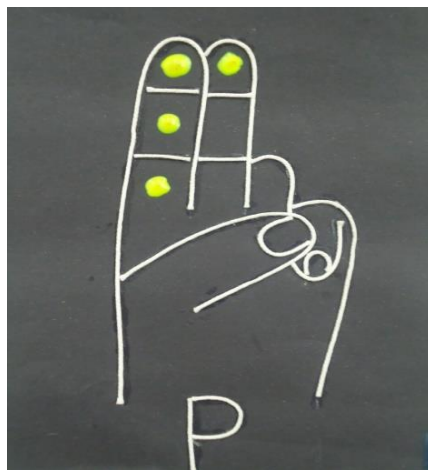


Figura 10 – Braille digital

2.1.8 Comunicação com o alfabeto podal

As pessoas surdas ou surdocegos com a ausência dos braços ou braços comprometidos também encontraram possibilidades de comunicação. Elas se comunicam por meio do Alfabeto podal.

Neste caso, a interpretação é feita com os pés do intérprete nos pés do receptor, desta feita, deverão os dois permanecer sentados no chão, com os pés descalços e as costas apoiadas, a fim de conseguir uma interpretação mais precisa e de forma confortável.



Figura 11 – Alfabeto podal

Esta modalidade de interpretação não conta com ajuda significativa da Libras, pois se trata de uma interpretação restrita, em que temos por oficial apenas o alfabeto. Se a pessoa não for surdocego, ela se comunica com os pés e o intérprete faz em Libras. É uma das modalidades menos conhecidas por parte dos profissionais da área de LS.

Deduz-se, evidentemente, que não importa o tipo de deficiência, o grau de dificuldade ou a especificidade de uma pessoa, o que importa é que todas as pessoas dependem da comunicação e, por isso, buscam estratégias e formas de interação por meio da língua e da linguagem.

Considerando que o sujeito tem uma história e uma cultura, ele é um sujeito sociocultural, porque aprende a partir das relações sociais e culturais. Ou seja, o homem é uma construção social, logo, é incapaz de se desenvolver sozinho, o que

justifica a busca pela comunicação e interação. Em síntese, o que parece individual é resultado da relação com o outro.

2.2 O Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais – TILS

A profissão de Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (TILS), no Brasil, não é algo recente. No entanto, é a partir da década de 1980 que esse profissional começa a adquirir visibilidade atuando mais assiduamente no âmbito religioso, trabalhando como voluntários com a intenção de “ajudar o surdo” e com o propósito de “catequizá-lo”. Aos poucos, esses “intérpretes” ultrapassam a função de interpretar na igreja e começam a acompanhar os surdos em consultas médicas, audiências judiciais e a atender outras demandas interpretativas. No entanto, não eram reconhecidos como profissionais, pois o ato voluntário os conduzia a serem reconhecidos como pessoas bondosas, a maioria eram amigos ou parentes de surdos. Uma considerável porcentagem dos profissionais TILS iniciaram suas atividades na esfera religiosa. Pereira (2008) apresenta uma reflexão concernente:

Historicamente não é possível rastrear o exato momento em que os intérpretes começaram a atuar, mas é plausível imaginar que desde que os povos de diferentes línguas mantiveram contato houve, também, a necessidade de intérpretes. No caso das pessoas surdas, existem hipóteses de que a interpretação surgiu no meio familiar foi, aos poucos, se estendendo aos professores de crianças surdas e ao âmbito religioso. Com o passar do tempo, o fortalecimento dos movimentos sociais e políticos das comunidades surdas, o reconhecimento legal das línguas de sinais surgiu, finalmente, o ILS profissional. (PEREIRA, 2008, p. 138).

Como vimos anteriormente, algumas diretrizes fomentaram o ingresso do surdo na escola, então, a partir do momento que os surdos começaram a frequentá-la, surgiu a necessidade do intérprete. Em princípio, são esses “voluntários” que são chamados a atuarem na área educacional. Ora, esses intérpretes chegam à escola trazendo muitos costumes e práticas interpretativas da esfera religiosa e familiar, esquecendo-se que agora já atuavam profissionalmente e que sua função seria a de interpretar a interação professor/aluno por meio da Língua de Sinais e da Língua Portuguesa.

Mesmo ainda não havendo uma regulamentação profissional, em 1988 aconteceu o primeiro Encontro Nacional de Intérpretes de LS, organizado pela

FENEIS (Federação Nacional de educação e Integração dos Surdos). No referido evento, houve uma grande troca de experiências, várias temáticas foram debatidas e houve a votação do regimento interno do Departamento Nacional dos Intérpretes.

Em 1992, foi elaborado o primeiro código de ética desse profissional como parte integrante do Regimento Interno do Departamento Nacional de Intérpretes (FENEIS), aprovado por ocasião do II Encontro Nacional de Intérpretes no Rio de Janeiro.

O decreto 5626/05 traz a regulamentação da Lei da Libras e do artigo 18 da lei 10.098, um novo avanço rumo à regulamentação da profissão é dado. Um novo prisma referente aos TILS é consolidado e esse profissional começa a busca pela formação específica, pois o documento esclarece que:

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras – Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I – cursos de educação profissional; II – cursos de extensão universitária; III – cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

A partir de então, a certificação de fluência na LS foi feita por meio do exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras – Língua Portuguesa – PROLIBRAS até o ano de 2015. O mesmo documento infere que:

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras – Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras – Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Atualmente, os TILS atuam em diversas esferas sociais e inclusive em universidades, pois a partir da criação do curso de Letras Libras, em 2006, o

ingresso dos surdos nas universidades cresceu consideravelmente e esses necessitam do profissional TILS para fazer a mediação linguística. Com isso, as portas das universidades se abriram tanto para os surdos como para os profissionais TILS.

A primeira universidade brasileira a criar o curso de Letras Libras foi a Universidade Federal de Santa Catarina, com curso presencial e vários polos EaD pelo país. A partir de então, outras Universidades começaram a ofertar o curso, o que nos leva a considerar que a formação desse profissional também é algo recente e muito diversificada.

Observa-se que profissionais das mais variadas áreas atuam como TILS, alguns aprendem a LS com surdos, nas praças em família ou em cursos básicos e começam a atuar profissionalmente. Lacerda (2010) relata: “Pela prática, os intérpretes de Libras/Português ganham prestígio junto à comunidade surda e tornam-se referência de bons profissionais” (LACERDA, 2009, p.31).

Segundo a Secretaria de Estado de Santa Catarina:

A formação de intérpretes de língua de sinais é algo recente em todo mundo. Podemos ressaltar a iniciativa da Universidade Federal de Santa Catarina, com o curso de Letras Libras – bacharelado, que especificou diretamente a formação do tradutor e intérprete de LIBRAS (2013, p. 14).

A partir de então, o panorama de formação desse profissional vem evoluindo, pois foram criados cursos de pós-graduação *stricto sensu* e os mesmo continuam avançando, se qualificando e pesquisando a área de tradução em LS.

A Classificação Brasileira de Ocupações – CBO (2006) insere os intérpretes no grupo dos profissionais Filólogos, intérpretes e tradutores e faz sua identificação sob o código 2614-10, que abrange as denominações de intérprete: intérprete comercial, intérprete de comunicação eletrônica, intérprete de conferência ou tradutor simultâneo. Suas atribuições estão descritas da seguinte forma:

Traduzem, na forma escrita, textos de qualquer natureza, de um idioma para outro, considerando as variáveis culturais, bem como os aspectos terminológicos e estilísticos, tendo em vista um público-alvo específico. Interpretam oralmente, de forma simultânea ou consecutiva, de um idioma para outro, discursos, debates, textos, formas de comunicação eletrônica e linguagem de sinais, respeitando o respectivo contexto e as características culturais das partes. Tratam das características e do desenvolvimento de uma cultura, representados por sua linguagem; fazem a crítica dos textos.

2614-10 Intérprete – Intérprete comercial; Intérprete de comunicação eletrônica; Intérprete de conferência; Intérprete simultâneo; Tradutor simultâneo.

2614-20 Tradutor – Tradutor de textos eletrônicos; Tradutor de textos escritos; Tradutor público juramentado.

2614-25 Intérprete de língua de sinais – Guia-intérprete; Intérprete de Libras; Intérprete educacional; Tradutor de Libras; Tradutor-intérprete de Libras. (p. 385).

Em 2010, a Lei nº 12.319 regulamentou a profissão de Tradutor Intérprete de Libras:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

O seu artigo 6º traz:

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I – efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdoscegos, **surdoscegos** e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

Além de regulamentar, esta Lei reafirma a necessidade do profissional TILS nas escolas para intermediar a interação aluno/professor.

Em 2014, a Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia intérpretes (GI) de Língua de Sinais (FEBRAPILS) elaborou o atual código de ética do profissional, documento que norteia a atuação profissional.

Art. 1º – Para os fins deste CCE, considera-se:

I. TILS – Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais: Profissional que traduz e/ou interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua de sinais ou para língua oral, ou vice-versa, em quaisquer modalidades que se apresentar.

A profissão vem sendo difundida gradativamente, as associações de intérpretes, os sindicatos, os órgãos representativos têm possibilitado o empoderamento do TILS e dos GIs. Em agosto de 2018, aconteceu, em Brasília-DF, o terceiro encontro nacional dos profissionais TILS e GIs organizado pela FEBRAPILS.



Figura 12 – III Encontro Nacional dos Intérpretes de LS

Mais de 120 intérpretes e tradutores presentes. 20 estados representados de norte a sul do Brasil. Febrapils comemorou seus 10 anos em um momento especial de aprendizado, reflexão e trocas de experiência. Nesse evento conseguimos relembrar o passado, observar o presente e sonhar com o futuro. Contamos com todos vocês para esse novo ciclo. (Facebook FEBRAPILS).

Todo esse processo de efetivação da profissão – o seu empoderamento e evolução no que diz respeito a sua formação – causam impactos positiva e diretamente na comunidade surda, visto que é essa comunidade que demanda a atuação desse profissional.

2.3 O Guia-Intérprete (GI) de LS

O profissional GI de LS viabiliza para as pessoas com surdocegueira a interação e o acesso a ambientes que lhes são de direito, como lazer, educação, instituições de saúde e trabalho.

A profissão está regulamentada pela Lei n. 12 319 de 1º de setembro de 2010, a qual não traz a nomenclatura específica de GI, mas traz o termo “surdocegos”:

Art. 6º São atribuições do tradutor e intérprete, no exercício de suas competências:

I – efetuar comunicação entre surdos e ouvintes, surdos e surdos, surdos e surdoscegos, surdoscegos e ouvintes, por meio da Libras para a língua oral e vice-versa;

Os GIs, assim como os TILS, são norteados pelo mesmo código de ética da FEBRAPILS.

II. GI – Guia-Intérprete para pessoas surdocegas: Profissional que interpreta de acordo com as modalidades de comunicação específicas utilizadas pela pessoa surdocega (Língua Oral Amplificada, Escrita na Palma da Mão, Alfabeto Manual Tátil, Língua de Sinais Tátil, Sistema Braile Tátil ou Manual, Língua de Sinais em Campo Reduzido, dentre outras); que facilita sua mobilidade; e que descreve o que ocorre nas situações de comunicação em que está atuando.

Art. 3º – O TILS e o GI devem exercer sua atividade de forma digna e consciente, com o propósito de valorizar a sua categoria profissional.

Art. 4º – O TILS e o GI devem prover os serviços sem distinção de raça, cor, etnia, gênero, religião, idade, deficiência, orientação sexual ou qualquer outra condição.

O GI precisa ter habilidade em realizar a interpretação e ter domínio das várias formas e modalidades de comunicação das pessoas surdocegas, como especificadas do item 2.1.1 ao 2.1.8 desta dissertação, esse profissional utiliza a transliteração ou a interpretação.

A transliteração é quando o GI recebe a informação em uma língua e faz a transmissão na mesma língua em outra modalidade. Por exemplo, recebe a mensagem em Português e transmite em Braille. A interpretação é quando o GI recebe a mensagem em uma língua e interpreta para outra língua. Isto é, quando recebe a mensagem em Português e interpreta para a Libras Tátil.

Esse profissional tem uma função peculiar em relação ao TILS. Ele precisa especificar a contextualização, informando ao surdocego as condições de ambiente, as pessoas, objetos, etc. No momento da sua atuação, também informa as expressões dos envolvidos no processo.

2.4 O Intérprete-Feed na LS

Em algumas situações de interpretação simultânea em LS, há a necessidade de atuação em time. Almeida-Silva e Russo (2014) chamam de interpretação indireta. “[...] aquela em que o produto da interpretação de alguém serve como fonte para interpretação de um segundo intérprete, também chamado de ‘intérprete-feed’, do inglês, ‘feed-interpreter’” (ALMEIDA-SILVA E RUSSO, 2014, p. 01).

Essa modalidade de interpretação é marcada por singularidades significativas, pois mais de um profissional atua no processo.

A figura abaixo apresenta uma interpretação na qual atuam três intérpretes simultaneamente. O intérprete no palco faz a interpretação direta, aquela que é ouvida direto do palestrante na língua fonte (LF) e em seguida transmitida na Língua Alvo (LA). Um segundo intérprete, que é o “intérprete-feed” (IF), o copia. O terceiro intérprete, que está em contato direto com o surdocego ou surdo com baixa visão. O GI faz a transmissão do que chegou a ele via IF.



Figura 13 – Interpretação com TILS, IF e GI

A tarefa do IF consiste em “copiar” a interpretação do TILS, transmitindo ao GI ao mesmo tempo. Ele precisa estar atento às expressões faciais e às entonações para que não seja um trabalho mecânico, automático.

Não é um processo simples, exige muita concentração e sintonia entre todos os profissionais envolvidos. As trocas de olhares ou gestos marcam uma comunicação entre eles para que a interpretação seja a mais próxima possível do discurso do locutor, sem distorcer o sentido, mesmo passando por tantos sujeitos.

Quando há mais de um surdocego, que é o caso da situação apresentada na imagem, a equipe se amplia, pois, para cada surdocego atuam dois profissionais além do TILS que está no palco, o IF e GI.

O trabalho do profissional da área de LS, seja o TILS, o GI ou o IF, está voltado diretamente ao seu interlocutor, que é o surdo ou o surdocego. Portanto, seja qual for a situação de atuação, esses profissionais demandam muita concentração e fluência na língua fonte (LF) e na língua alvo (LA), tendo em vista que a habilidade de tomada de decisão a fim de constituir o sentido é crucial. Não é um trabalho que se volta simplesmente a léxico e sentenças, mas sim, ao sentido.

É importante ressaltar que o TILS, muitas vezes, é um profissional ouvinte. O GI e o IF podem ser ouvintes ou surdos, considerando que trabalham sempre em equipe com um TILS ouvinte.

2.5 Algumas especificidades do Tradutor/intérprete de LS – TILS e do Tradutor/intérprete de LO – TILO

É importante pontuar que há especificidades na atuação do Tradutor/Intérprete de LS em relação ao Tradutor/Intérprete de LO. Uma das que mais se destaca é o público para o qual esses profissionais atuam. Atualmente, o TILS já trabalha em esferas sociais como jurídica, educacional, saúde e atua em grandes conferências e eventos. Porém, isso é novidade. Como já foi mencionado, esse profissional atuava somente na esfera religiosa ou fazia interpretações como voluntário.

Rodrigues e Burgos (2001) retratam essas especificidades a partir do quadro a seguir.

	Intérprete de LO	Intérprete de LS
Diferença política	Atua com Línguas Oraís.	Atua com LS (Ainda muito estigmatizadas).
Clientes	Na maioria das vezes, são de outros países.	Na maioria das vezes, são da mesma cidade, região ou do mesmo país.

Atuação	Na maioria das vezes, atua em conferências e em situações oficiais.	Tem um campo muito amplo, ligado a questões particulares, profissionais, sociais e educacionais de seus clientes.
Exposição	Em conferências; na maior parte em cabines, sem exposição.	Está sempre exposto quando traduz da LO para LS, e, em alguns casos, quando faz o inverso (sinal/voz).

Quadro 1 (RODRIGUES E BURGOS, 2001, p. 30) [Adaptado].

O TILS e o GI nem sempre atuam em eventos internacionais ou de grande destaque na sociedade. Seu público nem sempre é a “elite” da sociedade, mas sua atuação requer habilidades e técnicas específicas em relação às Línguas Orais.

Todavia, na maioria das vezes, atua em posição de destaque, mesmo que inconscientemente. O fato da LS ser viso-espacial lhe expõe, portanto, e vale ressaltar a importância de estar atento às vestimentas, postura, adereços e ética profissional. A atenção do público deve ser voltada à interpretação e não à falta de ética por parte do profissional.

Não importa a esfera social, o público ou o momento. O papel do TILS sempre será o de formar pontes entre mundos linguísticos distintos e sua responsabilidade. Como retrata Magalhães Jr (2007), ela é imensa:

A responsabilidade envolvida em um serviço de tradução é muito grande. O intérprete é um pequeno, mas importante elo na cadeia da comunicação. Não é indispensável, como gostaríamos de crer, mas certamente importante. Por seu intermédio, canalizam-se informações cruciais, cujo entendimento é determinante no curso dos acontecimentos que podem literalmente mudar a história. (MAGALHÃES JR, 2007, p .67).

Ou seja, o TILS e os demais profissionais da área de tradução/interpretação carregam a responsabilidade de serem mediadores, promovendo a comunicação e sendo agentes de superação de barreiras linguísticas.

3 O TRABALHO DO PROFISSIONAL TRADUTOR/INTÉRPRETE DE LÍNGUA DE SINAIS SOB AS LENTES DA TEORIA BAKHTINIANA

Através dos outros, nos tornamos nós mesmos. (Lev Vygotsky)
Ser significa ser para o outro, e, através dele, para si. (Mikhail Bakhtin)

Atrair os conceitos teóricos de Mikhail Bakhtin ao trabalho do profissional tradutor/intérprete de Língua de Sinais – TILS é como percorrer um caminho extenso e surpreendente, considerando que esse importante estudioso da linguagem nos deixou um legado significativo, que nos possibilita compreender que somos seres constituídos a partir do *outro*.

Desde sua concepção, o ser humano depende da relação com o *outro*. Não há uma concepção de ser sem que haja dois seres. Desde o nascimento, o ser precisa de cuidados do *outro*. Para se constituir, a necessidade de interagir com o meio em que se está inserido é primordial, considerando que o sujeito já nasce inserido em uma esfera social e, a partir dela, começa a dialogar por meio das suas relações interacionais.

Nesse sentido, a *linguagem* faz seu papel dialógico, pois ela é a base da concepção humana e, por meio dela, o sujeito toma consciência de si mesmo e, conseqüentemente, da necessidade que tem do *outro*. Dessa forma, o *Outro* é fator primordial para a constituição do *Eu*. Bakhtin (2015) esclarece:

É claro que quando o significado da categoria do *outro* é determinante na criação da ideia de homem predomina o juízo de valor estético e positivo do corpo; o homem é *personificado* e significativo em termos plásticos-picturais; o corpo interior apenas se junta ao exterior, refletindo-lhe o valor e consagrando-se nele. Assim era o homem na Antiguidade na época do seu florescimento. Todo corpóreo era consagrado pela categoria de *outro*, vivenciado como valor imediato, e a autodeterminação significativa, internamente axiológica, subordinava-se à determinação externa através do *outro*, *eu-para-mim* dissolvia-se no *eu-para-o-outro*. (BAKHTIN, 2015, p.49).

A partir desse pensamento bakhtiniano notamos que a linguagem é constitutiva da consciência e de cada atividade mental – o que deixa evidente que o sujeito se constitui das interações sociais das quais participa. Assim, “com efeito, é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 70).

Logo, as relações sociais são o contexto para a construção do eu do ser humano e da sua consciência.

É nessa teia dialógica da linguagem, da interação e da necessidade do *outro* que o ser humano se reconhece como sujeito ativo. Desse modo, o trabalho do profissional TILS se entrelaça à teoria bakhtiniana para descortinar o processo dialógico que envolve um ato tradutório e interpretativo.

3.1 Dialogismo

Bakhtin pensou no mundo social e não no mundo como um lugar onde cada sujeito vive e é capaz de se constituir individualmente. Bakhtin (2015) diz que “o falante não é o Adão bíblico, só relacionado com objetos virgens ainda não nomeados, aos quais dá nome pela primeira vez” (BAKHTIN, 2015, p. 300). Desse modo, no momento em que produzimos discursos, produzimos discursos alheios, porém, como pontes intermediárias, que dialogam com outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. A relação dialógica é polêmica: não há passividade. Todo sujeito se torna ativo e participante do discurso. Nela, o discurso é um jogo, é movimento, tentativa de transformação e mesmo de subversão dos sentidos.

Nessa premissa, entende-se que as relações são estabelecidas entre diferentes enunciados e a construção dos sentidos é partilhada por distintas vozes. Assim, as relações dialógicas alcançam toda espécie de enunciados na comunicação discursiva.

Todo enunciado é relacionado a outros enunciados, influencia e é influenciado por outras produções discursivas. Bakhtin explica que “dois enunciados distantes um do outro, tanto no tempo quanto no espaço, que nada sabem sobre o outro, no confronto dos sentidos revelam relações dialógicas se entre eles há ao menos alguma convergência de sentidos” (BAKHTIN, 2015, p. 331). Logo, o dialogismo é a relação de construção de sentidos que se estabelece entre dois enunciados.

As relações dialógicas podem ser estabelecidas como índices sociais de valor, que necessitam que materiais linguísticos dos signos tenham adentrado na esfera do discurso, e, depois de convertidas em enunciados e fixar a posição de

sujeito social, assegura, assim, a formulação de sentidos os quais permitem a formulação de respostas.

Os conceitos da teoria bakhtiniana dialogam entre si. Para compreendê-los, é preciso entender a linguagem como uma heterogeneidade, pois o discurso é construído a partir do discurso do outro. Um discurso não se constrói por si só.

É coerente comparar dialogismo a uma grande orquestra onde instrumentos e músicos exercem funções peculiares e são indissociáveis. O instrumento não apresenta seu belo som se o músico não executar as técnicas e habilidades necessárias para fazerem soar uma melodia, assim também o músico não pode exercer sua experiência se não tiver em mãos o instrumento. Os dois juntos se completam e fazem soar aos ouvidos de quem os assiste algo agradável e harmonioso. Não se forma uma orquestra com um único músico. Vários músicos formam uma orquestra e dialogam entre si para que haja harmonia e consonância ao tocarem. Do mesmo modo, para Bakhtin, o sujeito é indissociável do outro.

Inserimos então o ato tradutório e interpretativo na esfera dialógica conceituada por Bakhtin, compreendendo que, quando se faz uma tradução/interpretação, há um grande elo de diálogos, interações e produções de sentidos. Um tradutor/intérprete é um sujeito que dialoga e interage simultaneamente com vários sujeitos ocupando a posição de locutor e interlocutor. Ele não é o dono do discurso, assim como o sujeito interpretado também não o é, pois, considerando que todo enunciado perpassa por outros enunciados, um tradutor/intérprete já recebe o discurso carregado de vozes alheias e, ao fazer o processo tradutório, deixa inevitavelmente a sua marca, a sua voz, pois o enunciado se renova a cada vez que é proferido. Bakhtin (2015) esclarecer que:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico [...]. *Nem os sentidos do passado*, isto é, nascidos ao diálogo dos séculos passado, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas); eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem, massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos sucessivo do desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2015, p. 410).

Logo, o discurso ao chegar ao seu interlocutor, em outra língua, passou por adequações e renovações, tendo em vista que o receptor ou interlocutor é aquele com quem dialogamos, em uma interpretação, tanto quanto em outras situações, esse interlocutor interfere também no discurso, uma vez que o modificamos e adequamos a partir do sujeito que está diante de nós, ou seja, a partir do nosso público. Nosso discurso (interpretação) é aceito ou não por esse interlocutor, que dará ao intérprete uma resposta, venha ela de forma simultânea ou posteriormente.

A resposta do interlocutor é percebida pelo locutor – neste caso, o intérprete –, por meio de um olhar, de uma posição de corpo, de uma expressão facial ou até mesmo pelo silêncio, uma vez que o nosso corpo fala, e todo esse processo de manifestação da linguagem interfere na interpretação, pois, a partir da situação, as alterações vão sendo necessárias. Não há fórmulas precisas para uma interpretação, considerando que ela é dialógica, pois a partir de Bakhtin (2015):

A única forma de *expressão verbal* da autêntica vida do homem é o *diálogo inconcluso*. A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2015, p. 348). Grifos do autor.

Uma vez que o dialogismo constitui a linguagem, e toda manifestação é dialógica, obviamente, um ato tradutório e interpretativo também é dialógico. Pois as adequações e escolhas linguísticas, as tomadas de decisões, as expressões faciais e corporais, a forma de articular os sinais, no caso do intérprete de língua de sinais, fazem parte desse grande templo da linguagem que é o dialogismo. Haja vista que a tradução/interpretação é permeada por sentidos.

3.2 A Interação verbal e sua amplitude na tradução/interpretação

A comunicação e a interação são imprescindíveis para que o sujeito se relacione e se adeque aos ambientes sociais em que está inserido. Por meio do processo de interação é possível estabelecer diálogos nos ambientes familiar, profissional, religioso; grupos de amigos ou em qualquer situação que demande uma produção de sentidos. A interação é crucial para o relacionamento social do indivíduo, pois fomenta a possibilidade de *Alteridade*.

Segundo Bakhtin (1992):

A psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos *atos de fala* de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e, no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face às realidades da vida e aos acontecimentos do dia a dia, o discurso interior e a consciência auto-referente, a regulamentação social, etc. A psicologia do corpo social se manifesta essencialmente nos mais diversos aspectos da “enunciação” sob a forma de *diferentes modos de discurso*, sejam eles interiores ou exteriores. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 42). Grifos do autor.

A partir da referida citação é possível compreender que essas interações cotidianas são de suma importância para as relações sociais. Elas ocorrem das mais diversas formas: face a face ou não, através de um olhar, de um sinal, de um gesto, do silêncio, por meio de um texto escrito, de uma imagem, ou de uma palavra.

Na interação, há sempre um jogo entre o que já é dado e o novo. A interação verbal parte do social do indivíduo, ou seja, de algo que já é conhecido, para dar à palavra as diferentes significações e sentidos.

Nesse sentido, segundo Bakhtin (2015):

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). (BAKHTIN, 2105, p.379).

Partindo dessa premissa, a interação verbal envolve dois ou mais sujeitos que interagem e dialogam por meio de perguntas e respostas, sejam elas face a face ou não, visto que as perguntas e respostas podem ser produzidas por um dos participantes da interação. O sujeito dialoga consigo mesmo, pois o Eu não existe sem o Outro da mesma forma que o Outro não existe sem o Eu, portanto, o silêncio também suscita uma enunciação. Segundo Bakhtin (1992),

Toda enunciação, mesmo que de forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 98).

Para que o indivíduo se desenvolva culturalmente, socialmente e individualmente é necessário interagir com o meio no qual está inserido. Esse desenvolvimento está diretamente relacionado com o contexto sociocultural e é ininterruptamente reorganizado e ressignificado pelo indivíduo. Assim, com a inserção do indivíduo no contexto social, ele passa a incorporar (assimilar) ativamente as formas de comportamento humano, entrelaçado aos processos elementares de natureza biológica com os processos superiores de origem sociocultural mediados pelo *outro*. A interação é social.

Um processo de interação que envolve a atuação do profissional TILS envolve também a língua, ora, a *Língua* é um fator social. Um objeto transformador, dinâmico e ativo, pois é uma marca cultural de um determinado povo.

Segundo Bakhtin (1992):

Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala). Trata-se para ele, de utilizar as formas normativas (admitamos, por enquanto, a legitimidade destas) num dado contexto concreto. Para ele, o centro da gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, p. 92, 93).

Todavia, a língua por si só não alcança a grandiosidade da interação. Levando em conta que, para Bakhtin:

a lógica da Língua não é absolutamente a da repetição de formas identificadas a uma norma, mas sim uma renovação constante, a individualização das formas em enunciações estilisticamente únicas e não reiteráveis. *A realidade da língua constitui também sua evolução*". (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 82).

Então, a língua não é simplesmente uma reprodução de palavras, símbolos e códigos, pois os indivíduos socialmente organizados têm como produto de *interação* o ato da *enunciação*. Considerando que, para haver interação, é necessário haver um *enunciado*, a língua é um aparato técnico utilizado no ato da

enunciação e da *interação*. Logo, a língua está sempre em movimento, em transformação e renovação. Para Quadros (2003):

A perspectiva da interpretação é de uma atividade interativa dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o sentido sobre o que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar? Esta interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical. (QUADROS, 2003, p. 80).

A citação acima traz a compreensão de que uma tradução/interpretação não é uma atividade neutra, mecanizada; ou, onde estaria o sentido? O sentido produz-se onde há interação e, se o TILS está em constante interação com o seu receptor e com o locutor na função de mediador, ele se torna um locutor e também um agente nesse processo de interação e produção de sentidos, levando em conta que todos os envolvidos, no processo de compreensão no ato de linguagem, *refletem* e *refratam* ideologicamente os enunciados o tempo todo.

Partindo desse prisma, o profissional TILS, ao mediar um processo de *interação*, deve ter consciência da responsabilidade que lhe é atribuída no que diz respeito à veracidade e “fidelidade” do discurso. Deve ter postura profissional, comportamento ético, conhecimento das duas línguas envolvidas e ter a compreensão de que também está envolvido nesse processo, considerando que, ao assumir o papel de mediador, também se torna um agente produtor de sentidos, e nunca será um mero transmissor neutro de informações.

3.3 Enunciado

Enunciado, em Bakhtin, é distinto de uma sequência de palavras às quais o sujeito utiliza para se comunicar. Brait (2014) esclarece que “uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que esses são únicos, dentro das situações e contextos específicos, o que significa que a ‘frase’ ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações ‘enunciativas’” (BRAIT, 2014, p. 63). Desse modo, o enunciado é único, ele jamais se repetirá, pois, no conjunto da obra, é impossível a mesma pessoa, no mesmo lugar, falando as mesmas palavras com e

para o mesmo público em momentos diferentes, produzir o mesmo sentido e valoração, sabendo-se que não se repete um enunciado concreto; ademais, cada momento é único, a tensão é outra, o objetivo pode ser o mesmo, mas o enunciado é outro.

Bakhtin (2015) explica que “os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela alternância dos sujeitos” (BAKHTIN, 2015, p. 275). Cada sujeito ocupa seu lugar espaço temporal e essa alternância dos sujeitos também interfere no enunciado.

O enunciado não se encontra pronto e acabado. “Os sentidos e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto de obras, indissociavelmente implicados em outras noções também construídas” (BRAIT, 2014, p. 65). Nessas circunstâncias Bakhtin (2015) acentua que:

Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição definida em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. (BAKHTIN, 2015, p. 297).

Logo, o enunciado é o meio pelo qual os sujeitos se manifestam e são reconhecidos enquanto sujeitos sociais. “O enunciado, seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetal e por seu elemento expressivo, isto é, pela relação valorativa do falante com o elemento semântico-objetal do enunciado”. (2015, p, 296). Esses diálogos ou relações sociais trazem consigo marcas históricas as quais refletem e refratam, ou seja, o enunciado tem um autor e um destinatário (locutor/interlocutor).

O sentido de um discurso jamais é o último. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade sem fim de sentidos esquecidos que voltam à memória, provocando neles a renovação dentro de outros contextos. Assim, um ato interpretativo, ainda que sejam as mesmas palavras ou discurso, o mesmo palestrante, o mesmo intérprete e o mesmo público, a interpretação jamais será a mesma. Bakhtin (2015) explica:

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridades que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. (BAKHTIN, 2015, p. 294).

Atrelando essa definição à tradução/interpretação, o momento é o mesmo, o lugar também é o mesmo, mas existe o mediador (tradutor/intérprete) que, nesse processo de interpretação, faz suas escolhas e imprime nelas a sua marca.

3.4 Tema e significação

A visão bakhtiniana de tema está relacionada a outras categorias, considerando que o conceito de tema é construído a partir das relações de interação que atribuem ao enunciado um valor axiológico. Para o autor, o tema não corresponde ao assunto (àquilo que se fala), o tema é um conteúdo ideologizado no qual se inserem o material verbal e o extraverbal.

Desse modo, o tema é construído na interação, a partir de uma situação de enunciado concreto. O emissor, no momento de sua enunciação, recorre a sistemas extralinguísticos. Ele constrói um sentido específico para aquilo que diz, logo, constrói um tema.

Pode-se, por exemplo, a partir de uma sentença como: “Ele estava triste”, observar que o tema associa o material linguístico à vida cotidiana, uma vez que é constituído na interação verbal. O locutor e o interlocutor interagem efetivamente com o conteúdo da construção de sentido do enunciado.

Pode-se observar que, a partir da construção verbal “Ele estava triste”, se observada meramente a partir da sua dimensão linguística, ela é apenas uma oração. Se não a inserimos em um contexto, não saberemos quem é “ele” nem por que estava triste. Para quem está sendo proferida? Por que está sendo proferida? Com qual entonação? Quer dizer, ela não tem um significado para além da materialidade verbal.

Contudo, tomando essa mesma oração e a reportando a um contexto, a uma situação real, à expressão de uma situação sócio histórica, ela terá sentido e

significação a partir do contexto sócio histórico e assim adquire um tema. Na medida em que ele estava triste em uma situação real, pode estar relacionada à dor, a sofrimento, a estado emocional, à tristeza, à raiva ou até mesmo a uma ironia. Isso é, o momento, a situação real que vai determinar, logo, o tema surgirá a partir da situação real, do aqui e agora do ato enunciativo.

Tema e significação estão relacionados, pois é no interior do tema que se encontra a significação. A significação pode se repetir por estar relacionada a elementos reiteráveis como elementos gramaticais e prosódicos inerentes ao sistema da língua.

Segundo Bakhtin (1992):

Uma nova significação se descobre na antiga, e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la. [...] a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema, e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 136).

Assim sendo, um enunciado, toda vez que for proferido, trará consigo sentidos diferentes. Conseqüentemente, outro tema, já que este representa uma dependência da situação histórica na qual a enunciação é pronunciada, constituindo-se, assim, na verdade do elemento. Dessa forma, segundo Bakhtin (1992), o “tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas também por elementos não-verbais da situação” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 128). Nesse sentido, pode-se dizer que, se forem perdidos de vista os componentes elementares da situação, dificilmente se compreenderá a enunciação, pois terão sido perdidas as referências que fazem parte do ponto mais importante para a compreensão.

No processo de tradução/interpretação que envolve as LS e a LO, o tema surge a partir das experiências sócio históricas dos envolvidos se o TILS precisar, por exemplo, interpretar o enunciado que foi citado anteriormente “Ele estava triste”, antes de fazer o processo de transição de uma língua para outra, suas experiências de vida, o momento, o contexto irão compor um tema em sua consciência, porém,

ao chegar o enunciado ao seu interlocutor, outros podem surgir, visto que o tema surge na interação.

Levando em consideração que, segundo Bakhtin (1992), “tema é um sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 129). O tema só surgirá no momento em que se efetivar o ato tradutório e interpretativo. Ou seja, o tema não é algo dado, mas criado situadamente.

3.5 Alteridade e exotopia

Na perspectiva bakhtiniana, um diálogo não se resume a uma conversa. Para o russo, tudo se constitui em um constante exercício de alteridade.

Amorim (2004) nos esclarece que “a alteridade sob a forma de diálogo e da citação é, pois, o traço fundamental da linguagem. Não há linguagem sem que haja um outro a quem eu falo e que é próprio falante/respondente; também não há linguagem sem a possibilidade de falar do que um outro disse” (AMORIM, 2004, p. 97). Portanto, é no exercício da alteridade que os sujeitos interagem e dialogam, compreendem a posição do outro e que da sua posição de sujeito ativo se altera e se constitui. A autora diz que “A alteridade é formulada como um elemento inerente à linguagem humana e um dos mais importantes traços distintivos em relação à comunicação animal” (AMORIM, 2004, p. 95). Desse modo, o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo e sua consciência, se constituem e se elaboram a partir das relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, logo pela alteridade.

A exotopia está relacionada ao momento que exerço a prática de *me colocar no lugar do outro*, é o excedente da minha visão, podemos chamar de “embeber-me” do outro, mas retornando ao meu lugar.

O outro tem uma visão ampla do eu e eu consigo ter a visão de acabamento do outro, mas não de mim mesmo. Segundo Bakhtin (2015):

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse

outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver [...] Esse *excedente* da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse – *excedente* sempre presente em face de qualquer outro indivíduo – é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em um dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim. [...] para mim, e o excedente da minha visão por ele condicionado em relação a cada um deles [...]. (BAKHTIN, 2015, p. 22-23).

Assim, é esse *excedente da visão* que nos permite a exotopia necessária para poder nos deslocar ao encontro do outro e no lugar único no mundo e na história, exprimir algo referente a ele, participando então da sua existência, sabendo-o e a nós mesmos como seres inacabados e responsivos. Logo, estamos cotidianamente abertos ao que o outro pensa sobre nós.

Cada pessoa ocupa um determinado lugar espaço-temporal e, deste lugar único, é revelado o nosso modo de ver o *outro* e o mundo que nos envolve, ou seja, a *alteridade*.

Convém, aqui, nos reportarmos ao trabalho do profissional TILS (sujeito crucial desta pesquisa) como um constante processo de mediação e alteridade. Ele está sempre na posição de locutor, na seleção de critérios e cuidados com a elaboração (interpretação-tradução) do discurso. Esse processo de assimilação e tradução-interpretação constitutiva da língua faz-se presente na construção e nos efeitos de acordos de sentido do *discurso*, na *compreensão ativa e responsiva*, como numa réplica, suscitando sempre uma posição do seu interlocutor (surdo/ouvinte), uma resposta.

Esse é também um processo de *interação* e mediação contínuo, que nos leva a refletir como se assimilam as palavras ou sinais alheios (sinais, quando se trata de tradução/interpretação inversa, LS para LP), como são criadas, constitutivamente, as respostas contextuais e como as práticas sociais influenciam nossos modos de interação. Considerando que, para Bakhtin, “nossa fala, isto é, nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros”, o tom valorativo é sem dúvida a essência da própria língua materializada no processo de interação. Assim sendo, esta valoração passa pelo crivo gramatical e semântico do profissional.

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente),

completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. (BAKHTIN, 2015, p. 271).

Nesse sentido, a compreensão responsiva pode ser atrelada à prática de tradução/interpretação como uma relação dialógica inserida na produção discursiva. O sujeito que traduz/interpreta estabelece uma relação de sentidos entre os enunciados existentes no discurso que têm como referência a interação verbal.

“Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente; o ouvinte se torna falante” (BAKHTIN, 2015, p. 271). Nesse sentido, toda compreensão mobiliza uma infinidade de experiências sócio históricas que emitem um juízo de valor estabelecendo uma posição, um juízo de valor em relação ao locutor numa referida esfera da comunicação verbal, para qual ele prevê uma resposta ou uma compreensão ativa do interlocutor.

O sujeito não somente se expressa, ele age e atua com seu interlocutor sempre esperando uma resposta. Cada enunciado interage com outros enunciados e suscita uma resposta. “Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de cada esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2015, p. 29). Desse modo, cada profissional carrega suas especificidades e individualidades, porém, se o ser se constitui a partir do *outro*, deve levar em consideração que o seu trabalho só será executado a partir da interação com o outro.

3.6 Sentido e Valoração no ato tradutório e interpretativo em LS

Se o mundo no qual habitamos é social, não é um mundo onde cada sujeito vive e é capaz de se constituir individualmente, então “vivo em um mundo de palavras do outro”, vivo em um mundo polifônico, onde as vozes compõem uma grande “melodia” e que a “harmonia” faz parte de um conjunto de “sons” e entonações alheias. Esta “melodia” também é composta de sons, vozes, palavras, entonações e intenções. Intenções porque não há palavras neutras.

Esta entonação não está simplesmente na comunicação verbal. Ela se dá também por meio das expressões faciais, corporais, gestos, sinais e até no silêncio.

Ao produzirmos discursos, não somos a fonte deles, porém intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Como já foi dito, a relação dialógica é polêmica, não há passividade. Nela, o discurso é um jogo, é movimento, tentativa de transformação e mesmo subversão dos sentidos. O sentido de um discurso jamais é o último: a interpretação é infinita. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade sem fim de sentidos esquecidos que voltam à memória, provocando neles a renovação dentro de outros contextos. (PIRES, p. 14.).

No ato da interpretação, há uma *tensão*, um *acordo de sentidos*. O TILS recebe a informação, processa, toma decisões e *negocia* com seu interlocutor, considerando que o objetivo central em uma interpretação é que o receptor não sofra prejuízos em relação às informações recebidas, mesmo que o profissional tenha a consciência de que o enunciado sempre se renova, ou seja, não dizemos ou reproduzimos a mesma coisa, como salienta Eco (2014):

Compreender mesmo sabendo que nunca se diz a mesma coisa, se pode dizer quase a mesma coisa. A essa altura, o problema já não é tanto a ideia da mesma coisa, nem a da própria coisa, mais a ideia de quase. [...] Estabelecer a flexibilidade, a extensão do quase depende de alguns critérios que são negociados preliminarmente. Dizer quase a mesma coisa é um procedimento que se coloca, como veremos, sob o signo da negociação. (ECO, 2014, p. 10-11).

Refletindo sobre o que Eco e Bakhtin dizem, é possível compreender que, mesmo que a intenção seja interpretar a *mesma coisa*, isso provavelmente não será possível, não por negligência do TILS, mas por impossibilidade de se repetir um enunciado e pelo fato de que cada enunciado é único e nunca se repetirá. Dessa forma, o acordo de sentidos é primordial, considerando que a resposta positiva ou negativa por parte do receptor é que faz com que o TILS tenha a consciência de que houve interação entre as partes.

Portanto, o TILS buscará sempre a forma mais clara e mais próxima do discurso original para que os enunciados sejam interpretados sem perder o sentido e sem trazer falhas linguísticas e sem se prender a sinais, palavras e sentenças. Esse profissional atua de acordo com o interlocutor. Segundo Bakhtin, “o locutor também deve levar em consideração o ponto de vista do receptor. É impossível reduzir-se o ato de descodificação ao reconhecimento de uma forma linguística utilizada pelo locutor como forma familiar conhecida” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 93).

O processo de interpretação é de uma complexidade inimaginável, e se pensarmos neste processo envolvendo conceitos abstratos, a dificuldade é ainda maior, a responsabilidade redobra e o cuidado que o TILS deve ter para não cometer equívocos é muito grande.

Desse modo, o processo de tradução/interpretação está fortemente relacionado à constante renovação de enunciados e temas, portanto não existe uma tradução pronta, certa, perfeita e acabada. São exigidos conhecimentos específicos tanto da gramática de ambas as línguas (Libras/Português), quanto de técnicas de tradução, experiência, sempre com atenção ao cotidiano, às culturas envolvidas, todo esse aparato técnico, segundo a teoria que norteia essa pesquisa, não é estático.

É um trabalho exposto a inúmeros questionamentos referentes à diversidade de discursos que permeiam sua atuação, dada a necessidade de buscar estratégias que auxiliem os sujeitos envolvidos na construção de sentidos do que lhes é exposto. Esse trabalho exige habilidades nas línguas verbalizadas e sinalizadas, pois há ideias sociais que defendem que a tradução simultânea não é suficiente para compreensão do discurso pelo surdo, considerando que a tradução não será exatamente igual ao discurso original, já que o intérprete utiliza o planejamento linguístico para emitir o enunciado recebido pelo locutor.

Segundo Quadros (2003, p. 79), “pensa-se no intérprete como um reproduzidor de textos – sinais, palavras, sentenças. Na verdade, sabemos que somente sinais, palavras e sentenças não são suficientes para que o surdo construa sua concepção referente ao discurso”. Portanto, deve se considerar que, nas esferas sociais formais como sala de aula, esfera jurídica, política e demais locais que exigem a norma culta da língua portuguesa, precisa-se fazer uma tradução diferente da tradução em casa, com os amigos, na praça, etc.

A língua oral auditiva não é a única forma de comunicação entre os sujeitos, porém é a mais utilizada na sociedade, pois os indivíduos também se comunicam e interagem por meio de sinalizações, expressões, gestos e até mesmo por meio do silêncio. Os sujeitos surdos utilizam a Língua de Sinais (Língua viso-espacial) para se comunicar e interagir.

Compreende-se que as línguas de sinais possuem a mesma valoração que as línguas orais auditivas, considerando que as mesmas proporcionam ao sujeito

surdo o direito de se comunicar e interagir socialmente. Porém, nem todos os usuários das línguas orais auditivas (ouvintes) sabem utilizar a Língua de Sinais. Então, há a necessidade de o profissional Tradutor/Intérprete (TILS) atuar na mediação linguística entre as modalidades específicas das línguas envolvidas no processo.

O trabalho de um TILS, assim como de um GI, não é simplesmente uma transposição linguística. Envolve enunciados diferentes, culturas, ideias, identidades e a relação entre o *eu* e o *outro*, isto é, entre os sujeitos discursivos.

Esse profissional atua em constante interação comunicativa sociocultural com os sujeitos surdo/ouvinte. No processo de atuação profissional, ele ouve/visualiza o enunciado, compreende, ressignifica, interpreta e transmite para o surdo/ouvinte. Entretanto, o processo não é tão simples assim. Ele processa a informação dada na língua fonte (LF) e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas para a língua alvo (LA). Esse processo objetiva aproximar a compreensão dos sujeitos envolvidos, norteando as informações dadas pelo primeiro locutor. Portanto, o ato da tradução/interpretação leva o referido profissional à necessidade de habilidade nas duas línguas envolvidas, levando em consideração as normas gramaticais de cada língua e a esfera social em que acontece o enunciado, considerando que não se deve traduzir uma conversa informal, um bate-papo de corredor, uma conversa no bar, um culto/missa religioso, uma palestra formal da mesma maneira.

Bakhtin (1992) explica que: “enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 94). Portanto um sinal/palavra não terá o mesmo significado em todas as situações. Tudo aí dependerá do contexto/esfera social, do contexto sócio histórico que envolve o profissional, do seu “público alvo” e das decisões que a ele forem pertinentes. Como diz Dennis Cokely: “Intérpretes são contratados para tomar decisões”.

Echeverria (1998) diz: “Para escutar, dizemos não basta ouvir, é necessário interpretar o que o outro diz. Caso não haja interpretação, não há escuta. A interpretação é o coração da escuta” (ECHEVERRIA, 1998, p. 45). No caso do sujeito surdo, não basta ver a sinalização, é importante a compreensão do

enunciado. Por esse motivo, o profissional buscará a estratégia mais clara e objetiva, a fim de proporcionar a produção de sentidos.

Escutar vai além de olhar e ouvir. Uma tradução/interpretação vai além de palavras ou sinais. Requer atenção, compreensão. Quando se traduz/interpreta um enunciado, podemos dizer que há a produção de sentidos. E essa produção de sentidos, segundo Bakhtin, só é possível se houver interação, logo, para que haja interação é necessária a compreensão do enunciado.

Portanto, o trabalho desse profissional não se dá de forma isolada, considerando apenas um dos envolvidos no discurso, mas todos que fazem parte desse processo de interação e produção de sentidos. Conhecimentos lexicais, gramaticais, semânticos e pragmáticos são importantes e fazem parte do seu trabalho. Porém, não são suficientes para que haja um processo de tradução-interpretação eficiente.

Conforme Machado (2014) apresenta:

A interpretação consiste em encontrar “pistas” de significados implícitos, em atentar para a polissemia dos itens lexicais que expressam conceitos abstratos e em determinar, em cada enunciado, o que se expressa em função do contexto linguístico-situacional. Além disso, há uma capacidade individual de estruturar conhecimentos, uma habilidade própria de organizar as experiências cognitivas. (MACHADO, 2014, p. 53).

Assim sendo, não deixemos de fora a importância que a palavra carrega. Em todo e qualquer diálogo, é o poder da palavra que vai determinar a interação. Se não houver compreensão da palavra, haverá uma interação, porém, não haverá produção de sentidos. O sentido da palavra vai depender do lugar do locutor e interlocutor, do momento e da intenção estabelecida.

3.7 O discurso reportado do TILS

“Apropriar-se” do discurso de outrem no momento de uma tradução/interpretação exige um movimento *exotópico* e de *alteridade*. O intérprete precisa deixar de lado o seu *eu* para “mergulhar” no *eu* do *outro*, ou, como diz Amorim (2003, p. 14), precisa se “situar em um *lugar exterior*”, lembrando-se de voltar ao seu lugar.

Consideremos que, num momento de interpretação, o locutor (outrem) externa em seu discurso sentimentos e expressões de dor, sofrimento e abatimento, e que o intérprete está em um momento de felicidade plena. Qual será o papel do intérprete nesse momento? Será possível fazer uma interpretação expressando sua felicidade ou o sentimento do locutor? É o momento de praticar a exotopia. De apropriar-se do discurso de *outrem*, de dar o tom valorativo à intenção do autor. Suas expressões devem ser tão tristes e abatidas quanto as expressões do locutor. É necessário transmitir ao seu interlocutor a veracidade do discurso.

Nesta perspectiva, quem interage com o intérprete, interage simultaneamente com o autor, uma vez que o intérprete aqui é a “voz” do autor. Aqui, a enunciação não é autônoma, pois se origina do sujeito que discursa. Mas, é possível apropriar-se do discurso de outrem? Bakhtin (1992) propõe: “Manifesta-se assim, nas formas de transmissão do discurso de outrem, uma *relação ativa* de uma enunciação a outra, e isso não no plano temático, mas através de construções estáveis da própria língua”. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p.145). Em consonância, Quadros (2003) explicita que:

A fala é um processo dinâmico. E a percepção do intérprete como passiva e neutra é um grande problema. Este processo envolve questões éticas. É óbvio que o intérprete deve resolver impasses éticos (tomar decisões diante de dilemas éticos), mas naturalmente ele está envolvido no processo. (QUADROS, 2003, p. 80).

O TILS não está envolvido no sentido de interferir na fala do locutor ou de mudar o sentido do discurso, mas no de fazer parte desse processo dialógico como mediador e por deixar sua marca ao emitir o enunciado para o surdo ou para o ouvinte em uma língua distinta da língua fonte.

Para se traduzir/interpretar (transmitir) o discurso de outrem, deve-se levar em conta o contexto, o momento e a intenção. É necessário “construir” a imagem da “orquestra”, tentando não dissociar a função de cada componente, apesar do discurso estar vulnerável a diversas interpretações, reconsiderações, reacentuações e sentidos, pois o intérprete deixará nele a sua marca.

Assim, vale lembrar que o enunciado é único, que ele não se repete, se renova a cada vez que é proferido. Portanto, ainda que o TILS se “aproprie” do discurso do outro, no sentido de intermediar uma interação, ao mesmo tempo em que ele é o interlocutor, torna-se locutor. E nesse processo de jogo de interações,

mediações, enunciações e discursos, há uma negociação, uma busca por acordo de sentidos. Há uma tensão nesta cadeia de negociações, o que suscita sempre uma réplica, uma resposta dos sujeitos envolvidos.

No entanto, o discurso de outrem está presente em todas as interações verbais. A considerar que: “a palavra do outro deve transformar-se em minha-alheia (ou alheia-minha). No processo da comunicação dialógica com o objeto, este se transforma em sujeito (o outro *eu*)” (BAKHTIN, 2015 p. 381). Ou que “o tradutor no processo de construção de sentidos do texto a ser traduzido dialoga com as muitas vozes que o rodeiam e o constituem” (ALBRES, 2016, p. 17).

Interpretar, traduzir, mediar, negociar, refletir, refratar, interação, discurso, diálogo, língua, palavra, sentido, significação, alteridade, exotopia, decisão e muitos outros termos da teoria bakhtiniana são perfeitamente apropriados e indissociáveis, a nosso ver, da atuação profissional do TILS. Sua atuação vai além do diálogo face a face e ultrapassa a função de um simples mediador. É preciso que “saia” de seu lugar de origem para se colocar no lugar do outro, “deixe” de ser ele mesmo para se transformar no outro, e esqueça paradigmas e concepções em busca da efetiva compreensão do outro. O profissional esquece sua zona de conforto e se transporta para o “conforto” do outro. Pratica a alteridade consciente e inconsciente para que o aqui e agora seja carregado de sentidos e significações, a fim de que o tema seja criado e os sentidos construídos por todos os envolvidos na interação.

O esquema a seguir foi elaborado por nós e apresenta um esboço do processo de interpretação em LS norteado pela teoria bakhtiniana, visando à compreensão de que todos os sujeitos são ativos no processo.

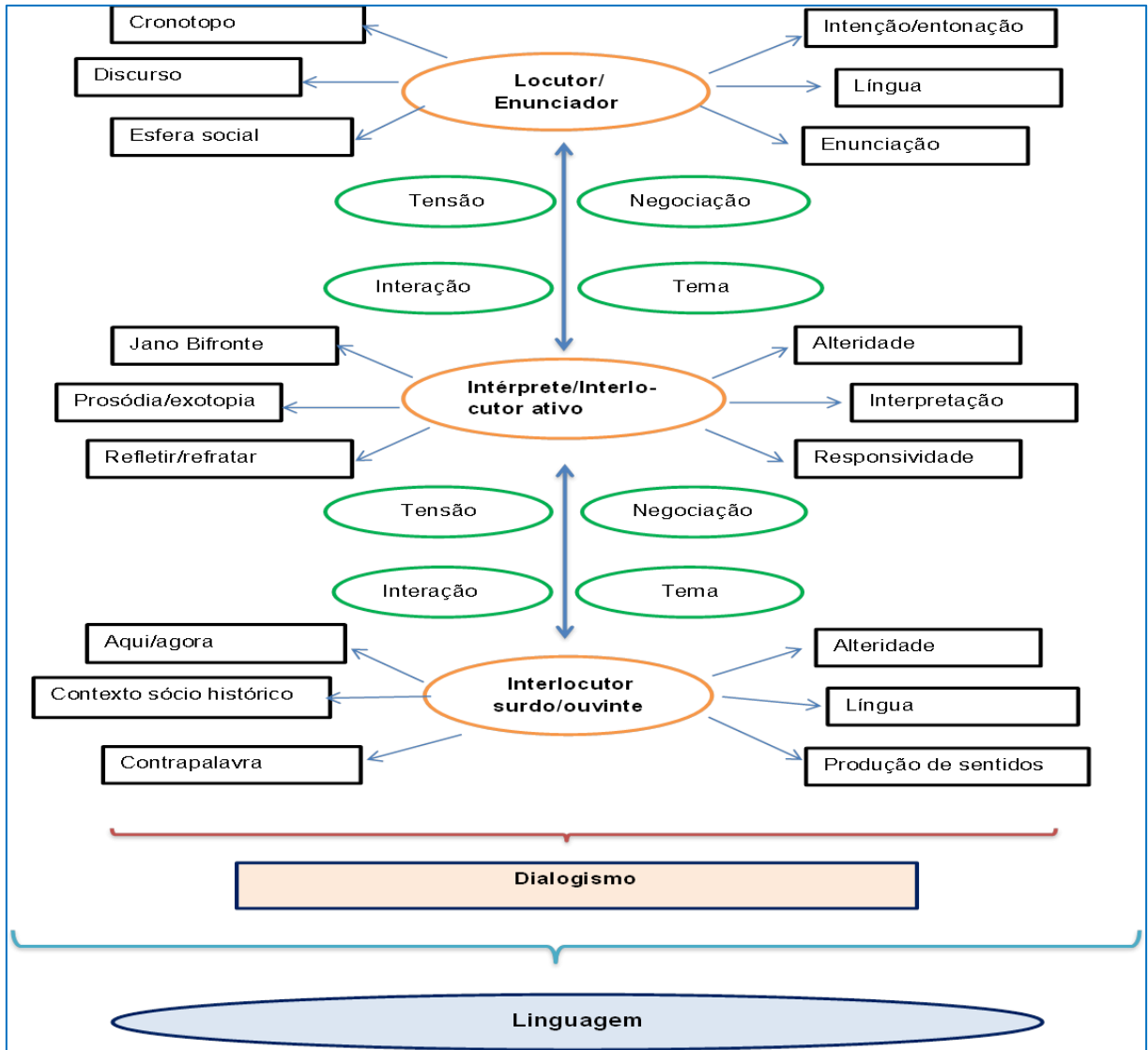


Figura 14 – Esquema de interpretação em LS [Construção nossa].

Explicando o esquema: Os sujeitos e conceitos que aparecem no esquema são relacionados a um ato-evento interpretativo em LS; o *locutor/enunciador* apresentado é o sujeito que estará em posição de palestrante, o *locutor II/interlocutor ativo* é o TILS, que, ao mesmo tempo que é interlocutor, passa a ser locutor, visto que no momento que interpretar se torna locutor; o *interlocutor II* é o surdo/ouvinte, sujeito para o qual será feita a interpretação. As setas que interligam os sujeitos representam a interação mútua que acontece entre eles por meio de todo o processo e pela orientação da palavra proferida pelo locutor/enunciador, considerando que, para Bakhtin (1992), “essa orientação da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo

fato de que se dirige a alguém” (BAKHTIN, 1992, p. 113). Assim, todos os sujeitos são ativos no processo.

Todos os conceitos se entrelaçam, visto que o *discurso* que provém do locutor/enunciador é o discurso de outrem, um discurso citado, preparado e analisado. Podemos levar em consideração que Bakhtin também valoriza a organização sintática e morfológica do discurso. Considerando que ele se dirigirá a alguém, esse discurso estará organizado a partir da *esfera social* e carregará um *querer dizer* que suscita uma *entonação*, essa entonação fará a caracterização dessa intenção e o *cronotopo*, pois “a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 113).

Não podemos deixar de considerar que a *língua* terá seu papel importante, visto que ela será o aparato técnico da comunicação, ou seja é a língua que concretiza a linguagem a partir dos signos ideológicos. “Na realidade, o locutor serve-se da língua para suas necessidades concretas (para o locutor, a construção da língua está orientada no sentido da enunciação da fala)” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 92).

O intérprete/locutor ativo estará na posição de um *Jano bifronte*, imagem do Deus grego que Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato* (1993), apresenta posição dupla, duas faces.

Um ato de nossa atividade, de nossa real experiência, é como um jano bifronte: Ele olha em duas direções opostas: Ele olha para a unicidade objetiva de um domínio da cultura da vida realmente vivida e experimentada. Mas não há um só plano unitário e único onde ambas as faces poderiam mutuamente se determinar com relação única e singular unidade (BAKHTIN, 1993, p. 20).

Dessa forma, o intérprete ocupa as duas posições, assume as duas faces, do locutor l/enunciador e busca se adequar ao seu interlocutor (surdo/ouvinte) *refletindo*, tomando decisões que serão cabíveis à situação. Para tal, fará o processo *exotópico*, saindo da sua posição para ver mais do outro do que de si mesmo. Ele se situa fora de si retornando ao seu lugar único, promovendo a *alteridade* a partir das alterações que se consolidarão naquele momento sócio histórico.

A partir desse processo, o TILS já fez suas escolhas lexicais, refletiu – por utilizar a língua e reproduzir o seu sistema – e também refratou deixando sua marca,

sua assinatura, já se colocando no lugar do outro e fazendo o processo da alteridade, então faz a *interpretação com responsividade*, pois “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2015, p. 271). Logo, esse profissional está em uma situação de responsividade pelo seu trabalho.

O *interlocutor II surdo/ouvinte* não estará passivo em todo esse processo, que tem um *aqui/agora*, o qual o influenciará a *uma contrapalavra*, ou seja, aceitará ou não o seu discurso, levando em consideração que a *alteridade* aí faz seu papel de alteração, a partir do momento dessa interação em que ele faz suas “escolhas”, constitui-se como um sujeito participante do processo e a *língua* é importante para esse sujeito no sentido de dar a ele a possibilidade de compreensão do discurso. O que resulta na *produção de sentidos*.

O processo tradutório e interpretativo fomenta uma *tensão* entre os envolvidos, uma *negociação*, em que cada sujeito fará seu papel de convencimento na *interação* para que se chegue a um *tema* que surgirá no momento e cada sujeito o verá de forma particular.

Toda essa cadeia *dialógica* que reflete e permeia o trabalho do TILS, carregada por vozes, constitui a *linguagem*, que é o elo de comunicação e interação entre os seres. Considerando que a vida é naturalmente dialógica.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa se fundamenta na teoria de Mikhail Bakhtin, filósofo e pensador russo da linguagem, que é conhecido também como o filósofo do diálogo. Bakhtin interagiu e trocava saberes com um “grupo de estudiosos” chamado *O Círculo de Bakhtin*, composto por intelectuais de diferentes áreas do conhecimento. Faraco (2009) acentua que “era constituído por pessoas de diversas formações, interesses intelectuais e atuações profissionais (um grupo multidisciplinar, portanto) [...]” (FARACO, 2009, p. 13). Ao pensar a relação dos conceitos do Círculo com a atuação do profissional TILS, essa pesquisa foi se descortinando.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e busca a compreensão do processo *dialógico*, *exotópico* e de *alteridade* no processo tradutório e interpretativo de Língua de Sinais/Língua Portuguesa (LS/LP), bem como na compreensão da produção de sentidos, a fim de enriquecer as discussões sobre as práticas de tradução/interpretação e fomentar estudos na área de atuação do profissional TILS além do olhar técnico (léxico e vocabulário).

Os sujeitos participantes são cinco profissionais da área de LS, dos quais dois atuam no Estado de Mato Grosso, dois em São Paulo e um no Rio Grande do Sul. Para a seleção dos sujeitos, considerou-se o tempo de experiência, a área de atuação, a modalidade de atuação e, além disso, o fato de dois dos profissionais escolhidos estarem envolvidos na interpretação do jogo da Copa do Mundo de 2014. São profissionais com experiências importantíssimas, diversificadas e singulares.

A coleta de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas com oito perguntas gerais (feitas a todos os entrevistados) e perguntas específicas que foram feitas levando em consideração o profissional e a intenção da pesquisadora. Exceto o entrevistado Fá não é TILS, então a ele foram feitas somente as perguntas específicas.

A cada entrevistado foi entregue uma carta de apresentação da orientadora, descrevendo o nosso trabalho, com o título da pesquisa e um pedido de acolhimento.

O quadro a seguir foi elaborado por nós a fim de demonstrar a especificidade em relação à LS e atuação de cada profissional entrevistado, razão pela qual foram selecionados como sujeitos participantes desta pesquisa.

NOME FICTÍCIO	PROFISSÃO	TEMPO DE CONTATO COM A LS	MODALIDADE DE COMUNICAÇÃO
Mi	TILS/professor de LS	ouvinte – 35 anos	LS/LP outras LO e outras LS
Sol	TILS/professor de LS	ouvinte – 08 anos	LP/LS
Si	TILS/GI professor de LS	ouvinte – 23 anos	LS - Libras Tátil Comunicação Háptica LP
Ré	TILS	ouvinte – 26 anos Coda ⁴	LS/ LP
Fá	Instrutor de Libras Tátil comunicação háptica	surdocego – 31 anos	Libras/Libras Tátil Comunicação Háptica

Figura 15 – Apresentação dos entrevistados

O nome fictício atribuído a cada sujeito é o nome das cinco linhas da pentagrama musical na clave de *Sol*. A pentagrama é o conjunto de cinco linhas sobre o qual se escrevem as notas musicais, que são os símbolos que representam os sons graficamente. Optamos por atribuir aos sujeitos os referidos nomes, considerando que eles serão os profissionais que ajudarão a compor a partitura dessa pesquisa, que será analisada cautelosamente a fim de não perder nenhum dado e/ou símbolo que proporcione a execução da melodia proposta. Ou seja, os dados coletados durante as entrevistas serão analisados de forma a compreender se os objetivos foram ou não alcançados e o que trazem de novo além das expectativas da pesquisadora.

Todas as entrevistas foram filmadas ou gravadas e transcritas posteriormente. As perguntas gerais foram as seguintes:

- 1- O que lhe motivou a ser intérprete de Língua de Sinais?

⁴ Coda – Childrem Of Deaf Adults – Nome que se atribui a filhos de surdos. (SOUZA, 2010, p. 01).

- 2- Como você define o profissional TILS? A relevância do seu trabalho, os desafios diários e a sua contribuição na sociedade?
- 3- O que você entende por FIDELIDADE durante o ato tradutório? ⁵
- 4- Você concorda que o intérprete tem autonomia para tomar decisões no momento da interpretação?
- 5- Qual a sua compreensão de “se colocar no lugar do outro”? Acredita ser necessário este processo durante a interpretação?
- 6- Durante e depois de uma interpretação, quais os procedimentos lhe resultam a sensação de “dever cumprido”?
- 7- No Brasil, o profissional intérprete de Língua de Sinais passa por determinadas situações peculiares em relação aos intérpretes das línguas orais. Como você assimila essa peculiaridade?
- 8- Como você define a relação surdo/intérprete?

O entrevistado Mi seria entrevistado via skype ou viajaríamos até sua cidade, porém, após receber o convite para participar da pesquisa, propôs vir a Cuiabá, pois, além da entrevista, daria uma oficina para profissionais TILS, visto que é um profissional que ministra cursos de formação internacionalmente. Aceitamos a proposta, juntamente com dois profissionais TILS da UFMT, organizamos uma oficina de formação com duração de 40h intitulada *Técnicas de Tradução e Interpretação Intersemiótica*, da qual participaram profissionais de outras cidades do Estado de Mato Grosso, do Estado de Goiás e Rondonia. Todos os profissionais TILS da universidade (UFMT) e cinco professores do curso de licenciatura em Letras Libras participaram da formação com apoio da Gerência de Capacitação e Qualificação (GCQ) e da Coordenação de Desenvolvimento Humano (CDH), que custearam suas inscrições.

No último dia de formação, o profissional (entrevistado Mí) deu uma palestra no auditório M do Instituto de Linguagens com o tema *Relações de Poder na Comunidade Surda, dos ‘ismos’ à alteridade*. A palestra foi aberta ao público e teve a participação de aproximadamente 150 pessoas (discentes, docentes, surdos, ouvintes e profissionais do estado e município), todos receberam certificação emitida pela UFMT.

A entrevista ocorreu na sala 29 do Instituto de Linguagens, para tal, utilizou-se um notebook para a gravação de vídeo da entrevista na íntegra e teve a duração de uma hora e cinquenta minutos (1h50). A perspectiva era que tivesse a duração de aproximadamente 40 minutos, porém o entrevistado se sentiu muito à vontade e a cada pergunta feita argumentou de forma detalhada, com exemplos de fatos ocorridos no decorrer da sua trajetória profissional, fez comparações e demonstrou surpresa a cada pergunta feita.

As perguntas específicas feitas a Mí foram as seguintes:

- 1- Você tem experiência de interpretação em contextos diferentes como religioso, conversas formais, conversas informais e... Argumente um pouco sobre a especificidade de interpretação de acordo com a esfera social ou gênero textual.
- 2- Você concorda que o profissional precisa levar em consideração o conhecimento que o surdo tem sobre o tema a ser interpretado, o contexto social que ele está inserido e o cronotopo? (Explicar ao entrevistado o que é cronotopo).
- 3- Proporcionalmente, o surdo capta quantos por cento de uma interpretação?
- 4- Como você considera relevante a interpretação musical para o surdo? Por quê?
- 5- Como você avalia os profissionais TILS no Brasil na atualidade? Lutas, conquistas, fluência na língua de sinais, ética, desafios e perspectiva de enfrentamentos.

Sol foi entrevistado na sala 18 do Instituto de Linguagens da UFMT. Um áudio, gravado durante a entrevista, apresenta 24 minutos e 36 segundos de duração. O entrevistado foi objetivo, mas foi muito claro nas respostas às seguintes perguntas específicas:

- 1- Você tem experiência como intérprete na esfera política, educacional e de conferências. Como você distingue sua atuação na referidas esferas? Ou seja, fale um pouco sobre as peculiaridades de interpretação a depender da esfera social.
- 2- Qual a sua concepção em relação ao conhecimento da língua de sinais que os surdos demonstram ao ingressarem na universidade?
- 3- Quais as dificuldades que um intérprete que atua em nível superior enfrenta no seu dia a dia em relação às diferenças culturais entre os surdos, aos conhecimentos enciclopédicos deles e as especificidades ao assimilarem o que está

sendo interpretado? Quais as estratégias que você utiliza para atender toda essas demandas sem que haja “prejuízo” em relação ao que está sendo interpretado?

4- Em uma sala de aula, a relação professor/intérprete/aluno é óbvia. Como você compreende essa relação? Há uma interação, ou cada um faz a sua parte e pronto?

5- Qual o papel do intérprete no processo de ensino aprendizagem? Qual o grau de responsabilidade do profissional nesse processo?

Ré também foi entrevistada na sala 18 do Instituto de Linguagens da UFMT. Ela declarou-se surpresa em relação às perguntas, não negativamente, mas positivamente. E admitiu que a dificuldade enfrentada para responder alguns questionamentos tem origem no fato de sua língua materna ser a Língua de Sinais. Então solicitou que a pesquisadora oferecesse explicações mais detalhadas das perguntas, antes da gravação. O pedido foi aceito. As perguntas específicas dirigidas a Ré são:

1- O fato de você ser coda lhe influenciou a ser profissional intérprete?

2- A Libras que você utiliza em casa é diferente da Libras profissional? Defina.

3- Compartilhe um pouco da sua experiência por ser filha de pais surdos. Desafios diários, relação com os pais, língua materna e aquisição da segunda língua.

4- O fato de você ser coda influencia na ressignificação e na produção de sentidos?

Essas eram as perguntas preparadas antes da entrevista, mas, no decorrer da mesma, surgiram mais duas, pois as respostas conduziram a pesquisadora a elaborá-las.

5 - Isso te aproximou mais da sua mãe? Por exemplo, vocês ficaram mais íntimas? O fato de você estar sempre ali, de saber aonde ela precisava ir e fazer essa mediação lhe deixou constrangida em algum momento?

6- A sua prática te leva a buscar estratégias para a compreensão do discurso?

A duração da entrevista foi de 11 minutos.

Os sujeitos Sí e Fá foram entrevistados no Memorial da Inclusão da América Latina, na cidade de São Paulo. A instituição é um programa da Secretaria do Estado de São Paulo dos Direitos da Pessoa com Deficiência, e desenvolve uma narrativa histórica sobre o movimento social da pessoa com deficiência, retratando

os acontecimentos que marcaram o Brasil e o mundo no final da década de 1970 e durante as décadas de 1980/90. O memorial tem o seguinte endereço: Avenida Auro Soares de Moura Andrade, 564, Portão 10, Barra Funda, São Paulo/SP.

Ao chegar à instituição, fomos informados da necessidade de enviar um e-mail para o setor responsável, pedindo liberação e informando sobre a entrevista. Fizemos conforme informados e a resposta positiva foi imediata.

O Si foi entrevistado primeiro e nos surpreendeu no momento da entrevista, pois estavam presentes ele, o entrevistado Fá e uma profissional da instituição responsável pela comunicação do Memorial. Um servidor precisou acompanhar a gravação devido ao fato de a entrevista acontecer nas dependências da instituição. A surpresa aconteceu quando Si declarou que interpretaria toda a sua entrevista para o entrevistado Fá, que é surdocego, para que ele não ficasse sem saber o que estava acontecendo. Observamos que a alteridade ocorria naquele momento como um processo além de uma simples entrevista. Era a prática de se colocar no lugar do outro a fim de ele não se sentisse excluído ou neutro naquele momento.

A entrevista teve duração de 54 minutos, durante os quais foram feitas as seguintes perguntas específicas:

- 1 Na Copa de 2014, você e a Regiane (esposa do GI) interpretaram um jogo do Brasil x Croácia para o Carlos (surdocego). O que te fomentou a interpretar aquele jogo? A confeccionar o Campo de futebol?
- 2 Comparando uma interpretação em Libras Tátil a uma interpretação em Libras visual, você acredita que a interação com o surdocego é mais notável, ou seja, mais marcante?
- 3 Quando vocês interpretam juntos (Tátil e Háptica), é uma interação entre três pessoas ou mais, levando em consideração o palestrante (texto). De que forma acontece essa sintonia ou cumplicidade para que ocorra tudo simultaneamente (responsividade/responsiva)?
- 4 Ao interpretar música, você acredita que o surdo sente a emoção da letra (poesia) e sente também algo referente à melodia (som)? Ele consegue ter essa percepção por meio da interpretação e das expressões que são transmitidas a ele por meio da comunicação háptica?
- 5 Explique Libras Tátil e comunicação háptica. Como você as aprendeu?

O entrevistado Fá, como o quadro anterior especifica, é surdocego. O fato de entrevistá-lo foi esplêndido! Uma experiência única. O contato com a Libra Tátil, com a Comunicação Háptica, a fluência que ele tem em LS é admirável e remete à certeza de que não há limites que não sejam superáveis.

A entrevista teve a duração de 11 minutos e foi interpretada por um GI. Seguem as perguntas feitas a ele:

- 1- No momento que o Sí te comunicou que interpretaria o jogo Brasil e Croácia, qual o seu sentimento pelo fato dele ter confeccionado o campo de futebol e toda a dedicação para que a interpretação fosse a mais clara possível?
- 2- Você demonstra uma emoção nítida no decorrer de todo o jogo. Você conseguiu criar uma imagem clara na sua mente de todo o cenário? O estádio, a torcida, os jogadores...
- 3- No momento que o intérprete faz uma interpretação pra você, há uma interação entre vocês. Como você define essa interação e cumplicidade?
- 4- Quando a interpretação é de uma música, você imagina a melodia por meio da interpretação? Isso é possível?
- 5- Como você descreve a relação guia intérprete/surdocego?
- 6- É possível uma relação meramente profissional, ou seja, você acredita na hipótese do profissional se manter totalmente neutro no momento da interpretação?

Além do nosso objetivo principal que era a realização das entrevistas, ter visitado o Memorial nos proporcionou conhecimentos a respeito da inclusão e acessibilidade, contato com pessoas com um grau de experiência fantástico nesta temática e pudemos interagir diretamente com pessoas que utilizam diferentes modalidades de comunicação.

Após as entrevistas, as fotos tiradas pela servidora que nos acompanhou foram publicadas na página do Facebook do Memorial.

Compõe a imagem feita no momento da entrevista: à direita, a pesquisadora; à esquerda, o GI (entrevistado Si), interpretando sua entrevista para o entrevistado Fá. À frente, o aparelho celular que foi utilizado para fazer a filmagem.



Figura 16 – Momento da entrevista no Memorial

Após esse encontro, a UFMT convidou a diretora do Memorial para dar uma palestra em um evento que acontecerá em 2019, o *Segundo Fórum de Inclusão e Acessibilidade*. Ela demonstrou contentamento e gratidão pelo convite e garantiu que um dos servidores da instituição virá à universidade para realizar a palestra.

A análise dos dados será feita de forma minuciosa, a partir da leitura da transcrição das entrevistas, assistindo aos vídeos e ouvindo os áudios. Cotejando os conceitos da teoria bakhtiniana, será possível observar detalhes primordiais a fim de se obter um resultado eficiente.

5 ANALISANDO OS DADOS

*Tradução é uma arte.
Uma pintura que pinta com outras cores nova cópia original,
Para que outros olhos enxerguem a mesma cena.*
Mário Persona

Em determinadas situações da vida cotidiana se vê ou se ouve o enunciado: “A seguir, cenas do próximo capítulo”. Puxa! Então vamos saber o que acontecerá daqui em diante. Ao Intérprete não lhe é dado esse direito. Trabalhamos sempre com interrogações e anseios referentes ao que virá. Mesmo que se sinta preparado e tenha conhecimento do tema a ser interpretado, essas inquietações são inevitáveis. Como disse Ulisses Wehby, “ao intérprete não é concedido o direito de hesitar”. Se o profissional TILS se ativer às grandes ondas que levantam quando está em alto mar, sua navegação ficará vulnerável a afundar. Ele navega constantemente em mares tempestuosos onde a única saída é remar da melhor forma possível para conseguir chegar ao porto e pisar em terra firme com a certeza de que navegou com determinação e que foi herói ao ancorar.

Em consonância com Nascimento (2016), “o intérprete trabalha sempre com o imprevisível”, por mais que tenha conhecimento prévio do que está por vir, a imprevisibilidade ocorrerá. Bakhtin (1992) diz que “o tema da enunciação é na verdade, assim como a própria enunciação, individual e não reiterável” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 128). Logo, não há como prever tudo que ocorrerá no momento em que atuará, pois novos temas surgem a partir dos enunciados e da interação.

Neste capítulo, acontecerá a análise das entrevistas feitas como coleta de dados para esta pesquisa, e, no decorrer da mesma, novos temas surgirão e a significação desta profissão irá tomando forma.

Durante as entrevistas, pontos recorrentes (respostas muito parecidas e com pontos de vistas similares) e alguns não recorrentes (pontos de vistas diferentes) são identificados, ambos de grande relevância para esta pesquisa. Os gráficos, a seguir, apresentam tais diferenças às perguntas gerais (feitas a todos os profissionais entrevistados). Ressaltando que ao entrevistado Fá não foram feitas as perguntas gerais, somente as específicas.

Para nossa surpresa, as recorrências foram em maior número. Portanto, seguem “cenas deste capítulo”.

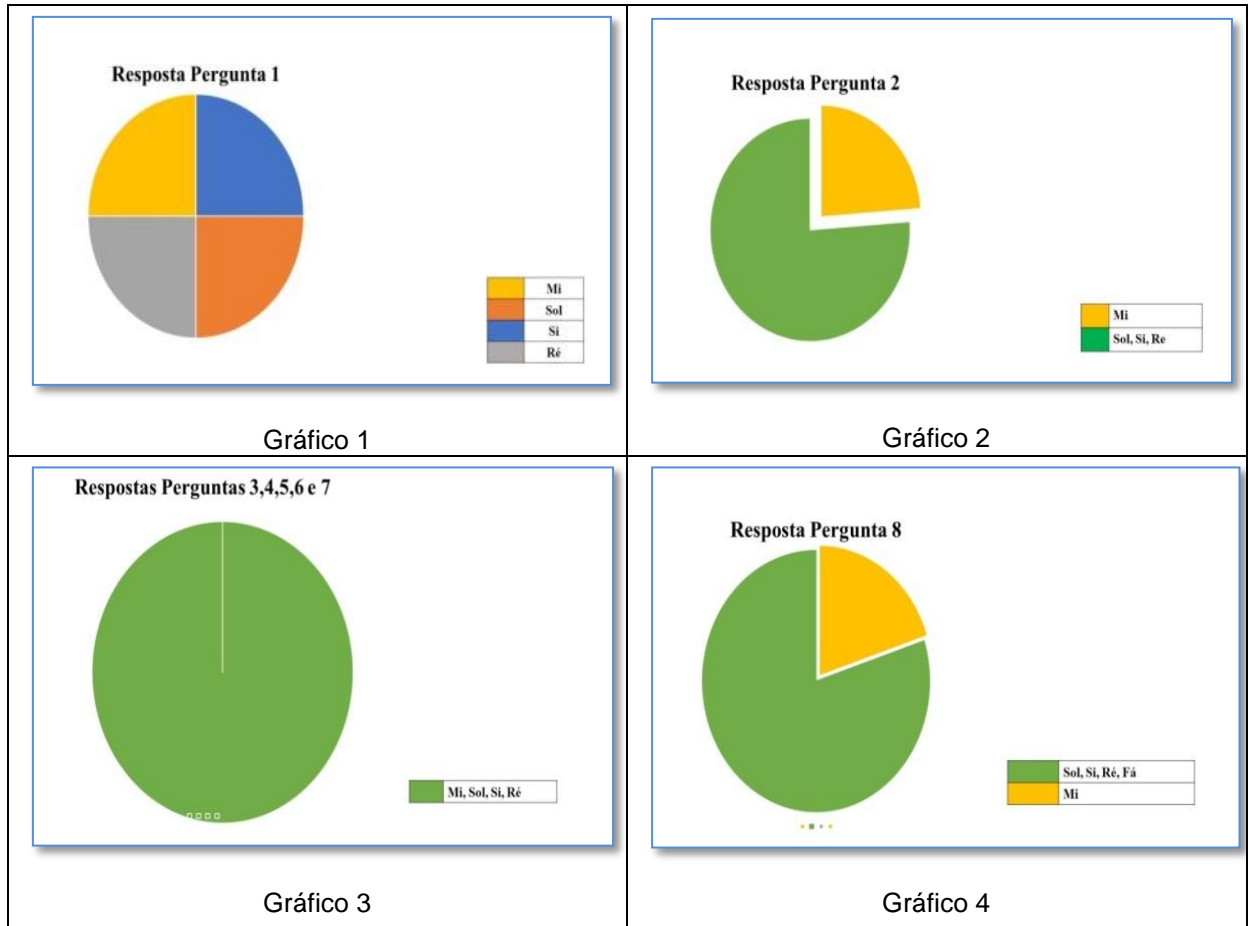


Figura 17 – Quadro de gráfico representando as respostas dos entrevistados

Explicando os gráficos: Os referidos gráficos referem-se ao corpus para análise. O gráfico n. 01 representa as respostas de cada entrevistado em relação à pergunta n. 01. As partes iguais representam que as respostas foram todas recorrentes.

O gráfico n. 02 representa as respostas referentes à pergunta n. 02. A cor diferenciada é em relação à resposta de um único entrevistado (Mi), que foi não recorrente.

O gráfico n. 03 representa as respostas das perguntas n. 03, 04, 05, 06 e 07. Todos os entrevistados responderam de forma recorrente.

O gráfico n. 04 representa a pergunta n. 08, à qual somente o entrevistado Mi respondeu de forma não diferente.

A seguir, relacionamos as referidas perguntas.

1. O que lhe motivou a ser intérprete de Língua de Sinais?
2. Como você define o profissional TILS? A relevância do seu trabalho, os desafios diários e a sua contribuição na sociedade?
3. O que você entende por FIDELIDADE durante o ato tradutório?
4. Você concorda que o intérprete tem autonomia para tomar decisões no momento da interpretação?
5. Qual a sua compreensão de “se colocar no lugar do outro”? Acredita ser necessário este processo durante a interpretação?
6. Durante e depois de uma interpretação, quais os procedimentos lhe resultam a sensação de “dever cumprido”?
7. No Brasil, o profissional intérprete de Língua de Sinais passa por determinadas situações peculiares em relação aos intérpretes das línguas orais. Como você assimila essa peculiaridade?
8. Como você define a relação surdo/intérprete?

5.1. Relevância da atuação dos TILS na conjuntura atual

Todas as profissões têm suas peculiaridades. Todavia, a profissão de TILS, algo bem peculiar em relação às demais profissões ganha destaque, que é como esses profissionais se tornaram ou decidiram atuar profissionalmente. Como já descrevi sobre a sua formação no capítulo I, não irei me estender sobre esta questão aqui. Porém, a pergunta feita aos participantes da pesquisa os fomentou a abordarem sobre esse assunto, mesmo que de forma sucinta. Vale ressaltar que nenhum dos entrevistados tem como primeira formação específica a *tradução* e ou a *interpretação*, todos iniciaram sua atuação por serem fluentes em Libras, por terem amigos ou parentes surdos, por falta de opção de trabalho, por meio do contato com surdo ou por se identificarem com a língua de sinais.

Consideramos relevante apontar a primeira pergunta feita a todos os TILS entrevistados, bem como fazer recortes das suas repostas.

O que motivou você a ser intérprete de Língua de Sinais?

Então, o que me levou primeiro foi a questão vocacional. Eu fui na faculdade Batista fazer teologia. E eu sempre senti que eu ia trabalhar com um povo de outra língua, de outra cultura. [...] E eles

fizeram eu aprender todo livro do padre Eugenio Oates⁶, que foi o primeiro livro de Libras que teve no Brasil, primeiro livro de Linguagem de Sinais no Brasil, primeiro livro registrado, primeiro dicionário. Tinha 1600 sinais ou 2000. Comecei a gostar então além do livro eles ficavam no dia a dia sinalizando tudo pra mim. Café da manha, almoço, a gente ia no supermercado, eles viam sinal de tudo. Na rua, sinal disso, sinal daquilo. E eu aprendi Libras em contexto. (Entrevistado Mi).

Essa resposta confirma o fato de que a maioria dos TILS iniciou na profissão como voluntário. Como o entrevistado disse, “por uma questão vocacional”. Olhando pelo prisma bakhtiniano, podemos dizer que a esfera social, ou as relações sociais na qual ele se inseriu o influenciaram a se constituir como TILS.

Na verdade o que me motivou a ser intérprete de LS, primeiro por ser uma área que está em expansão, e que possibilita crescimento profissional e também por poder me inserir em uma instituição federal, porque na época que comecei a atuar na área, estavam iniciando os concursos nas universidades federais e sempre foi um interesse meu. Mas eu acredito que o que mais me motivou a entrar nessa profissão foi o poder inserir uma pessoa que tem dificuldade linguística no ambiente acadêmico. Essa foi sempre a minha intenção, atuar no ambiente acadêmico. (Entrevistado Sol).

Este entrevistado apresenta sua intenção de iniciar sua carreira profissional, que realmente era ser um TILS, principalmente na esfera acadêmica. De certa forma, assim como o entrevistado Mi, o Sol também foi influenciado pela esfera social que, no caso, é a academia. Aqui o que difere é que o primeiro não tinha intenção profissional. Iniciou de forma involuntária, enquanto o segundo tinha uma intenção.

Na realidade, é a questão da empatia. Quando eu tinha oito anos de idade, eu tinha um vizinho surdo e ele ia na minha casa e ele ficava fazendo sinais. Ninguém entendia nada. Minha família olhava e ficava falando: ah! ele é doente, ele tem problema de cabeça, ele é mudo e tal... E eu olhava aquilo e sentia uma empatia por ele, me sentia incomodado de ver ele sozinho, ninguém sabia se comunicar com ele, então eu me aproximei dele e a gente começou a ter uma relação brincando. [...] Então, em contato com ele, eu fui aprendendo e começou meu interesse pela língua de sinais. (Entrevistado Si).

A questão da empatia e do voluntariado é marcante nesta resposta. De fato, décadas atrás o surdo era considerado o “doidinho”, “mudinho”, “surdo-mudo”, “o

⁶ Padre Eugenio Oates, religioso americano que chega ao Brasil em 1946, iniciando um trabalho nas Congregações Redentoristas, no estado do Amazonas. Em 1989, publicou o livro *Linguagem das mãos*. Desenvolveu vários trabalhos religiosos com a comunidade surda.

que tinha problema”, e muitas pessoas tinham medo de se aproximar dele. Quando acontecia da forma como ele relatou, a empatia, a família tentava distanciar e evitar esse contato. Porém, neste caso, o contato entre surdo/ouvinte se firmou e hoje ele é um profissional renomado no país, e continua inserido na comunidade surda.

Sempre trabalhei na área administrativa, mas, ao casar, fiquei desempregada e isso me motivou a procurar outros campos, correr atrás de outra coisa, e, com a motivação da minha irmã, também comecei a trabalhar na área de Libras e acabei gostando da área (e de ser intérprete). (Entrevistado Ré).

Aqui, nota-se a questão financeira. Muitos TILS e GIs no Brasil iniciaram sua carreira dessa forma: por falta de emprego.

No decorrer das respostas, foi observado que um dos participantes é formado em Teologia, um em Pedagogia, um em Administração e um, licenciado em Letras Libras. O que leva a considerar que essa profissão é peculiar em relação às demais no que diz respeito à decisão de ser profissional TILS.

As profissões de médico, advogado, administrador, economista, psicólogo, jornalista, professor, atleta, arquiteto, engenheiro, enfim, a maioria das profissões foi premeditada, a pessoa escolheu e estudou para ter a formação exigida, ao contrário da maioria dos TILS, que se tornaram profissionais por motivos distintos.

Um fato importante que estimulou muitas pessoas a serem intérpretes foi o acesso das pessoas surdas às escolas, universidades e demais esferas sociais – norteados por diretrizes que foram se firmando no decorrer do tempo (como vimos no capítulo 1). Com isso, abrem-se as portas para a atuação do profissional TILS e a demanda de trabalho para esse profissional se amplia. Considerando que é ele o responsável pela mediação surdo/ouvinte, então, torna-se imprescindível sua atuação.

[...] Hoje, tirando que ele (intérprete) é um direito, que ele é um mediador, aí tem vários nomes que se dá, mas eu acho que existe um distanciamento do TILS em relação ao surdo. Eu ouço e passo, ouço e passo, literalmente língua A pra língua B, língua B pra A, pra B. Eu vou criar um neologismo aqui agora, uma linguistização, uma gramaticalização do intérprete hoje, coisa que não era nos anos 80 nem nos anos 90 até o início do ano 2000, a partir do momento, isso é minha percepção, envolvido com surdos no Brasil e no mundo, até chegar a lei da Libras e lei da inclusão no Brasil e a lei do intérprete, a relação que os TILS tinham era uma. A partir desse momento, eu pensei que a lei ia melhorar, e ela profissionalizou dum jeito que criou um distanciamento muito grande. Como se fosse possível você

aprender a língua do povo, sem aprender do povo da língua, como se fosse possível, você fazer um curso artificial sobre esse povo, ministrado por um ouvinte, na maioria das vezes, que também não tem, teve ou não essa imersão linguística, que não tem o mesmo domínio, espaço tridimensional que um surdo tem. Aí a pessoa faz o curso ali, faz uma prova do Prolibras onde ele é aprovado com a nota seis, que eu também acho um cúmulo. Um profissional que tem a responsabilidade de fazer alteridade do outro, de representar o seu discurso ter nota seis de fluência, eu acho isso seríssimo, porque quando nós reunimos diplomatas e embaixadores e sabemos a responsabilidade que tem um embaixador, um diplomata quando ele vai representar um país dentro do outro. Quando ele está intermediando uma reunião, do Trump com alguém da Síria, a responsabilidade não só linguística, mas cultural, de escolher o melhor léxico, a melhor postura, a melhor forma, o melhor discurso pra trabalhar. Então, hoje eu estou vendo os TILS se transformando, muitos deles, em avatares linguísticos. (Entrevistado Mi).

Nesta resposta, o entrevistado se distancia um pouco do objetivo da pergunta. Ele expõe sua visão em relação à atuação dos TILS, a partir dos anos 2000, conforme as legislações brasileiras em relação à acessibilidade, à Libras e ao Intérprete. Considera que as legislações contribuíram, mas também “prejudicaram” a comunidade surda. Reflete sobre o “profissionalismo” em excesso, que excede a questão da relação surdo/intérprete, pois o profissional esqueceu que está lidando com seres humanos e age como “avatares”. A *neutralidade* é compreendida como “não tenho nada a ver com você”. Reflete sobre a impossibilidade de adquirir fluência em uma língua sem o contato com a cultura ou com o povo que a utiliza. É como se o único objetivo do TILS fosse a mediação linguística mecânica.

Quando ele fala o termo “linguistização” está se referindo à tradução/interpretação a partir de palavras/sinais, de uma preocupação simplesmente linguística por parte do profissional. Ele compara os TILS a “avatares linguísticos”, ou seja, a profissão está voltada a algo “mecânico”, como se fossem aplicativos que transmitem sinais – ou palavras – a partir de uma programação, esquecendo-se do trabalho como ser humano.

Traz a questão do Prolibras (Exame Nacional de Proficiência em Língua de Sinais), que aconteceu até o ano de 2015 (exposto no cap. 1). Relata que considera ineficiente a forma com que era feito o exame, pois o fato de apenas um estado da região sul do país ser responsável pela elaboração e avaliação de todo país é considerado o cúmulo. Olhando por esse prisma, é recorrente a consideração do entrevistado, uma vez que a língua de sinais como todas as línguas, têm as

variações linguísticas, o regionalismo e suas especificidades. Por exemplo: na região Sul, utiliza-se um sinal para a palavra mãe. Já nas demais regiões usam outro sinal. Isso prejudica a pessoa que está sendo avaliada.

Considerando o conceito de língua para Bakhtin, é possível enxergar que há coerência com a reflexão feita pelo entrevistado.

Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 95).

Coerente com a fala do entrevistado, a citação acima nos remete à compreensão de que a língua vai além de formas e sistemas. Ela ganha sentido no contexto e cada falante a utiliza de forma peculiar, não se atendo simplesmente ao que as palavras significam no dicionário, mas levando em conta que ela é social.

A língua evolui, cada falante, mesmo que da mesma língua, carrega suas marcas, suas especificidades, suas experiências e seu conhecimento de mundo. Ser um tradutor intérprete é trabalhar com línguas diferentes que se modificam, é ser consciente de que enfrentará desafios continuamente. Contudo, esses desafios precisam lhe servir de “degraus” para chegar ao ápice do seu trabalho e não de “muralha” para não conseguir chegar ao objetivo principal, que é o sentido daquilo que se quer passar para a língua de chegada.

Em virtude disso, o trabalho do TILS, na conjuntura atual, é de extrema relevância nas mais variadas esferas, porém este profissional ainda tem um vasto caminho a percorrer em busca da verdadeira efetivação quanto às suas especificidades de atuação e valorização profissional.

5.1.1 A “arena de lutas” que permeia o trabalho do TILS

O TILS vive constantemente em uma situação de enfrentamento frente às adversidades que permeiam sua atuação. Adversidades que, segundo nossos entrevistados, podem advir sob a forma de alguns estereótipos sociais referentes ao seu trabalho. Mesmo no século XXI, eles ainda persistem.

Os recortes das entrevistas seguintes apresentam alguns desses desafios:

Os desafios. Na maioria das vezes somos liderados ou contratados por pessoas que desconhecem nossa profissão, então isso é um desafio. Estamos em constante tentativa de explicar e de informar sobre nossa profissão, porque é uma profissão nova é reconhecida há sete anos. Desde 2010. Já existia antes, mas é reconhecida profissionalmente há oito anos na verdade. (Entrevistado Sol).

[...] Primeiro, por desconhecimento da sociedade do que significa Língua de Sinais. Eles continuam associando à mímica, a gestos naturais, à linguagem caseira inventada, pura imitação da realidade. Eles não entendem que essa língua tem abstratos, tem uma gramática, tem léxico e tudo mais. Então, parte disso é por ignorância social mesmo. (Entrevistado Mi).

É um profissional, é... Eu me baseio muito no livro do Evandro Magalhães, ele explica que um intérprete, ele é um... ele promove a paz... risos... eu foco muito nisso, nessa questão da pessoa ser diplomata, a questão da diplomacia, sempre para promover a paz, então, eu acho que, dentro da sociedade, o intérprete tem essa função de transmitir as mensagens, intermediar as conversas, as relações mas sempre com o foco de unir pessoas, não separar pessoas. (Entrevistado Si).

As respostas transcritas anteriormente manifestam pontos em que é possível a percepção de que todos têm o mesmo pressuposto em relação à falta de conhecimento da sociedade sobre o trabalho do TILS. Uma grande massa da sociedade ainda considera a LS como mímica, gestos ou uma estratégia de comunicação. Algo inventado ou imitação do real, e isso é um dos desafios que esse profissional enfrenta constantemente.

Mesmo na conjuntura atual, ainda há o estereótipo de que os TILS são pessoas que imitam os surdos ou fazem trabalho voluntário e a valoração do seu trabalho é inferior ao trabalho de um intérprete de LO. Com o intuito de potencializar a equidade profissional, a FEBRAPILS criou uma tabela de honorários⁷ para todas as esferas de atuação. O intérprete é representante legal de um ou de mais sujeitos para trabalhar com a negociação e acordos de sentidos, para representar com a melhor postura e consciência interior dos sujeitos em questão. Ele será a “ponte” de comunicação, o elo de interação e o cronotopo definirá seu modo de negociação e acordos.

⁷ A referida tabela está disponível no portal da FEBRAPILS no link: <http://febrapils.org.br/tabela-de-honorarios/>

Na fala do entrevistado Si, percebe-se um certo “romantismo”, trazendo a questão de paz, união, mediador.

A fala a seguir apresenta uma temática um tanto polêmica referente ao trabalho do TILS e do GI,

[...] por exemplo, quando a pessoa vai interpretar para o inglês geralmente o público dele é um público elitizado e às vezes é um público intelectualmente também elitizado, e o interprete, embora eu já interpretei em faculdade, já interpretei pra mestres e doutores, mas a maioria dos trabalhos que eu fiz foi pra surdo simples, que moram na periferia da cidade que não tem muito acesso, então é essa a diferença que eu sinto, que você às vezes não tem muito conhecimento de mundo. Já aconteceu de eu ir no Tribunal de Justiça. Constantemente eu vou até o Tribunal de Justiça fazer alguma interpretação, e às vezes, dependendo do surdo que você encontra, então eu já peço para o juiz, uma hora antes para sentar com ele pra explicar pra ele: como será a interpretação, quem é o juiz, como ele deve se portar na presença do juiz, coisas que na área das línguas orais, como o inglês, não precisa ter isso. A não ser que aconteça de algum imigrante precise... Na área da Língua de Sinais, você esclarece para o surdo como ele deve se comportar perante um juiz, um delegado de polícia e tal... É essa a diferença que eu sinto. E a valorização também, porque as pessoas veem o trabalho do intérprete como inferior em relação aos intérpretes de línguas orais, inglês, espanhol... Eles veem como o intérprete de mimica, voluntário. (Entrevistado Si).

Outro desafio que os TILS enfrentam é o que diz respeito ao conhecimento prévio do tema a ser interpretado. A resistência por parte do contratante ou palestrante em ter uma conversa antecipada, em fornecer materiais ou informações referentes ao que será interpretado. Isto ainda permeia sua atuação, às vezes são julgados como profissionais despreparados para atenderem ao que se propuseram, embora a imprevisibilidade seja inevitável. A necessidade deste conhecimento prévio é imprescindível. Tal fato ocorre também com os intérpretes de LO. É importante destacar que o bom domínio de um assunto colabora para a boa atuação do TILS: “[...] Ele precisa conhecer e compreender o contexto para fazer um bom trabalho, mas não necessariamente ser profissional daquela área” (LACERDA, 2009, p. 17). Magalhães Jr (2007) complementa: “O contato entre intérpretes e palestrantes é parte fundamental na preparação da palestra. E não só é possível como altamente desejável, algo por que muitos palestrantes anseiam tanto quanto os intérpretes” (MAGALHÃES JR, 2007, p. 140).

Dessa forma, pesquisadores dos estudos da tradução/interpretação revelam que:

Os resultados revelam que a performance dos tradutores intérpretes é mais adequada quando estes têm conhecimento prévio do assunto a ser tratado, aí inclusos conceitos problemáticos de línguas de sinais. Isso demonstra que na interpretação e tradução simultâneas, o TILS obriga-se a fazer escolhas rápidas e imediatas que, nem sempre, expressam o sentido intencionado do discurso fonte. Os resultados reforçam que os TILS necessitam de um contínuo aperfeiçoamento, alertando-o quanto aos problemas de interpretação e tradução dos conceitos abstratos de uma língua para outra. (MACHADO, 2014, p. 04-05).

Em virtude disso, o trabalho do TILS, na conjuntura atual, é de extrema relevância nas mais variadas esferas, porém este profissional ainda tem um vasto caminho a percorrer em busca da verdadeira efetivação quanto as suas especificidades de atuação e valorização profissional.

Os tópicos, a seguir, apresentarão as recorrências em relação aos dados fornecidos pelos participantes desta pesquisa.

5.2 Fidelidade, a (im)possibilidade de ser fiel no ato tradutório e interpretativo

O que você entende por FIDELIDADE durante o ato tradutório? Esta pergunta trouxe à tona algo muito interessante e que nos instigava: eis nossa razão de fazê-la, pois o Código de Ética do profissional, de 1992, da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), ainda é o pilar para grande parte dos profissionais da área de Língua de Sinais.

Os profissionais entrevistados relataram os “equivocos” no documento de 1992, o qual traz no seu cap. I:

Artigo 2o. O intérprete deve manter uma atitude **imparcial** durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

Artigo 3o. O intérprete deve interpretar **fielmente** e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade. (*grifo nosso*).

Ao analisarmos o recorte do Código de Ética acima, destacamos as palavras *imparcial* e *fielmente*, ambas carregadas de interpretações “equivocadas” no que diz

respeito ao trabalho do TILS. “Equivocada” no sentido de entender fidelidade no ato tradutório e interpretativo como literalidade.

O termo neutralidade permeia o trabalho do profissional TILS, porém isto não implica em passividade, embora ele tenha, precise e busque a prudência nas suas escolhas. Para Bakhtin, não existe sujeito passivo em uma interação. E, considerando que em um momento de interpretação os sujeitos envolvidos dialogam e interagem, a neutralidade se torna difícil. Bakhtin (2015) esclarece: “[...] não são ouvintes passivos, mas participantes ativos na comunicação discursiva. Desde o início o falante aguarda a resposta deles, espera uma ativa compreensão responsiva. É como se todo enunciado se construísse ao encontro dessa resposta. (BAKHTIN, 2015, p. 301). Logo, o termo *imparcial* traz o sentido de o profissional não interferir dando opiniões ao que está interpretando.

Existe, ainda, seja por falta de conhecimento ou por se acreditar que ser fiel ao discurso é ser literal às palavras versus sinais, um “julgamento” ou “imposição” quanto ao trabalho do profissional TILS.

Afinal, o que é ser fiel ao discurso? As falas a seguir são recortes das respostas dos entrevistados.

Entrevistado Mi:

[...] Eu sou coautor também do primeiro Código de Ética, você sabe, nós fizemos em 92, num encontro chamado DEF Rio, que não é deaf de surdo era D E F, era deficiente literalmente, nos reunimos naquela época uns 14 ou 15 interpretes que tinha na época, que eram contados a dedo, nos reunimos, trouxemos um modelo americano dos Estados Unidos, de Código de Ética que não tínhamos referência nenhuma, e lá nos sentamos e transportamos o pouco que tínhamos, pro contexto brasileiro [...].

Então, veja só, quando nós escrevemos na época que o intérprete tem que ser fiel ao discurso do outro, seja esse outro surdo ou ouvinte, nós estávamos em um contexto sócio antropológico, onde nós não tínhamos por exemplo, as questões de politicamente correto ou incorreto que tem hoje, então nós não tínhamos essa questão do é negro, é preto, é mulato, por exemplo, ah! essa expressão índio ou indígena? Ah, não pode mais dizer índio, agora tem que usar indígena.

Então tem que ser levado em conta quem é o sujeito que estamos traduzindo, todo o processo sócio histórico dele, inclusive econômico, cognitivo e a plateia que eu estou falando ou pra quem eu estou falando, pra eu poder encontrar um balanço, pra ver que quesitos vão entrar nessa fidelidade. Por exemplo, se o que ele está falando é politicamente correto para essa plateia ou não. Por exemplo, a

questão das palavras hoje, negro, preto ou afrodescendente... ah, que palavra eu vou escolher agora? Você vai decidir pelo público que você está. Eu já encontrei situações onde o surdo não preparado, não avisado, foi lá na frente e disse em sinais: – Eu tenho ódio, eu tenho nojo de negro. E usou essa expressão, usou as caras horríveis. E tinham negros na plateia. Então, eu tive que fazer as escolhas lexicais e pra não ofender a plateia e não dizer o que ele estava dizendo eu disse: – Eu tenho um sério problema de rejeição com afrodescendentes. Então todo mundo entendeu que ele não gostava de negros. Mas eu trouxe de formas...

Entrevistado Sol:

*Eu acho que tanto no Código de Ética como em alguns manuais de orientação do tradutor tem essa palavra **fidelidade**. Mas eu acho que varia de situação a situação essa fidelidade. Porque ser fiel não é ser fiel ao que está sendo dito. Se o que está sendo dito, por exemplo, não tem significado e contexto nenhum para o surdo. Considerando de sujeitos de língua diferente e culturas diferentes. Eu acho essa terminologia Fidelidade muito abrangente e tem que ser levado em consideração vários aspectos.*

Entrevistado Si:

Bem... é... eu comecei a interpretar em 1995... tinha aquele código de ética da FENEIS, nem lembro do ano... Eu lia aquilo e não entendia, quer dizer, não é que eu não entendia, mas eu ficava pensando como que isso dava pra fazer, como é possível seguir isso aqui? É... hoje no Brasil há muitas discussões sobre a questão da neutralidade, e eu não sei explicar isso, porque eu trabalho como intérprete tanto na questão Português/Libras e Libras/Português, questão da fala... e o intérprete, quando esta interpretando, muita coisa minha vai junto, seja na Língua de Sinais, seja na interpretação em voz, quando estou interpretando tem muita coisa minha que vai ali junto. No Brasil, nessa área de interpretação tem muita confusão em relação a tudo isso. Porque o intérprete não é robô.

Os recortes anteriores, embora pareçam extensos, consideramos de grande relevância citá-los, pois apresentam com clareza que a neutralidade no ato tradutório e interpretativo não significa palavra por palavra ou palavra e sinal. O ser fiel aqui não trata da literalidade, porque o que se busca é o sentido.

Traduzir/interpretar não é um ato automático de substituir palavras/sinais. Requer um conhecimento além de significados por parte do profissional e, inegavelmente, requer conhecimento das línguas envolvidas no processo e que esse profissional tenha conhecimento do tema a ser interpretado, isso lhe proporcionará uma interpretação de qualidade e o sentido pretendido.

No jogo dialógico da interpretação, o intérprete é responsável por atribuir sentidos a uma língua de partida e busca constituir sentidos à língua de chegada. Não há sujeito passivo em um momento de interpretação e interação. Ser fiel ao discurso é transmitir o verdadeiro sentido e intenção do locutor. Parafraseando Ronai (1976, p. 10) entende-se que a fidelidade do tradutor não se relaciona somente com a língua de partida. É necessário pensar na língua de chegada e considerar suas especificidades.

Em relação ao Código de Ética da FEPRAPILS (Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia Intérpretes de Língua de Sinais), documento mais recente que norteia o trabalho do profissional TILS, atualmente, a palavra **fidelidade** não aparece, porém se notam palavras que a substituem sem dar a liberdade do profissional de intervir ou de ser desleal ao discurso. Um exemplo é quando, no artigo 9º, retrata-se a palavra **sentido**.

Cap. II

Art. 3º - O TILS e o GI devem exercer sua atividade de forma digna e consciente, com o propósito de valorizar a sua categoria profissional.

Art. 5º - O CCE da FEBRAPILS tem como princípios definidores para a conduta profissional do TILS e GI:

- I. Confidencialidade.
- II. Competência Tradutória.
- III. Respeito aos envolvidos na profissão.
- IV. Compromisso pelo desenvolvimento profissional.

Art. 9º - O TILS e o GI devem **buscar a equivalência de sentido no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.** (grifo nosso).

Parágrafo Único: O TILS e o GI devem, também, corrigir, prontamente, eventuais equívocos cometidos no ato de tradução e/ou interpretação e/ou guia-interpretação.

Cap. III

Art. 14 - É vedado ao TILS e ao GI: **Dar conselhos ou opiniões pessoais, exceto quando requerido e com anuência do Solicitante ou Beneficiário.** (grifo nosso).

As falas dos entrevistados foram coerentes com o Código de Ética, considerando que é um documento que já fala na busca pela equivalência do sentido. Como vimos no recorte acima, traz a questão do trabalho consciente, ou seja, na perspectiva de Bakhtin, o profissional deve agir responsavelmente do *eu para o outro e do outro para mim*.

Os entrevistados falam sobre o sentido, o sujeito, o momento e a intenção. O Código de Ética relata também a questão da busca pela equivalência do sentido. Assim sendo, o TILS é respaldado legalmente no que diz respeito às adaptações necessárias para buscar o sentido, que precisa ser levado em consideração de acordo com as peculiaridades das línguas envolvidas.

Importante ressaltar a importância da ética profissional do TILS e dos GI. Assim como em todas as profissões, os TILS devem manter uma postura ética e se ater ao documento que rege sua profissão. O ponto em questão é a **fidelidade no ato tradutório e interpretativo**, a fim de desvendar equívocos em relação ao tema. Haja vista o fato de que uma grande parte dos profissionais desconhece o documento da FEBRAPILS, o que nos impressiona, pois, a ética é primordial para um profissional no exercício de sua função e alguns profissionais TILS ainda não se conscientizaram da tamanha dimensão de sua profissão.

Acrescentemos o fato de que se trata de um documento de 2014, depois da legalização da profissão, elaborado por profissionais surdos e ouvintes e com compreensão responsiva de que é uma profissão que, assim como as demais, necessita que o profissional exerça a honestidade, a confiabilidade, a competência profissional, o compromisso e que não deixe de fora a **fidelidade**, apresentando-a de forma consciente e coerente com o fazer do TILS e do GI.

Considerando que sinônimos não garantem a fidelidade, segundo Magalhães (2007):

[...] Como aprendem logo cedo os intérpretes, os sinônimos na verdade não existem. Toda palavra, ainda que listada em dicionário como sinonímia para outra, de outro vernáculo, carrega consigo uma carga emocional, um sentimento, que varia de país para país, de cultura para cultura. Varia também conforme o conjunto de valores do próprio intérprete. Portanto, há sempre alguma diferença de tensão a compensar, e melhor seria classificar o intérprete não apenas como transformador, mas como um bom estabilizador de voltagem. (MAGALHÃES JR, 2007, p. 53 e 54).

Compreende-se, assim, que em uma comunicação mediada, como em todo ato de interação, o que se negocia é o sentido e a compreensão do interlocutor. Não cabe ao intérprete agir como um avatar, pois traduzir/interpretar é promover a possibilidade de em línguas distintas desenharmos a mesma cena levando em

consideração a plateia, o tema e a intenção do autor/locutor e a capacidade de atuação do protagonista (intérprete) mediador. Conforme o entrevistado Fá relata:

Eu acredito que tem que ter esses ajustes, essas adaptações, então para o interprete a informação fica muito clara. Eu imagino que o interprete faz esses ajustes e faz adaptações pra me ajudar na compreensão. Esses ajustes são importantes. Então eu imagino que vai alguma coisa do interprete nessas interpretações. Não é algo mecânico, direto. Quando é assim não entendo nada.

Em consonância com Rosa (2005):

O interpretar não está desvinculado da trajetória pessoal do intérprete; tampouco suas escolhas por determinados sinais durante o ato interpretativo estão desligadas de suas ideologias ou teorias, principalmente no que diz respeito ao sujeito surdo. (ROSA, 2005, p. 161).

Os TILS têm autonomia para tomar decisões. Decisões que não prejudicarão a intenção do locutor, mas que sejam uma estratégia de adaptar o discurso ao seu público e que objetive a melhor compreensão do mesmo ao chegar ao interlocutor. Deve ter a compreensão responsiva de como agir, como fazer essas adaptações. Em Bakhtin (2003), podemos ler que:

O que subjaz a unidade de uma consciência responsável não é um princípio como, ponto de partida, mas o fato de um real conhecimento da participação própria de alguém no Ser-evento unitário, e esse fato não se pode ser adequadamente expresso em termos teóricos; pode apenas ser descrito e participativamente experimentado. Aqui está o ponto de origem da ação responsável e de todas as categorias do dever concreto, único e necessário. (BAKHTIN, 2003, p. 58).

Ou seja, é necessário que o profissional tenha consciência de que seu ato responsável implicará na totalidade do seu trabalho. Os recortes a seguir são enfáticos em relação ao ato responsável:

Entrevistado Sol:

Se a gente fizer um adendo com relação ao que perguntou sobre fidelidade, eu tenho autonomia de passar algumas informações que têm significado, tendo fidelidade ao conteúdo.

Entrevistado Si:

A interpretação é uma escolha constante, a gente toma decisão, e depende do lugar onde você está, toma decisões sempre, sempre, sempre... se você conhece o público, se não conhece o público.

Eu já encontrei situações onde o surdo não preparado, não avisado, foi lá na frente e disse em sinais: – Eu tenho ódio, eu tenho nojo de negro. E usou essa expressão, usou as caras horríveis. E tinham negros na plateia. Então eu tive que fazer as escolhas lexicais e pra não ofender a plateia e não dizer o que ele estava dizendo, eu disse: – Eu tenho um sério problema de rejeição com afrodescendentes. Então todo mundo entendeu que ele não gostava de negros. Mas eu trouxe de formas... (Entrevistado Mi)

Aqui o profissional tomou a decisão de adequar o discurso/interpretação à esfera social e à situação do momento, pelo fato de não considerar relevante a exposição do surdo ao público, pois isso poderia resultar em situação conturbada.

Grosso modo, podemos afirmar que houve infidelidade por parte do profissional e que ele não usou da neutralidade. Porém, quando ele diz *eu tenho um sério problema de rejeição com afrodescendentes*, ele passou a informação correta com palavras mais sutis a fim de evitar transtorno e constrangimento por parte da plateia e da palestrante. Em uma situação dessas, em que a situação levaria a um problema social, o profissional foi ético e manteve sim a neutralidade, neutralidade essa que para Bakhtin é impossível, pelo fato de o enunciado ser único, ele, nessa situação, tomou uma decisão e interpretou o *sentido do enunciado*.

O referido profissional se colocou em um lugar exotópico e exerceu seu excedente de visão em relação ao todo, ao tema da enunciação e reproduziu seu enunciado concreto.

Dessa forma, observa-se que a interpretação acontece a partir da compreensão de que o TILS tem do discurso. A partir daí, ele o transforma em um novo discurso para o interlocutor da língua de chegada. Se o profissional tem conhecimento do assunto a ser proferido, sua atuação é superior, pois ele já fez suas escolhas, já tomou suas decisões, mesmo sabendo que a imprevisibilidade é um fato inevitável, ela com certeza fará parte da situação. Magalhães Jr (2007) completa que “de fato o intérprete não consegue manter-se completamente isento. Por mais imparcial que procure ser, acaba contribuindo com alguma coisa sua” (MAGALHÃES JR, 2007, p. 54). Quadros (2003), como já citamos anteriormente, deixa claro que:

A fala é um processo dinâmico. E a percepção do intérprete como passiva e neutra é um grande problema. Este problema envolve questões éticas. É óbvio que o intérprete deve resolver impasses éticos (tomar decisões diante de dilemas éticos), mas naturalmente ele está envolvido no processo. (QUADROS, 2003, p. 80).

Desse modo, compreende-se que a atuação do TILS requer as tomadas de decisões. Todavia, precisa ser consciente e cautelosa, de modo a ser responsiva. O entrevistado Mi relata que ele tem nas mãos o poder, visto que:

Ele não faz uma interpretação ausente nem tão pouco distante, como se ele não estivesse se responsabilizando pelo que ele estivesse interpretando, poderia levar um surdo à ruína, ou à vitória. Né?! Ou à ruína ou à vitória. (Entrevistado Mi).

O poder do TILS, quando o entrevistado traz os termos “ruína” e “vitória”, não significa mudar o discurso ou o sentido, é ser fiel à ideia e ao sentido do enunciado, tomando decisões cabíveis para cada situação ato/evento, visto que, como dito anteriormente, é o aqui/agora que determina a atuação do TILS e do GI. Na esfera jurídica ou em uma consulta médica, por exemplo, o profissional deve fazer uma tradução/interpretação literal.

Encontramos em Bakhtin (2015) um complemento dessa ideia:

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias – tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele. Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado. (BAKHTIN, 2015, p. 302).

Nesse sentido, Bakhtin reafirma a necessidade de adequação do discurso a partir do interlocutor. Porém, nem sempre a tomada de decisão do TILS é compreendida, ao optar em fazer suas escolhas e quem está do outro lado ver o resultado do seu trabalho. Por muitas vezes o julgam, esquecendo o processo do percurso percorrido até o produto final. Em seu livro *Sua majestade o intérprete* (2007), Evandro Magalhães colabora com essa compreensão quando utiliza uma metáfora da esfera musical comparando as notas Fá e Sol, que são separadas por

uma nota intermediária, que tanto pode ser chamada de Fá Sustenido ou de Sol Bemol. Vai depender da nota anterior e da progressão melódica ali. O intérprete é como essa nota intermediária entre o palestrante e o interlocutor. Quer dizer, o palestrante e seu público. Ele fica na arena da imparcialidade e, ao mesmo tempo, compartilhando com sua voz a partir da composição melódica que precisa executar.

O processo que envolve uma interpretação simultânea ou uma tradução não exclui o profissional de uma “interferência” a partir do seu conhecimento de mundo. Albres (2016) complementa que, “no processo de construção de sentidos do texto a ser traduzido, o tradutor/intérprete dialoga com as muitas vozes que o rodeiam e o constituem” (ALBRES, 2016, p. 17). Para a autora, a compreensão do texto proferido por outrem requer uma refinada interpretação que dialoga com nossa consciência. Lembrando que os TILS não são avatares, como já argumentamos: são seres humanos trabalhando com seres humanos. No livro *Conversa com tradutores*, de Benedetti e Sobral (2003), Barbosa cita que “a tarefa do tradutor é a tomada de decisão. E isto não pode ser deixado para o computador” (BARBOSA, 2003, p. 67). A máquina veio para ajudar o homem e não para substituí-lo.

Sobre todo esse aparato de negociações, decisões e juízos de valor referentes à atuação do TILS, Bakhtin nos ajuda a esclarecer quando salienta que:

Os acentos apreciativos dessa ordem e as entoações correspondentes não podem ultrapassar os limites estreitos da situação imediata e de um pequeno círculo social íntimo. [...] Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu aspecto semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância à apreciação. [...] Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 34 e 135).

Os acentos apreciativos compreendem aqui o valor que damos à palavra ou à enunciação. Bem como o público para o qual estamos enunciando, de acordo com a situação e a valoração que empregamos ao discurso a ser traduzido/interpretado, fazemos nossas adequações e adaptações a fim de não perdermos de vista a acentuação valorativa, a qual podemos marcar por meio das entonações que julgamos ter valoração naquele momento.

É isso que compreendemos, ainda, quando consideramos o verbo *refratar*, advindo das considerações bakhtinianas a respeito do signo ideológico. Consiste na marca pessoal, na assinatura deixada pelo intérprete no ato de interpretação.

5.3 Mais que uma profissão, uma “ponte” de diálogo e interação

Retomando a questão da tão mencionada *neutralidade* na atuação do TILS, pretendo aqui discorrer sobre a relação surdo/intérprete, relação essa que, compreendida pelo viés da teoria bakhtiniana, é impossível não existir. Considero que, quando interpreto, interpreto para alguém, me direciono a alguém. Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige a alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. “Toda palavra serve de expressão a *um* em relação ao *outro*” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 113).

Partindo desta premissa, como é definida a relação surdo/intérprete?

Um enunciado sempre é direcionado a alguém, pois o autor sempre tem um destinatário. Ou seja, tenho um endereçamento que, segundo Bakhtin, é a atitude do falante/locutor em relação ao seu interlocutor, que é importante para compreender a expressividade do enunciado. Logo, a relação surdo/intérprete ou locutor/interlocutor é algo que não se pode negar. As falas a seguir tratam disso.

Entrevistado Mi:

Eu acho esta uma relação que está ficando complicada. Eu acho que está ficando profissionalizada demais, a ponto de ficar distanciada demais. Eu acho que, acho não, eu tenho visto, que nos anos 80, os interpretes chamados ad hoc hoje, verdade! Nós, interpretes que começamos convivendo e aprendemos convivendo, são os interpretes que mais sabem trabalhar com os surdos realmente. Então a maior queixa dos surdos hoje, não é em a à quantidade de léxico que os interpretes fazem na frente deles. Mas, a impessoalidade da interpretação, a frieza, o desinteresse, o distanciamento.

Entrevistado Sol:

É uma relação que não tem como não existir. Uma vez, que o sujeito surdo é o nosso público. É uma relação que historicamente tem mudado. Inicialmente passamos pelos intérpretes com relação muito afetiva com o surdo, de cuidado, uma relação realmente muito próxima. Depois passamos pela relação muito profissional, que também não foi muito eficaz. E atualmente estamos nessa relação surdo/intérprete no meio... Não tão como máquina profissional, nem também eu cuido da vida do surdo.

Entrevistado Si:

Tem que ter essa relação, essa troca, é muito importante pra que eu como profissional evolua também. Então é importante

Veementemente, os entrevistados descartam a possibilidade de não haver uma relação entre os envolvidos em uma interpretação. Essa relação tem passado por transmutações consideráveis. No início da atuação de intérpretes, quando ainda nem eram considerados profissionais, porém já atuando mesmo que de forma voluntária, essa relação era mais de afeto, cuidado, zelo, proteção e a interpretação acontecia como uma forma de ajudar o surdo no processo comunicativo. Ou seja, era protetiva e paternalista. Com o passar do tempo, isso foi sendo dissipado. As legislações foram disseminadas e postas em práticas, esses intérpretes, então, passaram a ser remunerados e as portas do profissionalismo se abriram. Logo, alguns passaram a atuar de forma profissional: e começaram a se distanciar da comunidade surda. Exemplo que o entrevistado Si relatou no momento da entrevista:

Aconteceu uma vez de eu encontrar um rapaz, um amigo... eu perguntei: e aí tudo bem? como está a área da interpretação? Ah continuo trabalhando como intérprete. E o fulano, nosso amigo? Ele falou: Olha (fulano), eu agora sou só intérprete, não quero contato com o surdo. Tá, mas como a Língua de Sinais evolui? Você precisa ter contato com o surdo para LS evoluir. Não, eu não quero contato com surdo, só quero focar no profissional.

Então, o profissional TILS não tem a responsabilidade de atuar como nos anos 80, por exemplo, quando eram “paternalistas”, voluntários, ajudantes e protetores dos surdos, todavia, o contato com a comunidade surda lhe proporcionará mais fluência na LS, mais conhecimento referente à cultura surda e mais eficácia no seu trabalho.

5.3.1 Vozes além da interação verbal

O GI, como mencionado anteriormente, é o profissional que interpreta para o surdocego. Falaremos aqui um pouco sobre a forma de interação na atuação desse profissional.

Recorte da fala do entrevistado Si:

A pessoa que está na comunicação háptica, ele tem que estar atento ao guia intérprete, ao slide, ao palestrante... Ele geralmente senta em uma posição que consiga olhar o que ele falou lá, a informação está chegando aqui e ele conseguir fazer a comunicação háptica (sinal) junto. Então ele tem que estar muito atento [...]. Tem que ser algo sincronizado com a pessoa que está aqui (Libras Tátil e comunicação háptica). Tem que combinar estratégias, antes, por exemplo, vamos explicar o slide. Vamos... aí faz um quadrado, posiciona a mão, faz a imagem, mostra onde que está o sapo da foto por exemplo. Olha, ali tem uma borboleta... vai posicionando nas costas e eu fazendo um sinal, vai fazendo um desenho háptico.

Nessas circunstâncias, nota-se que esse tipo de interpretação envolve mais que um profissional. No caso de uma interpretação em uma conferência, por exemplo, temos o palestrante, o TILS, que se posiciona geralmente no palco, o profissional intérprete feed, o GI de Libras Tátil e o GI de comunicação háptica. O esquema a seguir foi elaborado por nós e apresenta a disposição dos envolvidos:

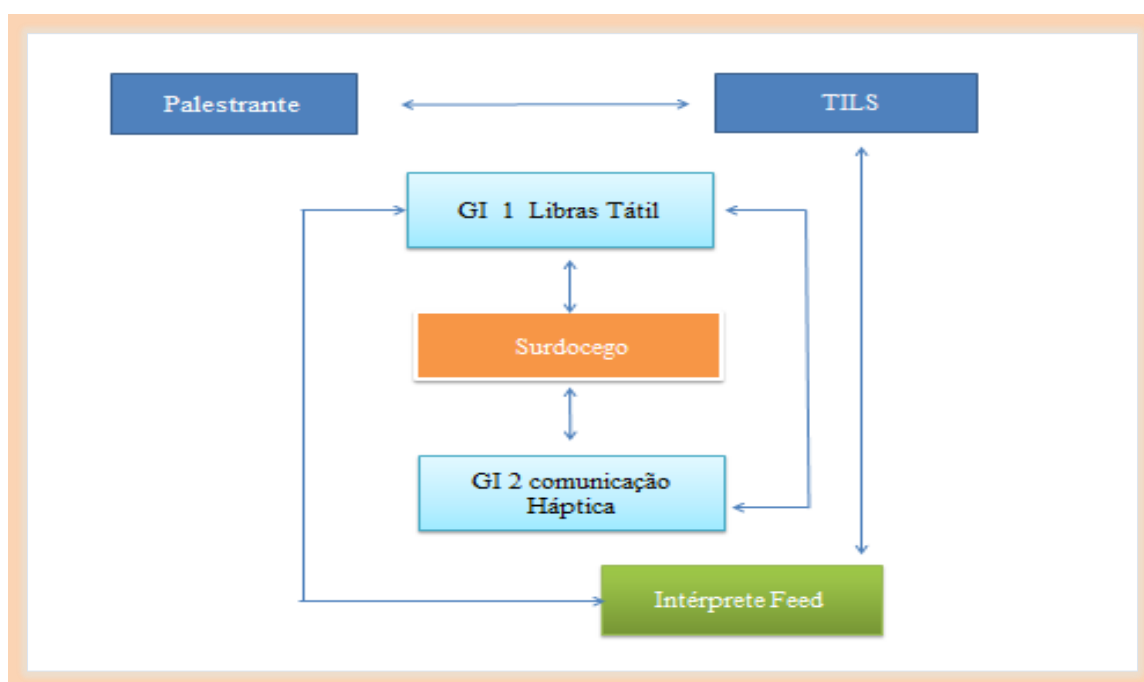


Figura 18 – Esquema de interpretação para surdocego

Explicando o esquema: Elaboramos o esquema acima para representar uma interpretação para surdocego com quatro profissionais envolvidos no processo.

O *palestrante* apresentado é o enunciador do discurso, a partir dele se inicia o processo de interação, o profissional que faz o processo de tradução/interpretação do discurso proferido para todo o público, o *intérprete feed*

“copia” a interpretação do TILS e o *GI 1* copia do feed para interpretar para o *surdocego*, que recebe também informações complementares por meio do *GI 2* fazendo a comunicação háptica nas costas. As setas interligam todos os envolvidos, porque em um processo que não há passividade, todos interagem e deixam suas marcas.

Assim, a interação abrange uma dimensão maior entre os sujeitos e é importante salientar que, por cada sujeito que o discurso perpassa, ele sofre alterações, pois se levarmos em consideração a valoração da palavra, Ponzio (2010) apresenta a definição de que “a palavra enquanto ato singular e responsável, como considera Bakhtin, vive na relação de alteridade como relação de diferença *não-indiferente*. Trata-se da palavra como ato irrepetível [...]” (PONZIO, 2010, p. 32).

Consideremos, então, que o palestrante faz o seu discurso, o TILS, que está no palco, faz a interpretação para LS, o intérprete feed o “copia”, um GI faz Libras Tátil, o outro GI faz a comunicação háptica e o surdocego recebe o enunciado, após ter passado por estes profissionais.

Consideremos que, por exemplo, o palestrante faça uma determinada entonação e expressão facial, o TILS faz a interpretação com as adequações necessárias utilizando a prosódia e deixando com certeza a sua marca. O intérprete-feed “copia”, embora com a intenção de ser idêntico. Isso, segundo Bakhtin, é impossível, pois o enunciado, mesmo que seja no mesmo momento, a mesma situação, ele não se repete, então, mesmo que inconscientemente, cada um também deixa sua marca e “alterações”. O GI da Libras Tátil, ao “copiar” do feed, faz alterações deixando também a sua marca e o GI da comunicação háptica, que está complementando a Libras Tátil, passará as informações de espaço, cenário, expressões e informações rápidas. Portanto, quando chega o enunciado ao surdocego, chega constituído pelas várias vozes e ele (surdocego), por sua vez, também faz sua interpretação.

Desse modo, podemos analisar esse ato interpretativo como algo de uma dimensão além de uma interação verbal, pois envolve cumplicidade, sintonia entre os profissionais, um precisa estar atento ao fazer do outro e todos se complementam para fazer uma interpretação. Não se trata de um copiar o outro, cada um tem sua função, sua especificidade e importância no ato tradutório.

5.4 O exercício constante da alteridade e exotopia na atuação do TILS e do GI

Bakhtin empreende um movimento exotópico que permite o sujeito criar e dar acabamento à sua obra. Trazendo para o contexto dessa dissertação, é o momento que o TILS deixa de ser interlocutor e passa a ser locutor, dado o excedente da sua visão.

Esse movimento de se deslocar de si permite ao sujeito o excedente de visão, contudo, seu olhar não será igual o olhar de seus outros, considerando a premissa de que cada sujeito tem o seu olhar em relação aos outros.

O outro tem uma visão ampla do eu e o eu consegue ter a visão de acabamento do outro, mas não de si mesmo.

Na perspectiva dessa pesquisa, o intérprete interlocutor e o intérprete locutor são distintos. Por meio de um movimento exotópico, o intérprete interlocutor tem uma visão do ponto de vista intersemiótico sobre o quanto o intérprete locutor constrói o discurso e dá ressignificação a ele por meio de um posicionamento deslocado e carregado de marcas sociais, históricas e ideológicas. O entrevistado Mi é bem claro sobre esse ponto na fala a seguir:

*Eu não acho nem necessário. É fundamental. É essencial. Porque você não fala a partir de si mesmo, você fala a partir do outro. Nós não dizemos que nós traduzimos na segunda pessoa, interpretamos na segunda pessoa?! Nós não dizemos que quando nós estamos interpretando, nós não dizemos, ele está falando. Nós dizemos, **eu estou falando**, porque eu estou dentro dele! Então esse eu estou falando, significa vestir-se dele. (Entrevistado Mi).*

O olhar exotópico do TILS para reconstruir o discurso é carregado de vozes do locutor I. Os elementos que compõem o discurso (silêncio, voz, entonação, expressões), dão tom e sentido ao enunciado. O locutor dá forma ao discurso.

O exercício de se colocar no lugar do outro é visto como sofrer pelo outro, sentir a dor do outro e chorar pelo outro. Do ponto de vista do senso comum, isso seria um ato de fraternidade e de ajuda ao outro. Na perspectiva bakhtiniana, vai além de compadecimento ou de querer sentir o que o outro está sentindo, segundo o autor:

Devo adotar o horizonte vital concreto desse indivíduo tal como ele vivencia; faltará nesse horizonte, toda uma série de elementos que não são acessíveis a partir do meu lugar; assim, aquele que sofre não vivencia a plenitude da sua expressividade externa, ele só vivencia parcialmente e ainda por cima a linguagem das suas auto-sensações internas; ele não vê a tensão sofrida dos seus músculos, toda a pose plasticamente acabada do seu corpo e a expressão de sofrimento do seu rosto [...] A situação vital do sofredor, efetivamente vivenciada de dentro, pode me motivar a um ato ético: para a ajuda, a consolação, uma reflexão cognitiva, mais de qualquer modo a compenetração deve ser seguida de um retorno a mim mesmo, ao meu lugar fora do sofredor, e só deste lugar material da compenetração pode ser assimilado em termos éticos, cognitivos e estéticos; se não houvesse esse retorno, ocorreria o fenômeno patológico do vivenciamento do sofrimento alheio como meu próprio sofrimento, da contaminação pelo sofrimento alheio, e só. (BAKHTIN, 2015, p. 24).

Ao interpretar, o TILS e o GI assumem a posição de locutores, incorporando-os, e voltando ao seu lugar após sua atuação. Eles atuam em uma via de mão dupla onde ora são autores e ora personagem. Os envolvidos nesse processo dialógico exotópico e de alteridade também estão envolvidos em um processo de responsividade responsável, uma vez que interagem entre si e tem a visão do todo, eles criam e tornam a ser locutores, logo, essa relação é o ato responsável que todos podem construir.

Diante do exposto,

Todas as profissões trabalham com outra pessoa, mas eu acho que no intérprete tem que haver essa preocupação maior, uma vez que nós somos “a voz do surdo ou as mãos de um ouvinte”, passando de uma língua pra outra, então eu acredito muito nesse processo de se colocar no lugar do outro no processo de tradução. (Entrevistado Sol).

Corroborando com Bakhtin:

O excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor. Mas para que esse broto efetivamente desabroche na flor da forma concludente, urge que o excedente da minha visão complete o horizonte do outro indivíduo contemplado sem perder a originalidade deste. Eu devo entrar em empatia cm esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele o vê, **colocar-me no lugar dele** e, depois de ter retornado ao meu lugar, completar o horizonte dele como o excedente de visão que deste meu lugar se descortina fora dele, converte-lo, criar para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento. (BAKHTIN, 2015, p. 23, *grifo nosso*).

A citação acima nos auxilia na compreensão de que o processo exotópico inicial requer a contemplação do outro, ou seja, eu preciso ver o outro da forma como ele é. Devo agir com alteridade me colocando no lugar dele, mas voltando ao meu lugar único. Assim, na atuação do TILS e do GI, esse processo exotópico, feito por cada sujeito participante do momento de interpretação, é o ponto de partida para um efeito positivo em que todos os envolvidos negociam com seu respectivo interlocutor e ao mesmo tempo o influenciam.

5.4.1 Alteridade além da profissão de TILS/GI

Na Copa do Mundo de 2014, quando um profissional GI decidiu confeccionar um campo tátil para o surdocego acompanhar os jogos, desde a ideia de confeccionar, as pesquisas para saber como é um campo de futebol, as compras dos materiais necessários para a confecção, os acordos entre os dois GI que fizeram a interpretação Tátil e Háptica, as estratégias selecionadas, enfim, todo processo até a efetivação do projeto, a alteridade, a exotopia e excedente de visão foram sendo praticados como agente transformador e motivador. O fato de pensar no amigo, de querer possibilitar a ele a alegria de acompanhar os jogos da copa, foram inegavelmente exercícios exotópicos e de alteridade.

*[...] eu já tinha visto que os surdocegos acompanhavam os jogos de futebol por um campo tátil. Já tinha visto amigos meus interpretando usando o campo tátil. É... só que, quando eu via, eu não sentia emoção [...] Quando vi, eu percebi que daria pra melhorar a técnica.
[...] Construí o campo tátil dentro do que eu já tinha visto. Mas eu falei, vou colocar mais detalhes aqui, não foi só o quadrado não... Vou colocar mais detalhes, coloquei o quadrado, coloquei as linhas ali do campo e coloquei a trave de futebol de botão. (Entrevistado Si).*

Percebe-se uma preocupação do GI em fazer a interpretação com maior riqueza de detalhes possíveis, o modelo de campo tátil já existia, entretanto, ele via a necessidade de aprimoramento. Ele sabe a limitação que o outro tem, porém, todos os acontecimentos anteriores e o momento sócio histórico o levaram a buscar formas mais precisas de interpretar os jogos da Copa, promovendo ao seu interlocutor a emoção de se sentir incluído e integrado ao meio.

Aí eu falei, como vai ser? Como eu vou assistir o jogo do Brasil?... Quando o Sí me chamou pra ir na casa dele, eu peguei uma caixa de

papelão, pra me orientar por essa caixa de papelão porque eu não sabia que ele tinha feito o campo. Aí minha mãe falou: Nossa! Você vai levar essa caixa velha de papelão. Mas eu levei a caixa porque ele tinha que me orientar de alguma forma. E quando eu cheguei na casa do Sí, eu falei, olha, você vai me orientar por essa caixa. Ele falou, Não, não vai precisar não. Aí ele me deu o campo. Nossa! Eu fiquei emocionado na hora que ele mostrou o campo. Não precisava mais usar a caixa de papelão. O campo realmente foi uma ideia legal. Eu lembro disso. (Entrevistado E).

A caixa de papelão, inicialmente planejada pelo sujeito surdocego, aqui tinha uma valoração, uma significância. Ela enunciava que seria objeto de valor para a concretização da interpretação. A partir do momento em que o campo tátil entra em cena, a caixa toma outro significado. Outro valor e outro sentido são dados a ela. Porém, ela sempre vai existir e vai ter outros significados e outros valores dependendo de onde ele estiver e com qual intenção vai ser utilizada. Como retrata Bakhtin, (1992), “uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (BAKHTIN, 1992, p. 136). Assim sendo, compreende-se que tudo se renova e toma significações diferentes a partir de um determinado momento, um determinado sujeito e uma determinada situação.

Todo esse processo, até chegar ao momento da interpretação, que era o objetivo final, nos remete ao processo de alteridade que permeia todo o trabalho do profissional tradutor/intérprete. Seja na LO, na LS ou em qualquer modalidade, o profissional está em constante ato de interação e mediação, dialogando e se *alterando*. Amorim (2004) diz que “a alteridade sob a forma de diálogo e da citação é, pois, o traço fundamental da linguagem. Não há linguagem sem que haja um outro a quem falo e que é próprio falante; também não há linguagem sem a possibilidade de falar do que um outro disse” (AMORIN, 2004, p. 97). Isto posto, esclarece que o ato tradutório e interpretativo que estamos analisando aqui foi uma marca nítida de que toda tradução/interpretação é um diálogo, uma interação e ato de alteridade. Oliveira (2009) relata que: “É o outro que buscamos na tradução/interpretação [...] A tradução/interpretação é um processo através do qual incorporamos em nós, a alteridade” (OLIVEIRA, 2009, p. 82). Desta maneira, podemos inferir que traduzir/interpretar é sair do seu lugar de “cômodo” para promover “comodidade” ao outro.

5.5 Refletir/refratar na interpretação simultânea

Em consonância com Faraco (2017) “a refração é, desse modo, uma condição necessária do signo na concepção do Circulo. Em outros termos, para o Circulo, *não é possível significar sem refratar*” (FARACO, 2017, p. 54). No processo de interpretação, todos os sujeitos envolvidos refletem e refratam, “a refração é o modo como se inscrevem nos signos a diversidade e as contradições históricas dos grupos humanos” (idem, p. 54).

Todo enunciado é resposta a enunciados anteriores. Em uma enunciação, as palavras são o elo entre o locutor e o interlocutor. Elas refletem e refratam-se, marcando assim cada sujeito envolvido na interação. “Se perdermos de vista a significação da palavra, perdemos a própria palavra [...]. O que faz da palavra uma palavra é a significação” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992). Quando se dirige uma palavra, se dirige a *outrem* e esse outrem não é simplesmente um interlocutor, ele é sujeito ativo, participante do processo.

Toda enunciação mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 98).

Como já assinalamos algumas vezes anteriormente, o ato interpretativo é um ato dialógico, nenhum dos sujeitos é passivo, todos fazem parte da teia de interação. Os sujeitos refletem, refratam, dialogam, interagem, se alternam, negociam e criam acordos de sentidos.

O intérprete é, nesse processo, o sujeito que interage com o locutor e com o interlocutor, por exemplo: palestrante/surdo. Todavia, cada profissional, tem suas especificidades, eles reproduzem os discursos alheios, mas eles deixam as suas marcas.

O entrevistado Mi relata:

Eu já vou descobrindo o dever cumprido pela reação dos surdos quando eu estou interpretando. Então se eles estão lá... verdade, é

isso mesmo, viu só... Eu já vou ficando feliz. Quando eles vão saindo da passividade, eles deixam de assistir a minha interpretação e passam a interagir com a interpretação.

Entrevistado Sol:

E principalmente quando estou trabalhando com o processo de tradução Português/Libras, ou seja, passando da Língua de Sinais o que está sendo falado, o processo de feedback do surdo, leva em consideração que ele está entendendo o que estou dizendo e no final de uma tradução, geralmente a gente tem um contato mesmo que seja mínimo com o surdo. Então quando ele diz: Gostei dessa palestra, achei interessante, tudo isso me faz sentir com o dever cumprido no final de um trabalho.

Entrevistado Si:

[...] Às vezes, cansa. Você diz poxa!! Queria tanto ouvir um elogio, um parabéns, poxa, hoje foi bom. Mas quando está ótimo, eles não falam nada. Então você já sabe que tá ótimo. Mas quando está ruim, eles dão uma dica. Olha, isso aqui tá errado. Mas é humano que está fazendo, então eu saio com essa consciência que eu sou ser humano, tenho trabalhos que eu fiz que foram muito bons, mas não dá pra fazer bom sempre. Eu tenho consciência disso. Tem que ser um certo controle, equilíbrio... não dá pra ser 100%.

A interação entre os envolvidos pode ser considerada como resposta dos interlocutores. O surdo/surdocego/ouvinte vai respondendo à interpretação em todo decorrer dela, seja por uma expressão de silêncio, de movimento corporal, de expressão facial, de um olhar ou um gesto aleatório. Essa reação norteia o trabalho do profissional, uma vez que, *refletir e refratar* no tradutório e interpretativo é muito marcante, pois o intérprete ouve o enunciado, “repete” ou, reflete ao passar para seu interlocutor e deixa a sua assinatura, sua marca e suas decisões, ou seja, refrata.

O fato de haver respostas do surdo/ouvinte em relação à sua interpretação, o faz perceber que sua “assinatura” ficará como marca de um trabalho que, por mais que seja refletido (repetido) o discurso de outrem, ele foi sujeito participante, ativo e determinante em um enunciado único que jamais será repetido por outro sujeito ou em outro momento, não como sujeito mediador, mas como agente participante do momento sócio histórico e na interação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente; toda pessoa é sempre as marcas de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense que está.
Gonzaguinha

Sentir-se inquieto por algum motivo é inerente ao ser humano. Inquietamos pela situação econômica, política ou social do país, por situações particulares e, às vezes, por aquilo que acreditamos não estar ao nosso alcance, o que não podemos solucionar. Todavia, se algo de qualquer natureza nos inquieta, buscamos uma válvula de escape, seja para nos omitir e evitar esforços, seja buscando um método para desatar os nós que nos amarram e buscar as respostas para o objeto de incômodo. Logo, transformamos o incômodo em motivação para sairmos do nosso lugar de conforto e alçarmos um voo em busca das respostas desejadas.

Nem sempre é uma tarefa fácil, inclusive quando o que nos instiga é um tanto complexo, e o desejo pelo seu desfecho nos impulsiona a voar. Às vezes, as turbulências são fortes e precisamos encontrar uma forma de continuar o voo. Ventos fortes podem nos amedrontar, nuvens escuras embaraçam nossa visão e por muitas vezes precisamos recorrer a um segundo plano de voo. Mas o que realmente importa é o destino final, o anseio pela chegada é superior a qualquer dificuldade. Assim ocorreu ao longo dessa pesquisa. Porém, nosso anseio em busca das respostas para nossa inquietação nos fez voar alto e longe para chegarmos a escrever essas considerações.

Norteados pelo pressuposto de que o trabalho do profissional TILS vai muito além da transposição linguística LO/LS e da mediação surdo/ouvinte, da hipótese de que esse profissional ultrapassa a ideia de comunicação entre sujeitos e participa ativamente dos acordos e produção de sentidos na interação, partimos em busca da compreensão do processo de alteridade e produção de sentidos no ato tradutório e interpretativo LO/LS direcionada pela teoria bakhtiniana.

Os resultados apresentados aqui não representam a conclusividade dos fatos. Alguns pontos são apenas a gênese para outras inquietações, tendo em vista que, para Bakhtin, nada é acabado. Para o autor da filosofia do diálogo, não existe a

primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado e ao futuro sem limites). “[...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo.” (BAKHTIN, 2014, p. 410). Assim, novos temas e inquietações surgirão a partir destas considerações.

No decorrer de todo esse trabalho, foram mencionados reiteradas vezes os profissionais TILS e o GI, sujeitos que fomentaram esta pesquisa. São mencionados porque é a partir do seu trabalho que essa investigação se consolida, e partindo do princípio de que viver no mundo da tradução/interpretação é viver num mundo que não é seu, mas que você transita e envolve-se diretamente e/ou indiretamente, senti-me instigada a buscar dados a partir do que lhe é designado e o que lhe compete sobre o que é traduzir/interpretar.

Traduzir, como já foi mencionado no capítulo I, é uma prática antiga e traduzimos continuamente em nossos diálogos quando reformulamos a cada palavra proferida. Ao ouvirmos uma palavra ou vermos um sinal diferente do nosso léxico, buscamos imediatamente uma forma de compreendermos o que está sendo enunciado. Theodor (1986, p. 13) esclarece que “a tradução não visa exclusivamente à passagem de um sistema linguístico para outro, mas alcança até mesmo o campo do próprio idioma”. Logo, estamos traduzindo para a nossa consciência aquilo que nos parece estranho. À luz de Bakhtin (1992) “a compreensão do texto proferido por outrem requer uma refinada interpretação que dialoga com nossa consciência”.

Seria impertinente colocar aqui a tradução como uma forma de transcrever textos de uma língua para outra. Obviamente, quando falamos de tradução/interpretação, falamos também de línguas distintas, mas seria como limitar algo tão imensurável a uma simples tarefa de transcrição. Traduzir/interpretar significa deslocar-se do seu *eu* e olhar o ato tradutório a partir do *outro*. “O tradutor deve sair do seu pedestal e procurar adequar-se à realidade do seu leitor” (BORTEN, 2003, p. 87). Logo, deve vestir-se do outro.

Segundo Magalhães Jr, “interpretar requer agilidade, técnicas e tomada de decisões rápidas. Tanto na interpretação simultânea quanto na consecutiva, não há regras inquebráveis. O objetivo central é comunicar” (MAGALHÃES JR, 2007, p. 97). Não há tempo para debates ou considerações. É necessário agir tendo consciência

de que o ato interpretativo exige responsabilidade. Ao intérprete é concedido o poder de decisão e a tarefa de conduzir o seu interlocutor/leitor à compreensão do discurso. Para tanto, é necessário um preparo psicológico, emocional, linguístico, instrumental, uma imersão cultural, conhecimento específico para cada situação e principalmente estratégia. Interpretar consiste na compreensão da enunciação. Traduzir significa aqui realmente interpretar. “Tradutor é aquele que torna compreensível aquilo que antes era inteligível, e já por isso deve ser encarado como intérprete por excelência” (THEODOR, 1986, p. 13). Para traduzir é necessário antes interpretar. No entanto, alguns estudos das traduções as diferem pela forma como são aplicadas.

O TILS e o GI são os profissionais que fazem tradução/interpretação em LS/LO, LibrasTátil, Comunicação Háptica e Alfabeto Podal. Essas modalidades de comunicação são utilizadas por surdos, surdos com braços amputados e surdocegos. Esses profissionais foram se fortalecendo ao longo do tempo e sua profissão é relativamente nova. A formação específica também é nova e, no caso dos TILS, essa formação, na maioria das vezes, se deu de forma natural, ou seja, de forma involuntária, a partir de trabalhos voluntários foram adquirindo experiências e se tornaram profissionais.

Mesmo com cursos específicos no país para a formação de tradutores/intérpretes, a maioria dos profissionais ainda é formada em áreas distintas. O que leva a muitas interpretações equivocadas, às vezes, por falta de conhecimento, por falta de contato com a cultura surda, por falta de interesse desse profissional em uma formação continuada e por aceitar trabalhos de esferas nas quais não tem experiência. O fato de conhecer a LS e a LP não é o suficiente para um profissional de qualidade: é necessária uma série de fatores que definirão a atuação desse profissional. Em consonância com Bakhtin, “cada época e cada grupo social têm seu repertório de forma de discurso na enunciação socioideológica” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 43). Cada grupo de formas pertencentes ao mesmo gênero, isto é, cada forma de discurso social corresponde a um grupo de temas. Posto isso, o TILS deve ter consciência da esfera social em que irá atuar e se adequar ao aqui/agora que determinará a forma de receber e transmitir o discurso de outrem.

Devido à imposição de diretrizes no que diz respeito à inclusão social e de acordo com Theodor (1986, p. 12/13), “o inter-relacionamento humano, o contato com ‘o outro’ ou ‘os outros’ tornou-se preocupação primordial de muitas ciências: da psicologia, antropologia, filosofia, sociologia, pedagogia”. Partem da ideia de que o *eu* só pode ser convenientemente concretizado pelo *você*, e que o *outro* não é apenas um objeto do *eu*, mas sim parte da instância preponderante, o *nós*. Assim, toda forma de comunicação passa a ser valorizada a partir da função social. Ao sujeito é concedido o direito de se comunicar e interagir. No entanto, uma tradução/interpretação não se restringe somente à comunicação, mas é algo que abrange um universo de possibilidades de contato entre pessoas, línguas, culturas e troca de saberes.

Os sujeitos participantes como entrevistados, nessa pesquisa, decifram as questões postas a eles de forma que nos levam à compreensão de que os objetivos propostos foram alcançados, considerando que o objetivo principal era buscar a compreensão do processo dialógico e exotópico que envolve um ato tradutório e interpretativo; bem como, enxergar a tradução e a interpretação por um prisma além de técnico (léxico, regras e vocabulários), mas a partir da relação *eu/outro* e de produção de sentidos.

A partir dos dados coletados na investigação, faz-se aparente que a relação locutor e interlocutor vai além da mediação linguística. Todos os sujeitos que fazem parte do aqui/agora estão envolvidos no diálogo. Se pensarmos em uma interpretação da LP para LS, *grosso modo*, imagina-se que a interação se limita ao TILS e ao surdo. Analisar o ato interpretativo dessa forma seria colocar limites no processo dialógico que envolve os sujeitos. Em uma interação, repetimos, não há sujeito passivo. Bakhtin nos ajuda a compreender esse processo quando diz que:

O processo da fala, compreendida no sentido amplo do processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. [...] A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior [...] e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação da enunciação. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1992, p. 125).

Portanto, analisando uma interpretação que envolve o palestrante, o TILS, o GI, o Intérprete da Comunicação Háptica (GI), o intérprete feed e o público

(interlocutores), a interação se dá em uma dimensão dialógica imensurável, carregada de vozes e marcas de cada participante do processo, logo, a interpretação é polifônica. Assim sendo, pleitear fidelidade e neutralidade dos TILS requer ponderação.

Rosa salienta que “o compromisso de fidelidade requereria do tradutor a busca de um equilíbrio entre a alteridade e a identidade do original” (ROSA, 2005, p. 65). Ao traduzir/interpretar, o profissional pratica o exercício da alteridade, pois ele tem consciência que o discurso a ser *alterado* (traduzido/interpretado), apesar de não ser originalmente dele, a partir do momento que o transforma e transporta para outra língua, acaba deixando no discurso a sua marca. Bakhtin esclarece que “a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.

O processo *dialógico, exotópico* e de *alteridade* na atuação do TILS e do GI é impreterível, considerando que uma tradução/interpretação é de alguém, direcionada para alguém, feita por alguém. Desse modo, esse movimento é dialógico pela dimensão de interação que há entre os envolvidos e pelos fatores que compõem um ato interpretativo; exotópico, pelo fato de o profissional *sair do seu lugar, ocupar o lugar do outro*, lembrando de *retornar ao seu lugar*; e, de *alteridade*, porque exige que se pense além da transposição linguística... Pois é necessário alterar-se para possibilitar ao outro a compreensão do discurso. Logo, o TILS é um agente que dialoga, que vivencia situações que não são suas, mas que perpassam por suas decisões e alteram-se a partir do outro, pelo outro, pois é o seu público que determina como ele deve atuar em cada situação.

Conforme Theodor: “o tradutor, ao realizar o seu trabalho, deve aspirar a ser o mediador ideal entre o original e o seu público, no sentido da máxima de Goethe: ‘Todas as reflexões verdadeiramente inteligentes já foram feitas; essencial é tentar fazê-las de novo!’” (THEODOR, 1986, p. 10).

Assim, terminamos essas considerações sabendo que há muito mais pra se fazer além do que já foi feito. Então, que façamos de novo para que a *festa da renovação*, que Bakhtin retrata, aconteça da mais bela forma e que traga vozes que renovem a atuação dos TILS de forma a ser cada vez mais carregada de responsividade e consciência. Que o exercício da alteridade e exotopia sejam

práticas vivas em busca da compreensão e da produção de sentidos no momento da sua atuação.

Que nos lembremos de que a prática da tradução, segundo Guimarães Rosa (2003), é “um exercício de estilo, uma pesquisa de interpretação; é um ato de amor, pois é o transferir-se por inteiro numa outra personalidade” (ROSA, 2003, p.19). Conseqüentemente, o TILS não é um sujeito alheio ao executar o seu trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N.A. A tradução de literatura infantil para língua de sinais: os sentidos entre leitura, tradução e contação. In: SILVA, A.A.; RUSSO, A.; ALBRES, N.A. **Diálogos em estudos da tradução e interpretação de língua de sinais**. Curitiba: Prismas, 2016.
- AMORIM, M. A contribuição de Mikhail Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T; SOUZA, S. J; KRAMER, S. (Orgs.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 11-25.
- _____. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2004.
- ARROJO, R. **Oficina de Tradução, a teoria na prática**. São Paulo: Editora Ática, 1986.
- BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N.. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza: Austin, University of Texas press, 1993.
- BARBOZA, H. H. MELLO, A. C. P.T. **O Surdo: Este Desconhecido** – Incapacidade absoluta do surdo-mudo. Rio de Janeiro. Oficina Folha Carioca Editora Ltda, 1995.
- BÍBLIA. **Novo e velho testamentos**. Tradução de João Ferreira de Almeida. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2001.
- BORTEN, E. In: **Conversa com tradutores - balanços e perspectivas**. Organizadores: SOBRAL, A.; BENEDETTI, I.C. São Paulo: Parábola, 2003.
- BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos – chave**. São Paulo: Ed. Contexto. 2014.
- _____. **Bakhtin: outros conceitos – chave**. São Paulo: Ed. Contexto. 2012.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, a Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

Declaração De Salamanca, Espanha, 1994, disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 22 de março de 2017.

_____ **Código de ética do tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais**. 1992. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>. Acesso em 29 de setembro de 2017.

_____ **Resolução CNE/CEB Nº 2, De 11 de Setembro de 2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em 20 de setembro de 2017.

_____ **Lei nº 7.853/89**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7853.htm. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

_____ **Decreto n. 5.626, de 22 de Dezembro de 2005**. Disponível em www.planalto.gov.br. Acesso em fevereiro de 2018.

_____ **Lei n. 10.436, de 24 de Abril de 2002**. Disponível em www.planalto.gov.br. Acesso em março de 2017.

_____ **CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES (CBO)**. 2006. Disponível em <http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/CLASSIFICA%C3%87%C3%83O-BRASILEIRA-DE-OCUPA%C3%87%C3%95ES-MEC.pdf>. Acesso em junho de 2018.

_____ **Lei 12319/10 | Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Disponível em: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/1025011/lei-12319-10>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

CADER-NASCIMENTO, F. A.A.A. Aspectos linguísticos do estudante surdocego da rede pública de ensino do Distrito Federal. **Monografia de Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para estudantes surdos – PSL – LSB**. Brasília: Departamento de Linguística, português e línguas clássicas – LIP, 2016.

CADER-NASCIMENTO, F. A. A. C **Descobrimo a surdocegueira**: educação e comunicação. São Carlos: Edufscar, 2005.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**. Trad. Eliana Aguiar, rio de Janeiro, Record, 2014.

ECHEVERRIA, R. **Ontologia da Linguagem**. Texto A Escuta. Dolmen, 1998.

FARACO, C. A. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2017.

FARIAS, S. S. **Os processos de inclusão dos alunos com surdocegueira na educação básica**. Mestrado (dissertação). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015.

FEBRAPILS. **Código de ética e conduta do Tradutor intérprete e Guiaintérprete de língua de sinais**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B7ZxCOYQ0QJmTUdtZ2xIZHlqQ1U/view>. Acesso em: 19 de setembro de 2017.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

LACERDA, A. C. B. O intérprete de língua brasileira de sinais (ILS). In: LODI, MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**.

Porto Alegre: Mediação, 2012.

_____. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Editora Mediação: Porto Alegre, 1ª edição. 2009.

MACHADO, F.D. **Simetria na poética visual na língua brasileira de sinais**. UFSC, PGET – Florianópolis 2013.

MACHADO, I. **Gêneros discursivos**. In: BRAIT, B. **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

MAGALHÃES, E. **Sua majestade o intérprete**: O fascinante mundo da interpretação simultânea. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MAGALHÃES, F. P. **Gêneros discursivos da esfera empresarial no ensino da Educação Profissional**: reflexões, análises e possibilidades. 2011. 359f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS, 2011.

MARTINS, D. A. **Trajetória de formação e condições de trabalho do Intérprete de Libras** em instituições de educação superior. Dissertação (Mestrado em Educação). Campinas: PUC – Campinas, 2009.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa: encontros de sujeitos, discursos e saberes**. Tese (Doutorado em

Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo 2016.

OLIVEIRA, B. M. **Teste das Modalidades de Tradução Literal e Decalque como indicadores de desenvolvimento da competência tradutória em análise de Corpus**. Trabalho de Graduação Individual: Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

OLIVEIRA-HARDEN, A.R. Portal para a história da tradução: Páginas de rosto do arco do cego. In: SOUZA, G. H. P. **História da Tradução**. Campinas, Pontes Editores, 2015.

OUSTINOFF, M. **Tradução História, teorias e métodos**. São Paulo: Editora Parábola, 2015.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA**, São Paulo, v. 19, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-44502003000300013&script=sci_abstract&lng=pt . Acesso em: abril de 2018.

_____ **A interpretação de conferências no Brasil**: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros. 2010. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-09022011-151705/pt-br.php> Acesso em: abril de 2018.

PEREIRA, M. C. P. **Testes de proficiência linguística em língua de sinais**: as possibilidades para os intérpretes de LIBRAS, Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2008

_____ Interpretação interlíngua: As especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução XXI**, Vol. 1, p. 135-156. Florianópolis: UFSC, PGET, 2008.

PIRES, C. L. **Questões de fidelidade na interpretação em Língua de Sinais**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

PONZIO, A. **Procurando uma palavra outra**. Pedro e João Editora- São Carlos-SP 2010.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de Libras e Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 2004.

- RONAI, P. **A tradução vivida**. 1ª edição, Rio de Janeiro, 1976.
- ROSA, A da S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. 2005. 199p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas.
- ROBINSON, D. **Construindo o tradutor**. Bauru: EDUSC, 2002.
- RODRIGUES, E; BURGOS, M. **Técnicas de Interpretación de Lengua de Signos**. Fundación CNSE, 2001.
- RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Unesp, 2000.
- ROUSSEAU, J.J. **Ensaio sobre a origem das línguas**. São Paulo, Editora abril, 1972.
- SEGALA, R. R. **Tradução intermodal e intersemiótica: português brasileiro para língua de sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis: UFSC- Trindade, 2010.
- SOBRAL, A. **Do dialogismo ao Gênero: As Bases do Pensamento do Círculo de Bakhtin**, 2008.
- STUMPF, M. R. **Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais Pelo Sistema Signwriting: Línguas de Sinais no Papel e no Computador**. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.
- THEODOR, E. **Tradução: ofício e arte**. 3. Ed. São Paulo: Cultrix. 1986.
- VASCONCELOS, M. L. Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (TILS) na Pós-Graduação: a afiliação ao campo disciplinar “Estudos da Tradução”. **Cadernos de Tradução**. v. 2, n. 26. Florianópolis. 2010. Disponível em: Acesso em: 24 de março de 2018.
- VYGOTSKI, L. S. Problemas de método. In: VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.